

VANESSA CRISTINA DIAS

Dissertação-ensaio com e
sobre o erótico: experiências
estéticas e poéticas por
meio de uma escrita de si

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO

Vanessa Cristina Dias

**Dissertação-ensaio com e sobre o
erótico: experiências estéticas e poéticas
por meio de uma escrita de si**



Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

D541d Dias, Vanessa Cristina

Dissertação-ensaio com e sobre o erótico [recurso eletrônico] : experiências estéticas e poéticas por meio de uma escrita de si / Vanessa Cristina Dias ; Aline Accorssi, Ursula Rosa da Silva, orientadoras. — Pelotas, 2024.

169 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Eros. 2. Subjetividade. 3. Corpo. 4. Artes visuais. 5. Educação. I. Accorssi, Aline, orient. II. Silva, Ursula Rosa da, orient. III. Título.

CDD 370

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Vanessa Cristina Dias

Dissertação-ensaio com e sobre o erótico: experiências estéticas e poéticas por meio de uma escrita de si¹

Dissertação aprovada como requisito para a obtenção de título de mestre em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 29/08/2024.

Banca examinadora:

Prof^{ta}. Dr^a. Aline Accorssi (Orientadora)

Doutora em Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.

.....

Prof^{ta}. Dr^a. Ursula Rosa da Silva (Co-orientadora)

Doutora em Educação - Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Brasil.

.....

Prof^{ta}. Dr^a. Maria Manuela Garcia

Doutora em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

.....

Prof^{ta}. Dr^a. Carolina Rochefort

Doutora em Educação - Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Brasil

.....

Prof^{ta}. Dr^a. Thays Tonin

Doutora em Artes Visuais - Università degli studi della Basilicata, Itália

.....

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



Para Jacqueline.

Agradecimentos.

Ao meu parceiro de vida, meu companheiro Ranieri, agradeço por ser ao mesmo tempo âncora e brisa. Você me impulsiona a seguir sem perder de vista nossa família. Obrigada pelo encorajamento e paciência durante um processo acadêmico tão díspar dos anteriores.

Agradeço às minhas queridas e maravilhosas orientadoras Aline Accorssi e Ursula Rosa da Silva. Sou vivamente grata por terem me acolhido em tantos momentos e por terem acreditado em mim e na pesquisa mais do que eu mesma em alguns momentos. Agradeço a atenção e o cuidado comigo e com o trabalho e, por termos fortalecido nossos laços em uma vida universitária por vezes tão rígida.

Agradeço aos Grupos de pesquisa: Caixa de Pandora, que acompanho e me acompanha a tanto tempo e do qual tenho profunda paixão e gratidão; ao Humanitas que me mostra as diversas possibilidades acadêmicas e me ajuda a complexificar e expandir meu sentir e meu pensar; e, em especial ao Mariposas, grupo coordenado pela minha orientadora, Aline Accorssi, a qual me mostrou como o trabalho de orientação pode ser lindo e coletivo, com diversos pontos de vistas in(ter)disciplinados. Estudar com vocês me encanta, obrigada a todas a pessoas por constelarem comigo na paisagem acadêmica.

A cada professor e professora que eu tive a honra de fazer bons encontros ao longo da minha formação de mestrado. Em específico, a minha banca, composta pelas fantásticas professoras Maria Manuela, Carol e Thays. Agradeço imensamente as colaborações, ao acolhimento e a generosidade com que se debruçaram nesta pesquisa.

Às mulheres de minha família, Jacqueline Cristina (*In memoriam*), Cláudia Regina, Mariana, Sônia Maria, Zaira e Ofélia (*In memoriam*) por terem me inspirado na vida e na pesquisa.

Aos meus muitos e muitas amigos e amigas. Eu amo vocês!

Agradeço ao PPGE pela oportunidade de cursar um mestrado em Educação em uma instituição pública e de qualidade. E, à CAPES pelo fundamental auxílio financeiro. O meu muito obrigada.



Figura 1: Vanessa Cristina Dias, **gérmen**, 2024. Fotografia digital. Fonte: Acervo da artista.

Resumo.

DIAS, Vanessa Cristina. Dissertação-ensaio sobre o erótico: experiência estética e poética por meio de uma escrita de si. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024. 169p.

A pesquisa de tom ensaístico e experimental, busca investigar o erótico como um conceito filosófico. Utiliza-se uma metodologia que mistura teoria e prática, baseada nas experiências da pesquisadora (Miñoso, 2020), elaboradas por meio de uma escrita de si (Pereira, 2018), têm como objetivo explorar como o erótico pode ser operacionalizado por meio da estética e da poética, ao invés de ser limitado a visões convencionais, como as sexuais, patriarcais, racistas, etc. A pesquisa enfatiza a importância de integrar a experiência corporal e sensível ao processo de constituição subjetiva de si e promove uma crítica aos abusos e violências do regime colonial-capitalístico (Rolnik, 2018). Em seguida, busca-se ressignificar o Eros/erótico para além da sexualidade, tomando-o de modo ampliado e, intentam-se novas formas de sentir, pensar e agir em consonância com o erótico compreendido como satisfação, prazer e gozo consigo e com outras pessoas. A autora desafia as normas acadêmicas tradicionais de se fazer uma pesquisa ao procurar operacionalizar o erótico ampliado por meio da escrita poética e da experiência estética com imagens. Por fim, entende-se que as operações eróticas devem ser realizadas em devir, já que o mundo é imprevisível e as tensões se alteram ao longo do tempo.

Palavras-Chave: Eros; subjetividade; corpo; artes visuais; educação.

Abstract.

DIAS, Vanessa Cristina. Dissertation-essay with and about the erotic: aesthetic and poetic experience through self-writing. Dissertation (Masters in Education) – Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024. 169p.

This essayistic and experimental research seeks to investigate the erotic as a philosophical concept. The research employs a methodology that blends theory and practice, based on my experiences (Miñoso, 2020) elaborated through a self-writing (Pereira, 2018), with the aim of exploring how the erotic can be operationalized through aesthetics and poetics, rather than being limited to conventional, sexual, patriarchal, racist, etc. views. The research emphasizes the importance of integrating bodily and sensitive experience into the process of self-subjective constitution and promotes a critique of the abuses and violences of the colonial-capitalistic regime (Rolnik, 2018). It then seeks to reframe Eros/erotic beyond sexuality, taking it in an expanded sense, and aims for new ways of feeling, thinking, and acting in alignment with the erotic understood as satisfaction, pleasure, and joy. The author challenges traditional academic norms of conducting research by attempting to operationalize the expanded erotic through poetic writing and aesthetic experiences with images. Finally, it is understood that this operation must be carried out in becoming, as the world is unpredictable and tensions change over time.

Keywords: Eros; subjetivity; body; visual arts; education.

Lista de Figuras.

Figura 1	Vanessa Cristina Dias, gérmen , 2024. Fotografia digital	07
Figura 2	Lygia Pape, o ovo , 1968. Fotografia	28
Figura 3	Vanessa Cristina Dias, o que pode um corpo? 2024. Fotografia com intervenção digital	30
Figura 4	Vanessa Cristina Dias, sorvedouro , 2024. Verbetes digital	60
Figura 5	Vanessa Cristina Dias, sem título , 2018. Fotografia digital	65
Figura 6	Bruna Alcântara, qual é a sua dor? 2022. Lambe	94
Figura 7	Adrianna Eu, pequenas imensas bandeiras , 2019. Madeira e bordado sobre tecido	105
Figura 8	Vanessa Cristina Dias, entrelugar , 2024. Fotografia digital	107
Figura 9	Raisa Christina, quando ocorre o impulso elétrico , 2023. Aquarela e guache sobre papel vegetal e mapa	111
Figura 10	Vanessa Cristina Dias, ruínas da modernidade , 2024. Fotografia de pixo	114
Figura 11	Vanessa Cristina Dias, ampliar o erótico , 2024. Bordado sobre tecido	116
Figura 12	Vanessa Cristina Dias, outras pessoas sentem , 2024	123
Figura 13	Atividade realizada no estágio, 2019. Guache em papel pardo	128
Figura 14	Thereza Nardelli, matar a culpa salvar o desejo . Bandeira	130
Figura 15	Lenora de Barros, poema , 1979. Impressão sobre papel algodão	132
Figura 16	Vanessa Cristina Dias. encarnada , 2018-2024. Fotografia digital e bordado	133
Figura 17	Vanessa Cristina Dias, trabalho escolar, 1999	134

Figura 18	Vanessa Cristina Dias, algodão-doce , 2024. Bordado, aquarela e algodão sobre tecido de algodão	135
Figura 19	Fotografia analógica, 1996	136
Figura 20	Vanessa Cristina Dias, trabalho escolar, 1999	136
Figura 21	Pam Fogaça. bulbo, ou o que brota nas ruas . Exercício performático e colagem digital, 2020	138
Figura 22	Coletivo Cuidado Louças, cozinhar-te . 1980. Instalação	139
Figura 23	Julia Pema, nós . 2021. Frames de vídeo-performance ...	141
Figura 24	Adrianna Eu, um garimpo de si . 2022. Instalação	143
Figura 25	Vanessa Cristina Dias, aqui pulsa vida , 2024. Fotografia digital de pixo	152
Figura 26	Vanessa Cristina Dias, patuá erótico , 2024. Saquinho de algodão 5x5cm com bordado	164
Figura 27	Entrega dos patuás eróticos, 2024. Fotografias da banca	167
Figura 28	Entrega dos patuás eróticos, 2024. Fotografias da banca	168

Sumário.

ECLODIR. 1. O germe e o ainda antes dele: uma pesquisa com e sobre o erótico	13
1.1. Poética & Estética.	29
1.2. Impasses e impulsos do erótico.	45
LARVAR. 2. Caminhar rumo a metamorfose: das problematizações sobre o erótico no tempo presente	55
2.1. Atos de devoração.	58
2.2. Regime colonial-capitalístico.	88
RECLUIR. 3. Paragem necessária: suspender o corpo, as ideias e a lógica	95
IDEAR. 4. Nós e enlaces do erótico ampliado: experimentar de outros modos	101
4.1. Te-ser a metamorfose.	104
4.2. Paisagem imago-erótica.	118
DEVIR. 5. Outras metamorfoses: viver eroticamente	144
Referências.	153
Anexo. Patuá erótico.	164

1. ECLODIR.

**O germe e o ainda antes dele:
uma pesquisa com e sobre o erótico**

“Excluir sensações e percepções do processo de construção de conhecimento é um equívoco, já que elas também proporcionam uma concepção válida de realidade”.

Irene Tourinho

Assim como eu, essa pesquisa foi se metamorfoseando continuamente. Encontrei e desencontrei o erótico muitas vezes, na vida e na pesquisa. Se perder em outros voos, errar, também é exercício importante. A imprevisibilidade se impõe e, tanto eu quanto esta dissertação-ensaio, nos colocamos diante da possibilidade de remanejamentos, de modo que nos emaranhamos processualmente a fim de reflexionar e criar. O erótico como tema, não dá respostas fáceis. Poderia aqui florescer, dizer que o caminho para compreendê-lo foi prazeroso o tempo todo. Sempre honesta, jamais omitiria a dor processual. Vísceras expostas! É com elas que teço, desde muito antes dessa pesquisa, essa pesquisa.

Ao longo de meus 32 anos de vida, vivi situações extremas que me levaram a sentimentos diversos, profundos e, muitas vezes, arrebatadores. Sentir-se tomada. Tomada por frustrações, confusões, incompreensões, raiva, desespero e solidão. O reconhecimento de um erótico foi, para mim, uma virada, uma guinada por outros percursos que jamais poderia sonhar em atravessar. Com ele, pude ressignificar experiências passadas e pude compreender meu lugar no mundo no presente. Do que me sinto e penso ser digna? Antes, essa pergunta nunca vinha sem uma resposta dolorida. O abafamento de minhas potências concretizou uma espécie de limbo de difícil transposição.

Por essa e outras razões que exponho mais adiante, “Escrevo sobre Eros desde Eros” (Canseco, 2022, p. 111).

Mesmo depois de anos nesse ciclo, me encontro em processo de transgressão, de transmutação, assim como as borboletas². Recorro metaforicamente as fases da vida dessas belas criaturas para construir esta pesquisa que tem como fio condutor minhas próprias experiências com o erótico, enquanto sujeito socialmente constituído como mulher cisgênero, de pele branca, cuja sexualidade e a composição familiar são desviantes. Além disso, por vontade, estou constantemente me forjando professora, pesquisadora e artista visual, mas que acima de tudo, se coloca na qualidade de aprendiz. Desejo, desfruto e vivencio incômodos e prazeres de não estar situada em apenas uma área do conhecimento, me constituindo como nômade.

Existem grandes fronteiras acadêmicas entre Ciências, Artes e Humanidades. Áreas que nos circundam dentro da universidade, mas que, muitas vezes, não nos é encorajado estabelecer diálogos entre elas. Em contraposição, as teorias pós-estruturalistas, teorias de gênero e, mais recentemente, as teorias *queer* e de(s)colonial, têm se esforçado para borrar e diluir as usuais divisas entre estes campos do conhecimento, principalmente quando o assunto é corpo (Medeiros, 2020), como é o caso desta pesquisa. Construo vínculos entre áreas, em um permear ramificado, propondo in(ter)disciplinar Artes, Educação e Filosofia.

² Vanessa, meu primeiro nome, é também o nome dado a um gênero de borboletas. Seres que carregam o simbolismo da mudança, da renovação e da libertação.

Educação aqui é entendida num amplo espectro, que toca toda a minha formação, como um todo. A educação é um processo que se dá na própria vida (Dewey, 1979). Minha relação com a educação também foi metamorfoseada. Recheada de nuances, me conectei com ela através das artes que, de modo geral, impulsionam os sentires. Sem sentir, não há possibilidade de se afetar e, por isso, de compreender com interesse um determinado tema. É o campo da estética que permite pensar na experiência sensível como uma experiência educativa que atravessa os ambientes da educação formal, mas acontece primordialmente, no corpo e na vida. Um exemplo, é a experiência sensível que pode acontecer por meio das imagens das artes visuais, mediante a qual, os pensamentos encontram as sensações, configurando a indissociável conexão entre inteligível e sensível.

Se falta corpo na educação formal (Velo, 2019), é porque nos espaços institucionais “o corpo tem de ser anulado, tem que passar despercebido” (hooks, 2013, p. 253). **E sem corpo não há erótico.** O que me permite indagar: Em quais espaços nossos corpos podem estar presentes e ativos em toda sua potencialidade sensível e inteligível? Em quais podemos nos abrir a sensações ou nos expressar para além do racional? A verdade, é que as coisas estão interligadas. Essa falta de corpo tem relação com o fato de o erótico ter sido deturpado pela lógica patriarcal e racista (Lorde, 2019), a lógica do colonizador. Um ideal que nos conduz a supressão do erótico (Lorde, 2019), em detrimento da mera reprodução de um Eros agonizado (Han, 2017) e “técnico” (Preciado, 2018a) a fim de gerirmos a nós, nossas

subjetividades, prazeres e desejos mercadologicamente como empresários de si (Foucault, 2008a; Han, 2017).

É fato que nas artes visuais há corpo, principalmente em termos de representação. As imagens calcam representações diversas, como as de gênero, sexualidade, raça, classe, posição geográfica e até de erótico. Mas como o erótico vem sendo apresentado e significado? Em que termos? Apenas alusivos à sexualidade?

No ano de 2021, realizei meu trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais – licenciatura, intitulado ‘Evocando o Erótico: Imagens de Ana Harff, Liam Woods, Tee Corinne e Zanele Muholi a partir de um olhar feminista’. Nele, me propus a pesquisar se o erótico presente nas fotografias de artistas elencadas para o trabalho, seria capaz de produzir subjetividades. Durante a feitura, me vi presa ao entendimento comum de erótico. Já tinha vontade de transpor essa compreensão, por isso, tentei buscar imagens que evocassem o tema por outro viés, o feminista e *queer*. A saída foi priorizar obras que não focassem apenas nas genitálias, como comumente vemos em termos de arte erótica ou de pornografia na arte. No entanto, nesse primeiro momento, não foi possível me desgarrar totalmente do senso comum. A falta de explorar o erótico enquanto um conceito filosófico que fosse além do estabelecido no imaginário social, se tornou ao mesmo tempo um desconforto e uma demanda, que me instigaram a continuar a investigar.

À vista disso, o objetivo geral desta pesquisa é **investigar e refletir como o erótico pode ser operacionalizado por meio de experiências poéticas e estéticas frente aos modos de subjetivação**

dominantes, a fim de propor outros modos de sentir e pensar. E especificamente: **compreender criticamente alguns modos pelos quais nossas subjetividades foram e são constituídas no ocidente em relação ao erótico e, problematizar os modos de ser, sentir e pensar no tempo presente.**

O erótico vem sendo tema e objeto de diversas obras e pesquisas³ e há relações de poder e saber que constroem o conceito de erótico (Domingues, 2015). As referências sobre o assunto que chegaram a mim, em maioria, são de homens europeus que produziram intelectualmente durante a modernidade. Entrei em contato com alguns desses escritos e percebi que as rotas oferecidas não eram exatamente as que gostaria percorrer. O problema, é que esses autores são altamente recomendados na Universidade e as autoras e os autores que opto por trabalhar, não estão no mesmo patamar. Acontece que tudo que não está estruturado em termos de legitimidade acadêmica, tem grandes chances de ser classificado como inferior.

Isso se dá, pois a lógica que organiza as universidades é a ocidentalizada, e hierarquiza saberes e modos de se fazer uma pesquisa. Há um estímulo para que produzamos de forma neutra e imparcial. Se nos opomos a essa estrutura, afirmando nossa parcialidade, podemos ser relegadas/os a falta de seriedade, em que os saberes investidos não são vistos como saberes legítimos (Foucault,

³ Eros e Civilização Hebert Marcuse, Homo Eroticus de Michel Maffesoli, O erotismo de Georges Bataille, Além do princípio de prazer e A interpretação dos sonhos de Sigmund Freud, são alguns exemplos. No Brasil, destacam-se as pesquisas de autoras/es como: Joel Birman, Maria Filomena Gregori, Eliane Robert de Moraes, Afonso Medeiros, entre outras/os.

2008b) ou como ciência (Grosfoguel, 2016). Tal lógica está imbricada nas universidades brasileiras pois, nelas somos ensinadas/os a colocar “molduras e metamolduras ao redor dos escritos” (Anzaldúa, 2000, p. 230). São esses enquadramentos que permitem, muitas vezes, o reconhecimento da escrita como científica. Devemos seguir um formalismo específico para nos sentirmos pertencentes a estes espaços e termos maiores chances de sermos lidas/os e escutadas/os. Contudo, muitas produções teóricas vêm buscando estabelecer outras epistemologias, como é o caso da mexicana Gloria Anzaldúa (1942-2004), que nos convida para que deixemos as normas acadêmicas que nos enrijecem, e que possamos sentir nossos caminhos sem anteparos (Anzaldúa, 2000).

O que vem de baixo, das profundezas de terras arrasadas me interessa mais. É o menor, o ínfimo, o inferior e o inferiorizado que têm – e não é de hoje – maior atenção e ativação de meu corpo. Na tentativa de realizar “não através da retórica, mas com sangue, pus e suor” (Anzaldúa, 2000, p. 235), **o exercício de teorizar, que é também uma experiência corpórea** (Greiner, 2005) e, por isso, estética e porque não, poética. Com minha pele e minha carne, meus órgãos, procuro reconhecer certas lentes coloniais e neoliberais e me lançar na teorização tornando minha escrita, um “ato de coragem - um ato de risco e ousadia” (hooks, 2019, p. 31) frente ao instituído.

Se “a verdade é uma invenção, uma criação” (Paraíso, 2012, p. 27), e, se há sempre disputas teóricas, como parte da luta de construir versões próprias de “verdade”, me autorizo aqui a teorizar o erótico ancorada em autoras/es que se alinham à de(s)colonialidade, aos

feminismos ou são aliadas/os no enfrentamento às opressões colonizantes e capitalistas. O que por consequência, implica um posicionamento de parcialidade, na recusa da neutralidade, de forma que, os discursos⁴ aqui trabalhados produziram e vêm produzindo, não só práticas em minha própria vida, mas pretende também, produzir práticas nas vidas de quem me lê. Como sujeito corporificado, me coloco como favorável e engajada com os conhecimentos situados, que são aqueles saberes descentralizados e deslegitimados em detrimento dos saberes hegemônicos. Ao falar desde o Brasil, uma região subalternizada no mundo globalizado e hierarquizado; ao me localizar no Sul do Sul do território brasileiro, distante dos centros urbanos mais legitimados do país; e ainda, enquanto mulher cis; falo, penso e sinto a partir de certas periferias e abismos, pois há nisso, grande valia (Haraway, 2009). Destarte, procuro assumir uma postura crítica, audaciosa e desobediente ao tecer um trabalho que embaralha a lógica científica academicista e que oferece um outro olhar sobre o erótico que possa cambiar nossos modos de sentir, pensar e agir no mundo.

Enquanto sujeitos que não são dados, fixos, fechados, nem muito menos um bloco acabado, podemos nos metamorfosear em diferentes níveis a depender dos atravessamentos, acontecimentos,

⁴ O discurso a partir de Michel Foucault institui um campo de objetos e pode ser pensado em termos de produtividade, de objetos, práticas, significados e sujeitos. Ele estabelece diferenças, exclusões, verdades, entre tantos outros. Seus efeitos práticos se dão na forma que os indivíduos se compreendem, se constituem e compreendem e constroem o mundo a partir de tensões e interpelações que moldam os papéis sociais, por exemplo (Foucault, 2008b; 2014).

encontros, entre outros, que possibilitam nossa formação subjetiva. Luto com minhas palavras e ações nesta pesquisa in(ter)disciplinar, contra certas positivações modernas, como a do sujeito puramente racional, as noções de unicidade e universalidade, as metanarrativas, a linearidade histórica, a noção de progresso e a visão realista de conhecimento (Paraíso, 2012). Desse modo, questiono:

Como operar o erótico por meio de experiências poéticas e estéticas, contra os modos de subjetivação dominantes contribuindo para outros modos de sentir e pensar?

Ao aproximar estética da metodologia, me volto à compreensão de que a estética “se desgarrar do pensamento romântico sobre o belo e retoma a relação arte e vida vivida, situando práticas, sentimentos e reflexão num todo integrado na experiência cotidiana, seja real ou virtual” (Tourinho, 2012, p. 233), em outras palavras, não há separação entre racionalidade e sensibilidade, pensamento e prazer. Incorporo esses preceitos na busca por construir esta dissertação-ensaio (po)ética, teórica e desobediente.

A metodologia é tomada na medida que se compromete com outras formas de entender e produzir saberes. Refiro-me a “algo como um conjunto de procedimentos de investigação” e reflexão pautados, especialmente nos prazeres, “sem maiores preocupações com regras práticas aplicáveis a problemas técnicos, concretos” (Veiga-Neto, 2007, p. 17). Descarto o “rigor” metodológico e engendo meu corpo que “não entende a linguagem do método [...] só entende a linguagem da estética” e da poética (Alves, 2011, p. 17), sem neutralidade, me posicionando ativamente no processo de tessitura da pesquisa.

Pensada pela dominicana Yuderkys Espinosa Miñoso (1967), a “metodologia” escolhida é a da “**experiência como arquivo**” (Miñoso, 2020, p. 121), a partir da qual é possível realizar uma *ontologia crítica do presente*⁵ (Miñoso, 2020). Ela utilizou esse modo de pesquisar a fim de investigar como o feminismo se constituiu na América Latina, partindo de uma crítica feminista do presente que tem como base a genealogia e a arqueologia foucaultianas como ferramenta. Trata-se de um modo de construir a pesquisa, que deve desvelar discursos e práticas que nos conduziram às atuais conformações sociais, políticas, culturais etc., com foco nos efeitos da modernidade e da colonialidade sobre pessoas latino-americanas. A proposta da autora formula uma teoria e, principalmente, uma prática feminista e decolonial, porque para ela, “toda ação é fundamentada em interpretações do mundo, que por sua vez prescrevem o mundo” (Miñoso, 2020, p. 111).

Miñoso (2020) explicita a necessidade de, se não o somos, nos tornarmos arquivistas, cartógrafas, a partir de nossas experiências desde a América Latina. Então, A ideia de arquivo que a autora levanta, vêm também de Foucault (2008b), em que o arquivo “é o sistema, a louca lei, que nos permite achar espectros, elementos significantes, na poeira, naquilo que restou de uma experiência irrecuperável” (Pedrosa *et. al.*, 2018, p. 21). Ou seja, por arquivo compreende-se uma “coleção de enunciados” possíveis, frente a experiência estética. Ao criar um arquivo, criam-se novas possibilidades de ler e enunciar um

⁵ Trata-se de uma “investigação histórica através dos eventos que nos levaram a nos constituir a nós mesmos, a nos reconhecer como sujeitos do que fazemos, pensamos, dizemos” (Foucault, 1994, p. 612).

determinado tema. No caso deste trabalho, são novas possibilidades de ler e enunciar o erótico, dado que “o arquivo cria o acontecimento, uma arqueologia do saber” (Tonin, 2022, p. 12).

No entanto, “existe uma coisa que escapa a esse arquivo físico: o exercício sistemático de conscientemente fixar nas lembranças uma memória de afetos, de imagens, de sentimentos, mas também de palavras ditas e silêncios, de análises compartilhadas em jornadas de reflexão política ou tardes de (re)encontros com as amigas, e de discussões acaloradas com meus antagonistas de então e de agora” (Miñoso, 2020, p. 120). É a experiência estética que escapa, e por isso, minha ênfase aqui, são justamente as experiências que partem do meu corpo. Deste modo, proponho utilizar este “método”, a fim de mergulhar nas intensidades de meu tempo, e **“dar língua aos afetos que pedem passagem”** (Rolnik, 2016, p. 23, grifo meu). Pois, é o meu corpo que se movimenta por territórios físicos e virtuais, que elabora as experiências, e que por meio delas, torna possível redesenhar os mapas da realidade (Pereira, 2018), pois “Cada corpo concentra imagens e palavras (re)elaboradas conforme sua dinâmica de interação com as outras imagens e palavras que o circundam e perpassam” (Pereira, 2018, p. 44). Então, ao fazer o uso desse modo de investigar, os marcadores sociais como sexualidade, gênero, raça, classe, entre outros, devem ser considerados.

A experiência é o *corpus*, o “documento substancial e fundamental” (Miñoso, 2020, p. 121) que carece de ser narrado nas teorizações. Por isso, realizo a elaboração de minhas experiências por meio de uma **escrita de si** (Pereira, 2018) que “mescla de ficção e

autobiografia, é uma vertente fundamental para o aprendizado da descolonização da palavra, ainda tão fortemente atada aos princípios racionalistas, economicistas e cientificistas – velhas ficções ocidentais – que nos limitam o olhar e a apreensão das nossas necessidades reais” (Pereira, 2018, p. 55). Logo, é possível perpassar pelo “exercício organizacional da própria subjetividade atravessada por imagens e discursos, experiências e fatos, alheios e próprios, em um mundo cada vez mais interconectado” (Pereira, 2018, p. 53). Desse modo, considero-me enquanto sujeito, ante as relações interpessoais, com o meio e comigo mesma. E apesar de partir sempre de quem realiza a pesquisa, quem se propõe a utilizar o método, têm como crucial costurar alguns diálogos com a alteridade, aliada a compreensão crítica de que existem, nem melhores ou piores, apenas experiências diferentes.

A escrita é o *locus* das lembranças reatualizadas. **“Importa quais histórias contamos para contar outras histórias; importa quais nós amarram nós, quais pensamentos pensam pensamentos, quais descrições descrevem descrições, quais laços enlaçam laços. Importa quais histórias fazem mundos e quais mundos fazem histórias”** (Haraway, 2023, p. 29, grifo meu). Partindo deste movimento de escrita, promovo “la relación entre ciertas imágenes y conceptos y mi propia experiencia y psique, fusiono narrativas personales con discursos teóricos, viñetas autobiográficas y prosa teórica” (Anzaldúa, 2021a, s/p). Ou seja, conecto experiências pessoais com algumas realidades sociais, teorizando sobre essa atividade. Uma forma de inventar e produzir conhecimento, que borra as fronteiras entre o público e o privado (Anzaldúa, 2021a). Até

porque, não escrevo sozinha, essa tarefa me seria impossível. Outros corpos sensíveis e pensantes atravessam meu processo de escrita, à exemplo de meus afetos mais íntimos, pessoas amigas e grupos de estudos e pesquisa em que partilhamos e debatemos ideias.

À vista disso, as experiências aqui são elaboradas, não se convertem em prova. Também não se pretende um tipo de “*coachismo*” ou uma versão atualizada dos livros de autoajuda, mas em crítica à dominação, na busca por formular outros modos de sentir, pensar e viver, sem esgotá-los. No processo investigativo e reflexivo, recorro a imagens produzidas por mim e outras artistas visuais junto à construção do texto, que tem prioridade. Convido quem me lê a olhar para as imagens na abertura ao sentir e ao diálogo reflexivo com elas. Entrar em contato com as imagens e de algum modo, as ler, é além de um fazer, uma elaboração estética e cognitiva, uma experiência que desperta outras visões de mundo e ordens valorativas a partir da sensibilidade e da interpretação.

Vivemos numa cultura em que impera o visual, somos bombardeadas/os por imagens e priorizamos o ver. São elas, as imagens que têm a capacidade “de transformar, de pôr em movimento, de dinamizar os valores e conteúdos culturais” (Maciel, 2018, 202). Com elas, “[...] aprendemos mais do que conscientemente reconhecemos” (Tourinho, 2012, p. 249). Todas as imagens (materiais ou imaginárias) “nos produzem, nos significam, nos sonham” (Loponte, 2005, p. 56). Elas configuram subjetividades individuais e coletivas (Arfuch, 2006).

As imagens enquanto obras de arte que movimentam o erótico, não correspondem aos estatutos de arte erótica ou de pornografia⁶, mas auxiliam a operar o conceito de erótico em sua potência poética e estética. O mesmo acontece com a escrita, que não necessariamente corresponde ao estatuto de literatura erótica ou pornográfica⁷. Nesta direção, toda a produção acontece na intenção de “entrar no jogo da disputa por produção de sentidos sem jamais perder a poesia” (Paraíso, 2012, p. 40). Trata-se de um modo de pesquisar que une alegria e dificuldade pois, possibilita experimentar, inspirar, articular, multiplicar etc. e, demanda empenho frente a complexidade de fissurar (mesmo que minimamente) com o já estruturado sensível e cognitivamente. Todo esse trânsito exige abertura dinâmica para tentar “ver, sentir, escutar, falar e escrever de modo distinto” (Paraíso, 2012, p. 40).

Se começo a ficar mais confortável com a posição de pesquisadora, algo que vem acontecendo gradual e timidamente, me falta ainda, alcançar algum conforto com a posição de artista. Quando falo em poetizar, não me refiro a produção só das imagens deste trabalho, mas que me lancei diante de exercícios poéticos em diversas linguagens. Se tornar artista, é processualmente complexo e demanda tempo. Não forço, nem imponho. Não atropelo meu processo de construção subjetiva enquanto artista pois, esse tipo de ação forçada diz respeito a antítese do erótico. Das imagens que fiz e que aqui aparecem, não o fiz com a pretensão de ser artista de galerias e museus,

⁶ Me refiro a todo tipo de pornografia, desde a comercial, à subsidiada nas artes visuais em geral, como a pós-pornografia, por exemplo. Ver Preliminar II.

⁷ Ver Preliminar II.

mas de recuperar minha potencialidade poética adormecida há muitos anos. Mesmo porquê, as *Guerrilla Girls*⁸ muito bem denunciaram o excesso de problemas com os quais temos de lidar se desejamos de fato ser artistas participando do majestoso ‘mundo da arte’.

Vale assinalar que, dando sequência aos meus esforços de pesquisa ao longo dos últimos 7 anos, este é mais um trabalho acadêmico engajado, em que mergulho em temas e teorias que esbarram nos “perigos contemporâneos” (Foucault, 1995, p. 256). Mergulho nas minhas emoções, nas minhas paisagens existenciais. Agarrada nelas, problematizo e enfrento de algum modo, o *status quo*, com a consciência de que, principalmente nos dias de hoje, “tudo é mesmo muito perigoso” (Fischer, 2002, p. 93). Encaro os assombros, pois sei que “se há poder, há resistência” (Foucault, 2020a).



⁸ Coletivo de artistas feministas anônimas fundado em Nova York no ano de 1984. Elas usam máscaras de gorilas, denunciar politicamente o machismo, o sexismo e o racismo nas Artes Visuais.

Dividi o trabalho em seis partes, a primeira trata-se desta introdução, na qual assento a proposta e a metodologia utilizada e, depois debato estética, poética e o erótico em termos teóricos. Com a eclosão das intenções, passo à fase larval, na qual problematizo as dores e abusos da contemporaneidade que limam o erótico. Rumo a metamorfose, suspendo o corpo, as ideias e a lógica e me lanço em pequenos devaneios. Em seguida, na busca por ampliar o erótico, teço meu corpo a uma paisagem erótica. Por fim, realizo algumas considerações sobre as operacionalizações eróticas que realizei.



Figura 2: Lygia Pape, **o ovo**, 1968. Fotografia. Fonte: Site da artista.



1.1. Poética & Estética.

“Antes de explicar, temos que aprender a sentir”.

Marly Ribeiro Meira

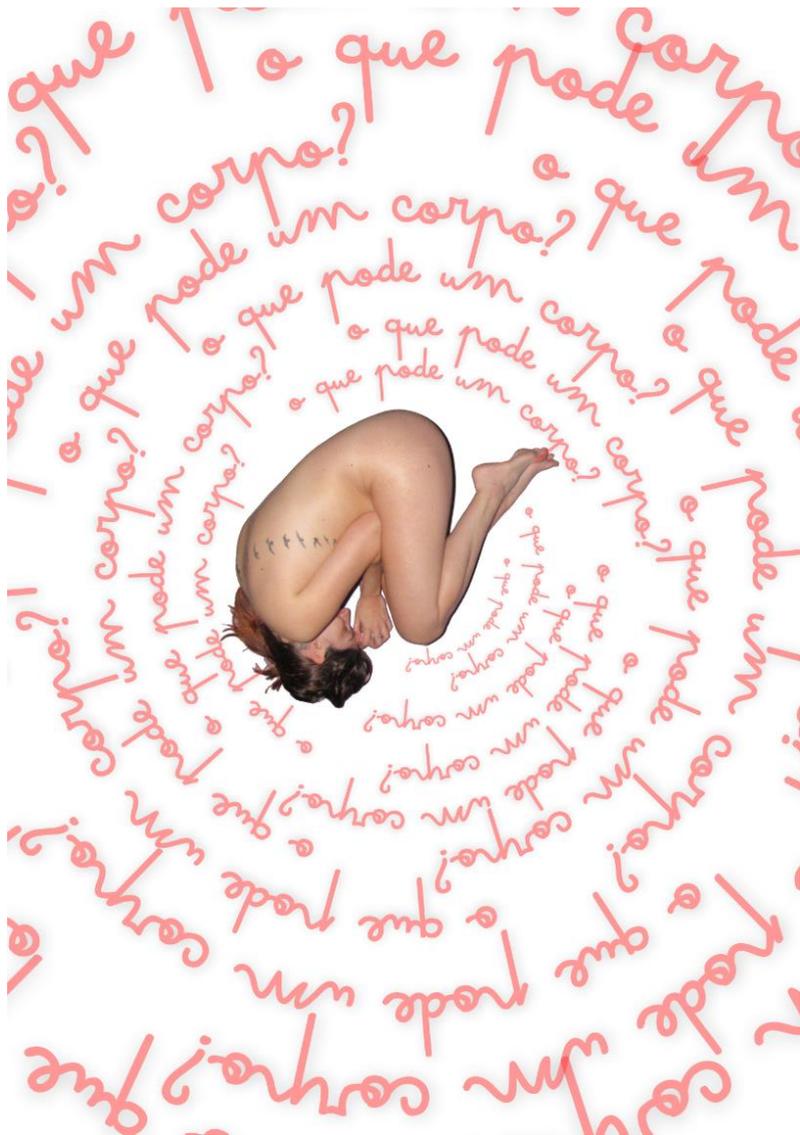


Figura 3: Vanessa Cristina Dias, **o que pode um corpo?** 2024.
Fotografia digital. Fonte: Acervo da artista.

A condição de possibilidade para que este trabalho fosse confeccionado foi o fato de ter realizado uma certa “conversão do olhar” (Foucault, 2008b). Se não havia vislumbrado as questões que concernem a estética e a poética como tópicos a serem deparados e desenvolvidos, é com eles que após a qualificação, realizo uma mudança de direção. A partir de então, o que estava rígido e difícil de elaborar, foi rompido, permitindo que um outro rumo, mais fluído e que aqui se desdobrou, fosse vislumbrado. Foi essa metamorfose que fez com que este trabalho de fato eclodisse.

Antes de seguir os caminhos rumo ao erótico, realizo uma crítica aos modos de atrofiamento do sensível e uma breve historicidade da estética, dando vazão ao que ecoa dentro de mim ao pensar os tópicos deste subcapítulo. A pergunta espinosiana ainda ressoa:

“O que pode um corpo?”⁹

Perceber? Fazer? Pensar? Tocar? Tecer? Chupar? Caminhar? Expelir? Emitir sons? Dançar? Atravessar? Embriagar? Sentir? Pintar? Parir? Emaranhar? Cheirar? Colidir?

São muitas as experiências sensíveis que perpassam o nosso corpo ao longo de toda nossa vida. Ao ponto de que muitas, talvez, passem despercebidas ou sem relevância no atual cenário moderno-colonial em que impera um capitalismo acelerado e exacerbado.

⁹ Pergunta proposta primeiramente pelo filósofo Espinosa e retomada por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*.

Chama-se de “crise da modernidade” (Duarte Jr., 2000) aquilo que conduziu toda a sociedade ocidental a um *modus operandi* pautado pelo racionalismo tanto científico quanto instrumental, pelo embrutecimento das formas sensíveis de vida, pela lógica produtivista e mercadológica e, que agora se direciona às nossas subjetividades. Tal crise, cunhou um ideal de razão “pura”, que não poderia ser contaminada por valores ou sensibilidades. Quem poderia sujar, poluir, estragar a suposta pureza racional?

Sabe-se que o *logos* moderno se constituiu por meio do pensamento binário. Para além de produzir diferenças, essa lógica criou oposições e hierarquizações violentas que perduram há séculos no eixo cultural do ocidente. Será que conseguimos abstrair as dicotomias mais banais, como *Mente versus Corpo*, *Masculino versus Feminino* e *Bonito versus Feio*, por exemplo? Se a resposta for negativa, bom... **uma urgência epistêmica nos assola**. Pois, nessa linha, nada pode fugir dos binarismos, não há nada além ou entre eles. Assim se configura uma sociedade de pequenas e enclausuradas caixinhas.

O resultado da experiência moderna, é a colonialidade. Ela atualiza os tipos de colonização do passado no presente daqueles que ainda reproduzem a dominação de uns sobre os outros, aliados ao sistema capitalista (Grosfoguel, 2009). Se há uma crise das sensibilidades (Duarte, Jr., 2000), diante do pensamento colonial e do modo de vida capitalista cada vez mais voraz, a crise vem se agravando gradualmente. Então, como fissurar o enclausuramento e a

sublimação do sensível? Como tornar nossos corpos (mais) sensíveis? Como não sucumbir as amarras que nos assolam?

Para tal, é preciso compreender, mesmo que de forma breve e simplificada, como estética se desdobrou ao longo da história. Sua (suposta) origem, vem dos gregos, da palavra *aesthesis*, que se refere à percepção sensorial. Pensamento e conhecimento, ideia e imagem são semanticamente aliados. Nessa concepção, o termo estético significa sentir com, ou seja, sentir com o corpo, com as sensações, percepções, afetos, na relação consigo e com as outras pessoas.

Em linhas gerais, Aristóteles (384-322 a.C.), importante filósofo grego, versou sobre a produção do sensível em termos de construção, finalidade e resultado. Em sua investigação elaborada em *Poética*¹⁰, considerou a inserção da poética na vida e formação humana (na época, voltada aos homens livres e poetas) e nos efeitos produzidos, em como o espectador é afetado por produções que entendemos hoje como artísticas. Para ele, o afeto não passa apenas pelas sensações (estética), mas também é captada pela inteligência (noética) – que perpassa os enredos mitológicos – e, pelas emoções (patéticas). Sensações, emoções, discursos e ações se entrelaçam. A poética aristotélica não diz exclusivamente da estética, “mas também uma noética do mito (que se configura até como uma abertura para a filosofia) e ainda uma patética das emoções (que se configura como uma abertura para a moralidade)” (Santoro, 2007, p. 5). Neste sentido, sua poética concebe uma educação sensível, inteligível e moral.

¹⁰ Tratado publicado em formato de livro, com várias edições brasileiras.

Aristóteles não foi o único a pensar questões ligadas a poesia e a estesia. Platão se opõe a noética, traz a cisão do mundo das ideias e do mundo sensível. Mimesis e o jogo das aparências entram em cena junto das proporções matemáticas. Belo, bem e verdade se relacionam de modo que a perfeição, ou a suprema beleza, só existe de fato, no mundo ideal. Em O banquete, a partir de Sócrates e Diotima, o belo é pensado em relação ao Eros. É ele que está embebido pelo desejo do belo e, é ele quem é responsável pela incessante busca pela imortalidade. Relaciona-se alma, natureza, amor e beleza à reprodução, único modo de realizar a imortalidade. Nesse entendimento, a sensibilidade pode, à primeira vista, parecer superior a matematização platônica, mas o belo só poder ser apreendido “pela razão pura” (Kirchof, 2003, p. 51).

Plotino (205-270 d.C.), anos mais tarde, busca responder o que se pretende ao afirmar que algo é belo. Já mais próximo das discussões a serem produzidas pela modernidade, beleza é o tema central abordado por meio de uma reflexão com herança do platonismo, acerca das formas inteligíveis. A simetria é o critério chave da beleza, o inteligível tem total primazia sobre o sensível. Diferente do pensamento de Tomás de Aquino (1225-1274), com as emanações do belo e o pensamento transcendental em que unidade, verdade e bondade se entrelaçam não a partir de qualquer simetrização, mas a partir de Deus. É o reflexo dele nas coisas que promove a beleza, a perfeição e a alegria de espírito. Antes dele, Agostinho (354-430 d.C.) uniu a filosofia de Plotino à doutrina cristã, colocando a experiência estética da beleza como sinal da presença divina. Deus é exprimido pelas mãos humanas para produzir objetos, mas está também na

natureza, ao contrário do pensamento de Aquino, em que a beleza, a verdade e a bondade, são manifestadas apenas nos seres criados por Deus.

Mais à frente, na modernidade, se constituiu um “regime do sensível” a partir de formas de sentir e pensar particulares da experiência moderna diante dos desdobramentos estéticos e políticos, baseado no modo como a razão científica e a lógica filosófica da modernidade se desdobrou e que configurou mediante o consecutivo surgimento de uma vanguarda que rompia e ultrapassava uma anterior. Esse regime tem efeitos que perduram na contemporaneidade, conduzindo nossos modos de vida, de fazer e de ser individual e coletivamente (Farina, 2009).

Na verdade, toda a constituição da História da Arte europeia se deu dessa forma, a partir de uma ideia de evolução, em que um movimento artístico se sobrepunha a outro, superando-o. Porém, na modernidade, além de superar, a nova vanguarda deslegitimava e rejeitava a anterior, um particular próprio de uma sociedade do espetáculo. Há todo um regime discursivo “*que sirve para poner en continuidad pasado y presente, relacionando a ambos para reafirmar el hoy y descalificar el ayer, com vistas al futuro y al progreso*” (Farina, 2009, p. 14), o que interfere tanto nos estudos historiográficos, quanto nos estudos filosóficos da arte, por exemplo.

O sujeito autônomo porquê sujeito pensante foi inaugurado como debate filosófico por Rene Descartes (1596-1650). Seu problemático cogito, “Penso, logo existo”, imbrica a existência de si ao pensamento racional e lógico, desencadeando na “busca de certezas

baseadas na elaboração de noções claras e distintas” (Jimenez, 1999, p. 51). Não há nada além do “eu” – que diga-se de passagem – é contumazmente masculino, cisgênero, branco, europeu e preferencialmente burguês. Nada além do próprio pensamento pode convencê-lo de sua própria existência. Nem seus sentidos, suas percepções, seus sentimentos ou nem mesmo os objetos. Nessa lógica, o belo não era compreendido enquanto fruição, imaginação, afetos ou até paixão, por exemplo. Beleza estava relacionada a harmonia, a partir da pressuposta implicação científica e racional, contando com a ajuda de proporções matemáticas. Trata-se de uma elaboração teórica por vezes ambígua e com várias contradições.

Descartes, apesar de não ter pensado a estética, foi quem de alguma forma permitiu que a partir da noção de um sujeito criador, ela emergisse no contexto Iluminista (Jimenez, 1999). Esse momento histórico, ficou entendido como o início da modernidade. Considerado o “pai” da “história da arte”, Johann Winckelmann (1717- 1768) buscou a partir das tradições renascentistas, “teorizar a arte ocidental como uma linguagem autônoma, com seu próprio processo histórico, passível de ser analisado racionalmente, como outras atividades da ciência, da filosofia, da moral” (Paiva, 2022, p. 33). “Estética” foi cunhada, a partir do termo *aesthesis*, para designar um tipo de experiência que considera o cognitivo e o sensorial, passando pela abstração intelectual, para a organização geral do conhecimento (Siñani, 2023).

Dentro da filosofia da arte surgiu a disciplina de Estética com o alemão Alexander Baumgarten (1714-1762) e seus estudos são

baseados, sobretudo, nas ideias aristotélicas e platônicas. Sua concepção, pautou-se por erigir as obras de arte do renascimento à superioridade e beleza. Em busca de uma estética verdadeira e universal, elidiu arte e beleza ao eurocentrismo, revelando hierarquizações próprias da modernidade, como razão superior e em oposição à sensibilidade inferior. Mas tão logo, a forte experiência transmitida pelo belo é levada a cena como personagem principal.

É com Immanuel Kant (1724-1804), referência primordial de estética da episteme eurocêntrica, que a noção de beleza é introduzida e a distinção entre Belas Artes e artesanato, bem como ideias de arte erudita e arte popular se estabelecem. Ele teceu aproximações entre prazer sensível e inteligível, percepção e julgamento, corpo e alma, e estabeleceu uma possibilidade de acesso metafísico a partir da racionalidade, mas sem romper com pensamento binário (o que não tinha intenção de fazer). Kant, como cristão, afirmava que Deus é razão, diferindo das noções da tradição medieval. Baumgarten e Kant também se distanciaram da tradição cristã de pensamento. No entanto, só ocorreram tensionamentos na cristalizada racionalidade moderna a partir da intrusão das importantes noções como de corporificação, subjetividade e interação social.

Me parece, a esse ponto, que é falacioso dizer que não havia valores e sensibilidades envolvidas no processo estético do pensamento metafísico tradicional, científico e instrumental. Os valores foram bem traçados e delimitados (Beleza e superioridade), mesmo que alguns certames fossem modificando ao longo do tempo (desde a Grécia até a arte vanguardista moderna). Também houve uma

restrição das singularidades dos corpos, das emoções e sensações, causando-lhes redutibilidades e apagamentos. Ocorre ser um pensamento ainda em vigência, que assume novas roupagens e que mantém a sensibilidade como adjacente, em detrimento de uma razão lógica.

Então, os efeitos dessa cientificidade e instrumentalização ainda nos são sentidos e, talvez, com maior ênfase se pensarmos em termos de consumo, utilitarismo e mercado, que corroboram na manutenção de posições assimétricas de poder, em que dominação e exclusão são inerentes. Uma construção histórica que se tornou hegemônica e que revela a “crise das sensibilidades” na contemporaneidade, e que por isso, coloca a urgência de se pensar diferentemente, para que possamos criar outras paisagens, outros papéis sociais, dentro e fora de nós.

O que pode um corpo hoje? Quais experiências estéticas nos são possíveis?

Na intitulada querela dos antigos e dos modernos, o que se nota, é a transformação do sentido de *aesthesis* à estética. Se os sentidos atribuídos a estética no mundo grego, foram deturpados pela história medieval e moderna, cabe produzir um sentido de estética que toca as sensibilidades, permitindo uma produção subjetiva singular e, ao mesmo tempo coletiva em nosso tempo. Não se trata de jogar fora tudo o que foi pensado nessas discussões, mas de compreender os ecos

que reverberam no presente e, a partir disso, fissurar, transformar, utilizar as teorias a depender dos objetivos, do tema e da episteme escolhida para realizar a pesquisa. Como por exemplo, corporificar nossos saberes e a ética e a política que orienta nossas vidas; distinguir, escolher, criar, intervir com base em uma estética que se alia a vida comum; poetizar o cotidiano e; “encontrar meios para identificar e extrair das coisas suas lições” (Meira, 2001, p. 131).

Como arte-educadora, busco “incorporar a potência das artes e das imagens para reunir reflexão, criatividade e autoconhecimento no processo da pesquisa” (Tourinho, 2012, p. 231). Pois, “pensar, agir, interagir e intervir por meio de imagens garante as condições estruturais e estruturantes para se construir formas de aprendizagem, conhecimento, comunicação que sejam intrínsecas à via figurativa” (Meira, 2001, p. 136). Penso as imagens como produções artísticas “como modalidades enunciativas que, na trama dos discursos que circulam em torno delas” (Loponte, 2005, p. 56) e das discussões desdobradas, propiciam uma abertura significativa saudável. As imagens podem ter muitos efeitos sobre nós. Elas são parte da cultura, das redes de socialização e afetos, e ao participarem da construção de conhecimento, intensificam os contornos das relações de poder e de saber.

“Hoje o estético está na ordem do dia, já que dizem ser a nossa a civilização da imagem” (Meira, 2001, p. 121). Em arte e educação se faz imprescindível considerar o pensamento e a experiência estética pois, “saber hoje, é ter acesso a formas de interação e conhecimento que demandam visibilidade complexa, sendo extremamente complexa

a realidade em que vivemos e convivemos” (Meira, 2001, p. 121). Pensando que “Nada é tão representativo de experiência estética como uma imagem” (Meira, 2001, p. 121), a estética deve se orientar não apenas como uma disciplina curricular, mas como um saber imbricado com a vida ordinária, a fim de compreender o encontro com a arte na partilha do sensível (Rancière, 2009).

Segundo Monique Roelofs, “a atividade estética parece ser um manancial de ferramentas de resistência altamente frutífero e uma contestação contra exatamente aquelas dualidades que permeiam a existência com tais forças brutais e princípios de divisão” (Roelofs, 2018, p. 13). A experiência estética é formativa, e no processo, pode se transformar em força vital (Meira, 2001), ela é “fundamental e fundadora de outras formas de experiência” (Meira, 2001, p. 131). Esse processo depende de “saberes e modos de ver para que haja maior consciência sobre as experiências” (Meira, 2001, p. 128). Neste sentido, a (auto)mediação que me proponho a fazer pode tornar possível:

“Repensar o alcance e o significado da atividade artística e o campo epistemológico e relacional da estética implica considerar o que é necessário, para que a experiência estética seja, ao mesmo tempo, um fator de emoção, sentimento, e num nível mais complexo, reflexão, tanto sobre arte, como sobre a vida” (Meira, 2001, p. 128, grifo meu).

Proponho aqui, que é preciso, “em vez de uma hermenêutica, [...] uma erótica da arte” (Sontag, 1987, p. 22-23). Em outras palavras, me interessa a possibilidade de levarmos uma espécie de comichão,

cócegas ou a sensação de ter borboletas no estômago... Mexer com os humores do corpo! Com este trabalho, não espero formular nenhum ideal de beleza, nem ao menos sugerir que as imagens apresentadas são belas ou feias, são ‘isso’ ou ‘aquilo’. As imagens não podem ser interpretadas por meio de códigos ou regras pré-definidas, elas precisam ser sentidas, para depois serem significadas no corpo e na subjetividade. De modo que o olhar estético não deve interrogar, mas deixar fluir, “deixar ocorrer o encontro entre a sensibilidade e as formas que lhe configuram emoções, recordações e promessas de felicidade” (Duarte Jr., 2000, p. 102 e 103).

O entendimento de estética que orienta esse trabalho relaciona ética, política e poética. De forma sucinta, a estética se trata da “experiência e [d]o conhecimento sensível” (Tourinho, 2012, p. 246), ela “orienta o sentido e das práticas e das formulações teóricas sob o critério da sensibilidade, dos afetos, dos vínculos” (Meira, 2001, p. 131). Engendradas, experiência e sensibilidade não estão apartadas da racionalidade. Na verdade, constituem a medula “dos processos de percepção, significação e interpretação” (Tourinho, 2012, p. 247).

“A ideia de uma região distinta de experiência estética tem origem no reconhecimento de que há encontros imediatos, singulares, que produzem visão de si e prazer” (Korsmeyer, 2014, p. 71). A experiência estética se dá de várias formas, com cheiros, toques, gostos, estímulos visuais. Pode acontecer uma experiência estética desde uma caminhada pela praia, pela cidade, pelos espaços virtuais ou imaginários. Mas, pode acontecer também em um fazer específico,

como fazer um bolo, degustar uma fruta, fazer uma massagem, manipular a argila ou pincelar uma tela.

“*La facultad*” pensada por Anzaldúa (2016), é justamente a afirmação de que é pelo corpo e pelos sentimentos que se dá o basilar processo de cognição humana. Percebemos a realidade de forma profunda por esse encadeamento que toca o sensível e depois passa à racionalidade, em que ética, poética e estética tecem um elo. Nosso corpo (e toda a sensibilidade que ele carrega) consiste, portanto, na fonte primeira das significações que vamos emprestando ao mundo ao longo da vida. Quando produzimos sentido, não utilizamos apenas a cognição, o intelecto, mas todo o corpo e sua gama de sensibilidades. Esse retorno ao sensorial e ao corporal, faz parte da descolonização da estética (Pereira, 2018). Meu interesse está em romper com o uso disciplinador da escrita acadêmica. As palavras são, para mim, um modo potente de mediar minhas sensibilidades e ideias evocando outras realidades. Isto é, a poética está ligada à minha produção, tanto pela escrita, quanto de imagens.

Com relação a produção poética pela palavra, sito é, pela escrita, esta “ganha, nestes contextos, várias dimensões e amplia seu campo de atuação, incidindo sobre as relações intersubjetivas, sociais, (1) como linguagem que se erige a partir da pugna entre o real e sua representação; (2) como ação estética que se desdobra em pensamento ensaístico, em crítica cultural e em reflexão epistemológica, propondo outras racionalidades possíveis e (3) como ação política que se materializa em diversas formas artísticas (sendo o poema apenas um dos seus suportes possíveis), e que promove intervenções sociais que

dinamizam e problematizam antigas questões identitárias em contextos privados (o/a leitor/a em diálogo com o texto) e públicos (performances de cunho artístico-político em eventos das mais variadas naturezas). Finalmente, poesia que circula e transgride, gerando empoderamento e auto-percepção. É que se mantém atuante em espaços de mediação cultural, cujo objetivo vai além da estrita questão literária, transformando-se em espaços politizadores das relações culturais” (Pereira, 2018, p. 50-51). Palavra e imagem se aproximam, de modo que, apresento imagens que comentam e amplificam o discurso poético textual e vice-versa, pois ambas as linguagens se imbricam na produção da pesquisa.

Deste modo, busco com a escrita e as imagens aqui lançadas, me desprender e desobedecer, mesmo que minimamente, ao monopólio epistêmico da modernidade que silenciou e ao mesmo tempo classificou, separou, nomeou etc. a fim de exercer soberania no mundo (Siñani, 2023), pois sabe-se que a “arte não é neutra e tem trajetória social” (Paiva, 2022, p. 41), política e histórica. Se as artes visuais têm a “força de provocar deslocamentos perceptivos, epistemológicos e interpretativos” (Tourinho, 2012, p. 232), entendo que na discussão sobre arte e estética deve haver um projeto epistemológico definido para que seja possível produzir uma prática ética e política localizada, em que o estético é circunstancial e configurativo da formação humana como um todo.

Proponho a quem me lê, que se lançasse abertamente à tessitura, colocando seu corpo e suas percepções em contato com o texto e as imagens a fim de possibilitar a imersão de uma experiência

estética singular. No processo de abertura à experiência, recorreremos à esquemas corporais já existentes em nossa pele, e às nossas experiências prévias já inscritas em nosso corpo, permitindo que a cada nova experiência estética, “nasça” um outro sujeito da experiência (Stubs, 2015).



1.2. Impasses e impulsos do erótico.

Logo quando comecei a pesquisar sobre o erótico, ainda no primeiro ano de minha graduação em Artes Visuais, senti que a temática me demandaria tempo de estudo, dada a sua notada complexidade. Veja, o primeiro texto teórico que li acerca do tema, foi justamente o de Audre Lorde – Usos do erótico: O erótico como poder (2019). Esse texto, curto e potente, abordou Eros em linhas gerais, fazendo relação ao seu suposto contexto de surgimento, que foi o contexto grego. Mas, Lorde ampliou o erótico fora do vocabulário psicanalítico, entendendo-o como uma força de criação e satisfação de si consigo. Ela atualizou o sentido de erótico, mesmo que de forma mais suscinta, diante da realidade das mulheres, especialmente, das mulheres negras.

Hoje, é verdade, estamos muito distantes do contexto grego no qual Eros era o Deus do amor, divindade que representava “uma força preponderante na ordem do universo, responsável pela perenidade das espécies e pela harmonia do próprio Cosmos” (Kury, 2009, p. 131). Eros foi se transmutando em sentidos diversos. Cabe aqui, assim como fiz no capítulo anterior com as questões da estética e da poética, uma breve problematização de certas teorias que se apresentaram e, de algum modo, fixaram a compreensão do que é erótico.

Se Eros correspondia, genericamente, ao amor para os gregos antigos, não o foi para a era medieval, na qual foi suprimido na imagem do cupido. Desde então, diversas teorias ocidentais sobre erótico, passam gradativamente a vincular o erótico mais estritamente a dimensão sexual, assentado em mim uma enorme desconfiança. Será que o erótico está ligado apenas aos atributos da sexualidade e, dele,

ramifica-se o desejo, o prazer, a sensualidade e, talvez, o amor? Como um saber sobre o erótico se prolifera e se torna normal, recorrente?

Logo nos primeiros parágrafos deste trabalho, revelei a preocupação acerca do referencial teórico quando o assunto é o erótico. Isso se deu no processo de pesquisa, ao encontrar diversos trabalhos acadêmicos que corroboravam com a visão de que o erótico se resume ao sexo. Um exemplo, é a tese intitulada “As mil faces de Eros: relações de poder-saber produzidas sobre o erotismo na *Scielo* Brasil” (2015), vinculada ao PPGEC da FURG, que verificou essa noção atrelada ao erótico.

Essa pesquisa teve como objetivo “discutir algumas relações de saber e poder que estão sendo produzidas sobre o erotismo, a partir do discurso científico acionado pela base de dados *Scielo* Brasil” (Domingues, 2015, p. 9). Por meio da análise de cinquenta e oito artigos encontrados na base de dados *Scielo* Brasil, a partir dos descritores “erótico” e “erotismo”, a pesquisadora notou uma maior incidência de artigos que se utilizavam das teorias de Sigmund Freud (1856-1939) e Georges Bataille (1897-1962) para conceitualizar, pensar e por consequência, produzir saberes sobre o erótico/erotismo dentro da área das Ciências Humanas.

A teoria psicanalítica freudiana entende o erótico como pulsão do desejo e prazer sexual, ligado a libido ou ao amor, que primeiro direciona-se ao nosso próprio ego e depois direciona-se aos objetos externos, como pessoas, a natureza, as coisas, entre outros. Apesar de Freud trazer as questões da estética e, principalmente, da pulsão de vida para a construção teórica, o que seria produtivo para este trabalho,

ao tratar das questões das mulheres nos termos de um complexo Édipo ou da histeria, por exemplo, seu léxico psicanalítico se volta aos problemas epistêmicos do *logos* moderno pois, afirma um pensamento dicotômico hierarquizante e patriarcal.

Já a filosofia batailliana, articula o interdito e sua transgressão à pulsão de morte e ao sexo para pensar o erotismo. Sua teoria se debruça sobre uma dialética entre humano e natureza. Para ele, a experiência erótica toca na violência natural que nos organiza, desde o nosso nascimento até a nossa morte. Sua proposta consiste em “um retorno idílico à natureza violenta” (Castro, 2020, p. 22). Poderia considerar a compreensão de que o erótico busca afirmar a vida até na morte (Bataille, 2013), porém não nos seus termos. Para ele, o erotismo se dá metaforicamente na morte, e a violência não está exatamente no plano do real. Nessa perspectiva, nem a morte, nem a violência perpassam as questões sociais, políticas e culturais que nos atravessam, mas falam de excesso, aniquilamento dos seres e o dispêndio de energia e, em oposição estaria a domesticação e a força de trabalho próprios dos humanos, considerados erroneamente, como artificial.

A recorrência dessas vertentes teóricas revela, na verdade, que Eros tem um único rosto e não “mil faces”. E, é este rosto que produz os discursos verdadeiros sobre o erótico nas pesquisas brasileiras (Domingues, 2015). São teorias que remetem à busca pela validação teórica por parte daqueles que se baseiam em seus saberes. Os artigos que utilizam os dois autores, tornam erótico “um conceito simples, homogêneo, fechado, sem uma história e que apresenta algumas

características que são vinculadas diretamente àquilo que é considerado sexualidade” (Domingues, 2015, p. 91). O viés feminista ocupava, naquele momento, uma produção ainda tímida. No entanto, a perspectiva do corpo cis, “masculino, europeu, branco, alto, olhos e cabelos claros, pertencente à classe alta” como dominante, inteiro e legítimo (Domingues, 2015, p. 70), já era questionada.

De forma ampla, a vontade de verdade das humanidades, produziu uma espécie de “pedagogização erótica”, a partir da qual ocorre “um processo de ensino-aprendizagem para vivermos os nossos desejos e prazeres cotidianamente nos espaços em que estamos inseridos” (Domingues, 2015, p. 117). A produção discursiva da face única de Eros “investe nos corpos, agenciando-os todos os dias, em todos os lugares, a partir dos mais variados encontros” (Domingues, 2015, p. 117), ou seja, produz subjetividades, modos de sentir, pensar e viver.

Por meio de discursos entendidos como científicos, tal pedagogização e sua relação direta com a sexualidade, remete às duas pedagogias sexuais levantadas por Foucault. A *scientia sexualis* que se refere ao dispositivo da sexualidade, fixado nas genitálias e canalizado no sexo-desejo (Foucault, 2020a) e, a *ars erótica*, salienta a experiência do prazer corporal somente no ato sexual (Foucault, 2020b). Na primeira, a partir da herança iluminista, a verdade, que é o cerne, é extirpada dos discursos. Já na segunda, o prazer sexual é o foco único. As duas se opõem em suas questões centrais e por outro lado, se aproximam ao se restringirem ao sexo.

Se, no que tange a teoria, Eros e erótico estão relacionados ao sexo, como se apresentam nas artes visuais e na literatura? Será que minhas desconfianças se aplicam a elas também?

Ao realizar essa aferição, percebi que há uma proximidade de entendimento entre artes visuais e literatura. Em ambas, ao falar de erótico, dizem respeito ao que propicia sentimentos ou desejos sexuais. Literatura erótica e literatura pornográfica bem como, arte erótica e arte pornográfica, tem entre si uma linha tênue. Incumbe-se ao erótico aquilo que é sinuoso, implícito e sensual, e ao pornográfico, o que é explícito, direto e sexual. Mas ainda assim, é possível encontrar contradições, pois algumas obras de arte são consideradas eróticas, mesmo tendo nus ou descrições explícitas, principalmente com relação às genitálias, e/ou ao ato sexual. Suponho que nessa concepção, o que é entendido como erotismo seja aquilo que carrega um certo moralismo ou aceitação social, enquanto a pornografia propõe a transgressão dessas barreiras. Também se diz erroneamente que na pornografia não há apuração estética e preocupação poética, o que, por exemplo, a escritora Hilda Hilst (1930-2004) nos prova o contrário.

Poderíamos perguntar, nas palavras do historiador francês Gilles Nerét (1933-2005), que “A pornografia é o erotismo dos outros”? (Nerét, 1994, p. 174). Se o erótico só se refere a sexualidade e a pornografia é imoral, isto pressupõe que a imoralidade só está no outro, nos aspectos da sexualidade do outro. Mas, deste modo, mais do que considerar a sexualidade diferente como imoral, não se reforça o sexo em si enquanto algo negativo, sujo, imoral, perverso? São

juízos de valor que levam a pornografia a um reducionismo pois, ela não necessariamente está associada a mediocridade e ao comercialismo.

A pornografia tem muitas nuances, em todas as linguagens artísticas que perpassa. Existem muitos tipos de pornografia, “Porno-chic, alt-porn, post-porn, gang bang, gonzo, sadomasoquismo (S&M), fetichismo, bondage, scat porn, filmes temáticos – mulheres maduras, com peitões, com pés bonitos, bundas bonitas, filmes com transgêneros, filmes gays, filmes lésbicos: cada gênero do pornô possui suas especificidades, sua história, sua estética” (Despentes, 2016, p. 79).

Veja, e quero sinalizar bem: **o problema não está no obsceno ou na transgressão, nem tampouco no sexo, mas na sublimação de Eros em termos de sexualidade/sexo.** Neste caso, em termos de representações de nudez, sensualidade, genitálias, o ato sexual em si, ou conotações ao mesmo, tanto na literatura, quanto nas artes visuais. Nerét realizou pela editora Taschen, duas publicações sobre arte erótica¹¹ que buscam universalizar o desejo sexual por meio das representações citadas.

Se nas ciências humanas, nas artes e na literatura, o erótico vem sendo pensado e reproduzido numa mesma linha, quais os efeitos desses discursos na vida? Eles têm relação com o social e com o cultural? E com a política?

¹¹ São elas: *Arte erótica* (1994) e *Erotica Universalis* (2013) – edições em português.

As Ciências Humanas são responsáveis por legitimar os saberes sobre erótico (Domingues, 2015). Então, é dentro desse campo que devemos – não de forma restritiva, abranger apenas uma área do conhecimento – mas de modo in(ter)disciplinar, expandir as possibilidades de se propor outros modos, entendimentos e experiências, neste caso, eróticas. Usando as palavras de Foucault, este é daqueles momentos na vida “em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (Foucault, 2020b, p. 13).

Nesse sentido, para (re)pensar o erótico, deixando seus impasses teóricos para trás, busquei autoras e autores que colocam o corpo e a subjetividade na centralidade de seus escritos, problematizam as opressões da modernidade, da colonialidade e/ou do neoliberalismo, e propõe certos enfrentamentos.

Pensem essa construção como uma caminhada. Eu, Audre Lorde, Paul B. Preciado, Suely Rolnik e Byung-Chu Han¹² andaremos juntos, mas não o tempo todo, pois às vezes nos distanciamos – aqui e ali – como em qualquer relação saudável. Ora conversarei mais com um do que o outro, fazendo aproximações quando necessárias.

A principal referência (e isso já deve estar nítido a essa altura), é o ensaio “Usos do erótico: O erótico como poder” (2019) da escritora

¹² Os textos utilizados são: “Usos do erótico: O erótico como poder” (Lorde, 2019), “Testo Junkie: Sexo drogas e biopolítica na era farmacopornográfica” (Preciado, 2018a), “Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada” (Rolnik, 2018) e “Agonia do Eros” (Han, 2017).

Audre Lorde. Este, que se tornou meu guia, não só para esta tessitura, mas para toda a minha vida e suas metamorfoses. Desde que o li pela primeira vez, venho tentando elaborar o que se desdobra nesse trabalho. De começo, entendi no corpo e só depois elaborei racionalmente – a partir da minha *facultad* (2016) – para então materializar com outras ideias e conexões por meio da escrita e de imagens.

Na graduação, foquei nas questões de representação, sem ainda compreender que queria mesmo é falar (pensar e sentir) de experiência. Lorde, me deu mais do que uma possibilidade teórica, uma possibilidade de vida. A ela serei eternamente grata por suas palavras firmes e açucaradas. Já o filósofo espanhol e exímio escritor Preciado, com a “*potentia gaudendi*” e a genial brasileira, filósofa e psicanalista Suely Rolnik com a pulsão vida, me concedem uma estrutura sólida de enfrentamento aos enjoos, as quedas, as dores no contexto cultural, social, político e econômico em que nos encontramos. Ainda recorro (mesmo que menos), ao criativo filósofo coreano Byung-Chu Han, que pensa o bem-viver relacionado ao que entende por erótico, como flores perfumadas que permitem deslumbrar o por vir. Suas escritas são como caminhar, dos jardins do mundo para as cidades, para quem sabe voar sobre as nuvens ou sobre as águas em um dia de sol e brisa leve. São, principalmente, esses quatro autores e autoras que me impulsionam a movimentar o conceito de erótico.

Até aqui, problematizei a face única de Eros e sinalizei os rumos teóricos que permitem a construção do erótico de forma mais

alargada, a qual convido quem me lê a participar. Primeiro, precisamos perpassar por certas problematizações e contextualizações de questões que afetam e afetaram os corpos senti-pensantes diante da tentativa de calcar uma racionalidade empresarial que busca cafetinar meus desejos e prazeres que agonizam as possibilidades eróticas de vida.

2. LARVAR.

Caminhar rumo a metamorfose:
das problematizações sobre o erótico
no tempo presente

“Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”.

Clarice Lispector

Mexer nas gavetas, abrir os baús, vasculhar as caixinhas, acessar as lembranças, reelaborá-las no corpo e na escrita. Escrever é “examinar suas entranhas e dizer as outras pessoas: “esse pedaço de víscera é sobre aquele tempo tal e tal coisa aconteceu e está conectada a outras pessoas e ao mundo de tal e qual forma” (Anzaldúa, 2021b, p. 169-170). É a “Escrita como tessitura, como notas que apontam caminhos percorridos” (Pereira, 2018, p. 53).

Adentrar ao que não é erótico, a sua ausência, agonia e difamação. Percorrer um caminho contextual, de histórias reais, o que me permite impessoalizar certos acontecimentos tornando-os mais fáceis de narrar e, criar outros que não vivi, mas que ouvi ou soube que aconteceu e que consegui materializar. Tiro proveito da ironia, das metáforas e das analogias. Invento significados para as palavras. Atribuo outros nomes para as pessoas e lugares a fim de preservar suas identidades. Ativo a memória e a imaginação para dar materialidade a algumas dores e abusos recorrentes em nossa realidade.

Por ora, privilegiei mais o texto, poético e teórico do que as imagens. Misturei narrativas reais com a discussão teórica, problematizei os momentos em que eu e outras personas foram cafetinadas, devoradas pelo regime colonial-capitalístico. As narrações tecidas, não estão aqui a fim de atormentar quem lê. O ato de usar outras personas é estratégico para não contribuir com possíveis competições, no sentido de julgar quem sofre/sofreu mais ou qual

história de vida é mais triste. Escrevo-as tendo em mente as palavras de Hannah Gadsby: *“I will not allow my story to be destroyed. [...] I want my story heard. [...] I just need my story heard, felt and understood [...]. Because, like it or not, your sotry, is my story. And my story is your story”* (Gadsby, 2018).¹³

Se nossas histórias podem se tocar em algum ponto, nossas dores se entrecruzam e não competem entre si. Todas as personagens devoradas tem singularidades de experiências que podem ser coletivas. Por mais que este trabalho propicie um espaço de (re)elaboração, não cabe aqui, qualquer análise psicológica das personagens, não queremos ser balizadas pelo olhar analítico patologizante, cheio de respostas sobre nós. A vontade, é de criar conexões mostrando um número de os efeitos que os poderes-saberes¹⁴ têm sobre o meu corpo e minha subjetividade e, sobre outros corpos e subjetividades, principalmente de outras mulheres cis.

Depois dar vazão às problematizações, surge a necessidade de reduzir a velocidade e recalcular a rota. Recluir. Suspender e suspender-se por um momento. Devanear. Perguntar. Parar. Respirar antes de seguir.

¹³ Tradução: “Eu não vou permitir que minha história seja destruída. [...] Eu quero que minha história seja ouvida. [...] Eu só preciso que minha história seja ouvida, sentida e compreendida [...]. Porque, goste ou não, a sua história é a minha história. E minha história é sua história.”

¹⁴ O sujeito corporificado se constitui através das relações de poder-saber, já que “todo conhecimento é formado dentro de relações e redes de poder; o poder produz conhecimento, e em troca, o conhecimento produz poder” (McLaren, 2016, p. 57).



2.1. Atos de devoração.

Doce. Doce como uma nuvem. Jacqueline sabia ser leve mesmo cercada de pedras brutas. Fazia cirandas, arrancava sorrisos. Queria amar e ser amada. Profundamente. Jacqueline era ingênua, o que dificultou muito sua navegação por este mundo. Ser ingênua, é como comprar uma passagem só de ida para a tristeza. E como parte fundante de Jacqueline, mesmo mais madura, nunca perdeu a criança que havia dentro de si. Crianças estão sempre em busca de aprovação e afeto, não percebem certos perigos. Jacqueline como mãe só tinha um objetivo, ensinar sua filha a ser autônoma. “Não dependa de ninguém!”, alertava. “Muito menos de homem”, completava olhando pra dentro.

Na época de Jacqueline, estudar era para poucos. O máximo que ela conseguiu foi um curso de datilografia. O casamento era o caminho mais fácil pra ter alguma segurança financeira. Mas uma mulher nunca está segura. Jacqueline entendeu do jeito mais difícil que contos de fadas não existem e que os filmes românticos eram os maiores provedores de mentiras que ela já viu.

Casada, ela tinha, lá no fundo a suspeita de que essa união obrigatória (Jacqueline só casou porque estava grávida), não daria certo. Boba que era, se recusava a dar crédito a bússola que carregava dentro de si. “Aconteceu com Fernanda, mas ela era muito linguaruda. Com a Joana também, mas que passado horroroso o dela. Comigo não vai acontecer! Fiz tu-do di-rei-ti-nho”. Essa última frase ela dizia como um mantra, até trocar essa afirmação pela pergunta: “O que eu fiz de errado?”

Sorver.

Verbo hétérocismasculino de sentido figurado ou literal.

S.f. 1. Aspirar os desejos e prazeres das mulheres. **2.** Sugar lentamente a força vital de mulheres. **3.** Embeber-se da dominação sobre as mulheres. **4.** Atrair mulheres para o fundo, afundá-las em sentimentos e sensações negativas. **5.** Destruir, aniquilar a vida de mulheres. **6.** Ter a capacidade de aprisionar mulheres. **7.** Lançar mulheres no sorvedouro.

Sorvedouro.

Substantivo hétérocismasculino de sentido figurado ou literal.

S.f. 1. Um sem-fim de redemoinhos de emoções e sentimentos desprezíveis. **2.** Cavidade artificial vertical de fundo insondável na qual as mulheres são colocadas. **3.** Ruína das mulheres, desperdício de suas vidas ou ainda suas mortes.

Figura 4: Vanessa Cristina Dias, **sorvedouro**, 2024. Verbete digital. Fonte: Acervo da artista.

Jacqueline, Joana e Fernanda perguntavam a mesma coisa. Essa pergunta só chegou para ficar depois de bem sorvidas. Sorvedouro instalado. Processo diferente para cada mulher, mas com resultado (quase) sempre idêntico: morte. São dois tipos: matada ou morrida.

Joana, Jacqueline e Fernanda, eram mulheres diferentes, mas nenhuma era do tipo

“Bela, recatada e do lar.”¹⁵

Jacqueline até achava que era. Mas só porque era ingênua. Ela tinha feito tudo certo, a final de contas! No entanto, ela não gostava que mentissem. Gostava de acreditar nas pessoas. E ninguém tinha o direito de arrancar a pureza do coração de outra pessoa.

Tudo começou com micro agressões e jogos psicológicos. Toda vez a culpa era dela, não importa o que ela fizesse. Passou a sentir-se cada dia mais insegura, feia, desinteressante e burra. Por que ele tinha que maltratar tanto ela? Ela não era digna de (seu) amor?

Demorou pra Jacqueline morrer. Morreu a conta gotas. Ficou muito doente. Na alma, somatizou todas as dores. No corpo, refletiu toda somatização. Nenhuma doença faria mais sentido do que o Lúpus. Quem deveria proteger, atacava.

¹⁵ Carta Capital reage a matéria da Veja sobre Marcela Temer. Ver: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792/>

Quem jura amor e entrega tanta violência?

Na sua certidão de óbito dizia o que mais doía. Mais do que qualquer dor que ela havia experimentado. “Jacqueline deixa uma filha”. Sua única motivação para seguir (sobre)vivendo.

A causa da morte? “Coágulo no cérebro e parada respiratória”. A partir do momento que foi empurrada para o sorvedouro, seu sangue corria cada vez menos, fazendo um monte de bolas duras. O ar, se tornava mais denso e difícil a cada chantagem e humilhação. O sorvedouro progredia concomitantemente às agressões, se tornando mais profundo e sombrio. Totalmente insalubre.

Jacqueline diria com raiva: “Foi de sorvedouro que eu morri!”, contrariando sua certidão de óbito. Maria sua irmã, diz que a verdadeira causa do falecimento foi desamor. E elas estão certas, mas não completamente. Eu diria que ela morreu mesmo de Patriarcado, Machismo e Misoginia.

Então ela foi assassinada?

Foi,oras!

Não como Eliza Samudio¹⁶ e Eloá Cristina¹⁷, porque elas foram vítimas de morte matada (feminicídio).

¹⁶ Caso Eliza Samudio. Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Eliza_Samudio

¹⁷ Caso Eloá Cristina. Ver:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Elo%C3%A1_Cristina

Jacqueline não tinha como saber o que sei hoje porque em sua época feminista não era sequer uma palavra. Claro que ela entendia muito bem o processo de dominação dos homens sobre as mulheres. As coisas que sabemos com mais profundidade são as que tocam a nossa própria carne. Perdemos uma amiga, irmã, filha e que sem dúvida, poderia ser uma das maiores feministas do agora.

Perdi minha mãe. Perdemos nós...

Nesses casos, **onde há dominação, não há amor** (hooks, 2021, grifo meu), e por isso, não há espaço para o erótico. O sorvedouro é uma máquina de moer, principalmente mulheres¹⁸. É como aconteceu e está acontecendo com tantas mulheres brasileiras¹⁹ de diferentes classes sociais, tipo físico de corpo, raça, etnia, localizações geográficas etc. Cristina é uma delas, moída igual carne no açogue. E quanta carne tinha! Um corpo lindo. De cristã só teve o nome. Atrevida. Se recusava a ir para igreja, mesmo a família fazendo questão. De tanto abandono, de tanta carência, aos 19 anos, recebeu uma chuva de atenção de Mascarado. Carismático, um homem que

¹⁸ Psicanalista especialista em comportamento masculino e relações abusivas, Manuela Xavier, explica que não há um padrão de abusador. Ver: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/nao-existe-um-padro-da-vitima-de-relacionamento-abusivo-diz-psicanalista-pop/>

¹⁹ Violência contra a mulher em relacionamentos afetivos cresce no Brasil. Ver: <https://www.metropoles.com/brasil/numero-de-mulheres-vitimas-de-violencia-e-o-maior-dos-ultimos-5-anos>

jamais alguém desconfiaria que oferece risco a alguém. Engraçado e vaidoso. Muito vaidoso. Se postava por horas a fio diante do espelho.

O que ele fez com Cristina é bem comentado nas redes sociais, principalmente quando alguma mulher famosa leva o assunto a público²⁰, mas na época da minha mãe, não falavam nada e quando aconteceu com Cristina, ainda se falava muito pouco.

Com um trabalho de formiguinha²¹, ele a submeteu à violência física e sexual. Por sorte – ou seja lá o que for – o Mascarado não matou Cristina. Não sei se não teve coragem, ou se faltou uma oportunidade melhor. Já que isso, em diversos momentos, poderia ter acontecido. Recorrentemente ouvia coisas como: “Ninguém te ama, só eu”, “Você é um nada, um lixo, uma vagabunda!”, entre outros adjetivos pejorativos.

Mascarado era cauteloso. Em duas ocasiões se deixou levar pelo sadismo de fazer Cristina sofrer. Na primeira, deixou um dos seus olhos extremamente roxo a ponto de não ter, realmente, como esconder que tinha levado um soco. Na segunda e última, tirou sangue de seus lábios ao desferir um tapa. Ao contrário de Jacqueline, Cristina sobreviveu, conseguiu sair do sorvedouro.

²⁰ O caso mais recente é da apresentadora de televisão Ana Hickmann. Ver: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/11/26/ana-hickmann-diz-que-vivia-relacao-toxica-ha-muito-tempo-como-identificar.htm>

²¹ A psicanalista Manuela Xavier afirma ter vivido um relacionamento abusivo sem saber. Ver: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2023/12/12/ganhava-tres-vezes-mais-e-mesmo-assim-vivi-um-relacionamento-abusivo.htm?cmpid=copiaecola>



Figura 5: Vanessa Cristina Dias, **sem título**, 2018. Fotografia digital. Fonte: Acervo da artista.

O sangue, boa parte de nós está acostumada a ver. Algumas desde criança, outras vão ver mais tarde, já quase adultas. Luana teve essa experiência aos 13 anos. Tinha sido avisada. Um dia, vai descer sangue pelas tuas pernas. Luana já tinha sangrado muito por dentro, mas não a ponto de expelir seu sangue por aí.

Menstruada. Achou que seria pior. Só ficou assustada na primeira vez. Era como se suas feridas estivessem vazando agora. Mas como se acostuma com tudo, se acostumou com isso também. Tinha a sorte de quase não ter cólicas, no máximo uma dor de cabeça de vez em quando. Dor que claro, estava bem habituada. A dor física nunca superou as dores psicológicas. Luana já tinha caído muitas vezes, quebrou algumas partes do corpo. Nada, nada superava a dor da humilhação de ter que pedir para o seu pai comprar pra ela absorvente.

“As mulheres de sua época usavam pano” (dizia rindo). “É muito caro o pacotinho” (reclamava). “Toma!” (jogando o pacote na menina).

Seu progenitor, o Traste, era um homem franzino, parecia de porcelana. Virava fera com filha. Tirava força de cada milímetro de seu corpinho para agredi-la. Ficava gigante com uma cinta na mão. Era inacreditável como sabia ludibriar, chantagear e enganar qualquer pessoa com sua “conversa mole”. Era ele sempre vítima de sua filha raivosa e descontrolada.

Como um homem tão píffio era capaz de desígnios tão narcísicos?

Ele dizia para a menina: “Vais morrer sozinha”, “Ninguém nunca vai suportar ficar com você”,

“Você tem sangue ruim”.

Seu sangue era impuro. Ela era suja. De uma sujeira encrunchada²² desde que se formava no útero de sua mãe. Nasceu assim.

Ela nunca correspondeu às expectativas que a impuseram. Seu pai a detestava porque ela sempre tinha uma verdade inconveniente pra jogar na cara dele. Tinha uma sexualidade exacerbada. Desde criança gostava de se esfregar nas coisas. Seu jacaré comprido, quase do seu tamanho era o seu preferido. Criança não tem sexo. Tem?

Se for menino tem sim! Se for menina, NÃ-NA-NI-NA-NÃO! Nem pensar! Luana amava sentar de pernas abertas. Era mais confortável. Sempre ouvi: “Fecha as pernas!!!” “Não senta assim!”. O tom de desaprovação sobre ela era constante.

Gostava de esfregar as bonecas Barbie uma na outra, mesmo tendo um Ken. Só fazia tudo escondido. Se alguém descobrir... vai ficar **marcada**. Seja na alma, seja no corpo pelas porradas que vai levar.

Aos 16, Luana já dava bastante para sua idade. Aos 17 sofreu seu primeiro estupro. Aos 25 novamente. Mesmo sendo experta Luana criou uma necessidade de buscar validação masculina, queria muito o

²² Palavra inventada que quer dizer: Engendrada na carne crua. Encarnada. Impregnada. Que se torna inerente a.

afeto masculino. Detestava suas colegas, seguras, cheirosas e brilhantes de amor paterno.

Luana não foi responsável pelas violências que sofreu. Nem Jacqueline, nem Cristina, nem tantas outras²³. Jamais. Contudo, por muito tempo se sentiu assim “A culpa é minha”. Com 25 anos até pensou em denunciar. Só que no fundo, sabia que não aconteceria nada com ele, moço prodígio jogador de futebol, todos o amavam na cidade. Ela já era mulher manchada. “Aquela puta? Pediu, né?” diriam. Imaginar a retaliação fazia seu coração diminuir. Tinha medo de se transformar em uma espécie de Medusa.

Solitária e monstruosa.

Assim como Luana, nunca somos boas, certas, mulheres o suficiente. Somos disciplinadas a sentar, dançar, se vestir, andar, falar, rir, comer, espirrar, respirar de um certo modo, e assim, vamos aprendendo os códigos da normalidade para não sermos punidas. Quanto mais dentro da norma e mais amestradas, menos chances de sofrermos violência (Luxor, 2022).

O patriarcado a que fomos submetidas, trouxe com ele o machismo e a misoginia, que são essenciais nesses sorvedouros criados por homens para aprisionar mulheres. Claro que, tanto o

²³ Um exemplo, é o caso de Ingrid Santa Rita. Ver: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/07/10/casamento-as-cegas-abuso-sexual.htm>

progenitor, quanto os estupradores de Luana foram criados nessa ideologia opressora, mas isso não deveria eximi-los de responsabilidade por seus atos, pelas marcas na carne e na psiquê das mulheres que violentaram.

No entanto, nossa estrutura social privilegia os homens até hoje, principalmente os brancos ou os que tem mais dinheiro. Se for branco e rico, é intocável. É só lembrar do revoltante caso da Mari Ferrer²⁴. Ou ainda, dos recentes casos com os jogadores de futebol Robinho e Daniel Alves²⁵ que foram condenados por estupro e tiveram suas prisões decretadas. Nesses casos, vemos a impunidade concedida a homens ricos, dentro e fora do Brasil, ou ao menos a demora para punir o criminoso, como no caso de Robinho que se encontra preso (até quando não sabemos, mas vale ressaltar que Robinho tem a pele mais escura, talvez para ele seja um pouco diferente?!).

Após Daniel Alves ser solto 14 meses depois ao pagar fiança, lembro de ler nas redes sociais comentários que diziam: “Estuprar custa 5,5 milhões de reais” e que a justiça espanhola determinou um preço para o estupro. Mas será que custa tudo isso mesmo? Ou normalmente sai de graça, sem prisão, fiança, sem ninguém nem saber? Não que eu entenda que foi justa essa fiança, ela nem deveria ter sido concedida em primeiro lugar.

²⁴ Ver matéria do *The Intercept*:

<https://www.intercept.com.br/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>

²⁵ Para mais detalhes, ver:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c164kw5gw0po>

Nós mulheres bem sabemos que “[...] a livre e automática vazão da libido fará a mulher se sentir perversa, inadequada, problemática, geneticamente atingida, condenada ao carma de suas vidas passadas, num corpo que não é seu, na busca incessante do elo conceitual perdido no inconsciente de uma criança traumatizada, em centenas de sessões de terapia de vários tipos; frustrada de pais separados, atacada por espíritos obsessores, culpada pelo estupro [...], vítima incapaz, [...] rebelde sem causa [...], vivendo uma fase turbulenta” (Luxor, 2022, p. 25-26). Na tentativa de nos enquadrarmos no ideal de normalidade, há apenas sofrimento.

Foi assim com o gênero e com a sexualidade de muitas de nós. Devemos nos relacionar só com homens que assim foram designados ao nascer, e devemos relegar nossos corpos a eles, para que apenas seus desejos e prazeres sejam reconhecidos e satisfeitos. Nas relações heterossexuais, à grosso modo, as mulheres cis só tem dois papéis: o de esposa, que deve cumprir sua obrigação sexual, ou a de puta, que deve saciar os fetiches que a esposa não pode, pois não é seu papel social.

Vivemos em uma sociedade, em que a sexualidade normal corresponde a um número limitado de paisagens eróticas (Luxor, 2022), em que somente vulva e pênis cis podem se conectar em determinadas posições e, preferencialmente, sob os olhos de Deus. Desse modo, a sexualidade “é a primeira coisa que o sistema dominante nos rouba” (Abhiyana, 2022, p. 39). Sistema que opera sob o julgo dos “dualismos de valor” (Gaard, 2011, p. 199-200) que configuram o pensamento da modernidade. São “[...] formas de

organizar conceitualmente o mundo em termos binários distintos, onde cada lado do dualismo é “visto como exclusivo (e não inclusivo) e de oposição (ao invés de complementar) e onde um valor maior ou superioridade é atribuído a um disjuncto (ou lado do dualismo) em relação ao outro”. (Gaard, 2011, p. 199 *apud* Warren, 1987, p. 6).

Não era só o sangue de Luana que era ruim e sujo. A conotação da sujeira dela tinha a ver com o fato de ser filha de outra mulher sujíssima. Sujeira feminina. Diferente das pessoas não brancas que se tornaram, com a colonização e as teorias falaciosas do racismo científico, a personalização da impureza, da animalidade, da natureza, da selvageria, desprovidas da superioridade branca, inteligente e civilizada. As mulheres frequentemente eram representadas como o mal, o diabólico, o perigoso, o infame. A mulher negra? tem a marca da podridão, da devassidão, é o mal radicalmente personificado. Não há outro papel social pra mulher negra do que de serviçal, do lar, do sexo, do trabalho braçal. Seu corpo carrega delícias, as curvas, os vãos. Deus nos livre delas reproduzirem mais negrinhos. Mas, se der leite, que beleza! Não tem nada mais nutritivo do que o que sai de uma animal-humana-leiteira.

O erótico é possível na vida de gente ferida, ensanguentada, manchada de sangue?

Para Audre Lorde (2019), o patriarcado, o racismo e os modos de vida capitalistas são o que configuram um modo de vida **antierótico**,

que cerne “boa parte das potencialidades de um erotismo que borra as fronteiras do que comumente entendemos como estritamente sexual” (Ambra, 2022, p. 11). Uma sociedade construída em cima da **erotofobia**, o medo tão forte do erótico, a ponto de que mesmo que ele seja reduzido à sexualidade, projeta-se em somente “uma forma [...] abertamente permitida; em apenas uma posição; e somente no contexto de certas sanções legais, religiosas e sociais” (Gaard, 2011, p. 202). Isso se traduz em heterossexualidade, monogamia e cisgeneridade, com base cristã e colonizadora que perdura na contemporaneidade. O desvio dos papéis sociais de gênero e sexualidade, foram uma das várias justificativas para o genocídio colonialista. Os corpos sobreviventes, sobretudo os corpos negros, passaram por “processos de repressão e extrativismo predatório de seus afetos, [resultando] em epistemicídios e na desvalorização de intuições, desejos e prazeres” (Bacellar, 2020, p. 290). Inclusive, mesmo as práticas heterossexuais que não se regulam pela norma supracitada, foram e continuam, por vezes, a serem questionadas (Gaard, 2011).

Se o sentido de erótico foi se estreitando diante das regulações sociais e políticas, é porque, ao mesmo tempo, foi “deturpado pelos homens e usado contra as mulheres” (Lorde, 2019, p. 68), bem como difamado pelos brancos e usado contra as pessoas negras, profanado pelos colonizadores e usado contra os colonizados.

Não há espaço para conexão, reciprocidade ou cooperação, quando o “Eu” é o sujeito que se opõe e se impõe ao “Outro” tomado como mero objeto. Eis alguns exemplos de binarização: homem *versus*

mulher; cultura *versus* natureza; masculino *versus* feminino; sujeito *versus* objeto; brancos *versus* não brancos; financeiramente ricos *versus* pobres; heterossexual *versus* *queer*; mente *versus* corpo; razão *versus* emoção e, por isso, o dualismo razão *versus* erótico pode ser pensado. São valores que nos dão pistas para entendermos a racionalidade que rege a nossa sociedade, patriarcal, racista e neoliberal. Lógica reproduzida e internalizada por muitos.

Em nosso tempo, há uma sexualidade e um modo de fazer sexo normativos, tornando a relação com o erótico uma espécie de *tecnoeros* (Preciado, 2018a), que revela o papel do desejo como artificial, construído culturalmente e acentuado pelos atuais modelos produtivos e de consumo, marcados pelas indústrias farmacológica e pornográfica. O corpo-vivo modificado por hormônios ou medicamentos, cria expectativas de uma performance e um desempenho sexual tal como a da pornografia *mainstream* (Preciado, 2018a).

O entendimento de Foucault, de que a sexualidade é produtiva e não repressiva (Foucault, 2020a), continua fazendo sentido. No entanto, ganha uma nova camada, a sexualidade é estimulada à espetacularização e à otimização, na qual o sujeito não precisa mais de um poder disciplinar, ele mesmo se autorregula (Han, 2017), pelas “tecnologias farmacopornográficas” (Preciado, 2018a). Essas técnicas de subjetivação buscam por corpos que sublimam a força motriz de suas vidas, colocando o prazer e a criatividade “a serviço da produção de capital e da reprodução das espécies” (Preciado, 2018a, p. 128).

A pornografia seria então o oposto do erótico? Dependo do que entendemos por pornografia. Se pornografia é um produto audiovisual, ela tem seu problema na transformação da “masturbação em fonte de produção de capital” (Preciado, 2018a, p. 133). E, se pornografia não é só “sexo em espaço virtual” (Han, 2017, p. 56), a questão que se coloca é a da exposição radicalmente explícita de tudo, em todo lugar “como mercadoria” que o capitalismo demanda (Han, 2017). Na pornografização da vida não há mistério, não há nada além de uma sensação com um fim em si mesma. O indivíduo consumista com ele mesmo e uma sensação vazia, que não cria nada, apenas reproduz. É a lógica do consumo de corpos objetificados, genitalizados que não tem efeitos sobre as relações humanas no sentido de estreitá-las, pelo contrário. A Audre Lorde (2019) critica justamente a pornografia enquanto limitante para as mulheres (principalmente as negras) por serem as mais sexualizadas e objetificadas e, porque as mulheres, não é possibilitado o erótico, mas uma “pornografização” que não oferece risco as estruturas de opressão.

Esses apontamentos revelam como erótico vem se tornando um produto do capitalismo. Portanto, nossas sensibilidades estão em estado de fragilidade. Como é minha relação com o outro? Com seu corpo-vivo e simbólico? A alteridade no outro não está somente nas diferenças visíveis, mas nas diferenças menores que vão aparecendo como quem descama uma cebola, diferenças que causam desconforto, que permite operarmos outros movimentos de vida.

A busca por conforto é a busca pelo igual idealizado. Ideal porque projetamos nós mesmos no outro. A tensão é vista como maléfico, a alteridade como gatilho para aquilo que não traz uma satisfação narcísica imediata e que deve ser reiterada a cada encontro. Uma crise levada as máximas consequências pelos conservadores, supremacistas, nazistas e fascistas (Rolnik, 2021), mas que agora, é agenciada também por pessoas que dizem lutar por causas das “minorias”. Todos hiperidentificados. Cancelar, anular o outro na certeza de que este deve ser culpado. Vigiamos a nós mesmos, nos punimos nessa era de relações via redes sociais. Nos fechamos em bolhas cada vez mais restritas na ilusão de estarmos estabelecendo conexões, quando na realidade, tomados por ressentimentos, não permitimos ao outro o erro, algo tão inerente ao ser humano quanto o erótico. A discordância também é rechaçada, nada pode balançar as nossas inexoráveis convicções. Trata-se de um processo de (re)colonização dos afetos, homogeneização das sensibilidades e das subjetividades em que apenas temos que nos relacionar com o outro que corresponde a nossas expectativas.

O “Eu” narcísico não logra Eros. Este eu, conjugado pelo poder de si sobre si, não tem sequer amor-próprio (Han, 2017). As experiências, afetos, desejos e prazeres são celebrados “apenas na medida em que sejam apropriados como bens consumíveis” (Bacellar, 2020, p. 290). “A potência de vida, de viver, de axé é reduzida ao poder de consumo” (Inocêncio, 2021, p. 180). Como mencionado, o sexo é tomado como performance e desempenho, mas não só, são modos de ser e agir que se estendem a outras esferas da vida. De forma que, nossas experiências estéticas têm se direcionado ao gozo narcísico,

autocentrado, espetacularizado e se dado apenas nas projeções do “Eu” “imagocêntrico”. Não há uma busca por conexões em que os sujeitos são vistos em suas singularidades. O “Eu” tem de se identificar com outro a partir de si mesmo, e assim o interesse só se dá no que se supõe igual. Não se vê o outro em suas tonalidades, mas se reduz à apenas, o que o “Eu” projeta de si (Han, 2017).

Essa constatação teórica, me traz Carolina no peito. Quando estudei em uma escola particular, católica e tradicional de uma cidade historicamente escravocrata, só havia uma Carolina. Nada me doía mais do que cruzar com ela. Carolina nunca levantava a cabeça. Estava sempre, somente acompanhada de um olhar profundamente triste. Existia ali um paradoxo de visibilidade e invisibilidade. Ela se descava por ter a pele escura, ao mesmo tempo, era esse o motivo da necessidade de ela ser o mais invisível o possível. Ensaiei muitas vezes dizer oi. Afirmava internamente: duas abandonadas com certeza se entenderiam. Contudo, o medo de ser ainda mais humilhada pelos colegas me arrebatava. Só me rondava a ideia de que, se me vissem com a única negra dali, seria ainda pior. Já me causava sofrimento o suficiente ser excluída ou humilhada por ser considerada pobre, mal vestida, fétida, e feia. Sinto muito, Carolina.

A existência de Carolina toca, o que Grada Kilomba (1968) elaborou a partir do mito grego de Narciso. Ela sinaliza como o narcisismo se relaciona ao projeto supremacista da branquitude (Kilomba, 2020), que só enxerga a si mesma e que anula, violenta e aniquila o outro, o corpo negro. No entanto, para se restringir a este

projeto narcísico, não é preciso necessariamente ser branco, mas assimilar a lógica da branquitude.

Quando na escola, como estávamos eu e Carolina, é por vezes pedido que o desempenho seja excelente. Não se pode reprovar e só ser aprovado, não é suficiente. Se a criança ou adolescente que tira boas notas vive em uma família disfuncional, o gozo do alto desempenho é tomado para a mesma e não compartilhado com o/a jovem aprendiz. Nessa lógica, impera a lógica “que “vença o melhor” e o resto que se lasque” (Inocêncio, 2021, p. 176). O estudo, é claro que é incentivado, pois ser ter instrução é também uma questão de classe. Ser confundido com um ignorante é sinal de vergonha.

Na sociedade capitalista só há um modo de “vencer na vida”, ganhando dinheiro. Quando mais você tem, mais você é. Há uma lógica quantitativa. Estuda-se para se sentir superior, escolhe a profissão que lhe dará mais *status* e, quando não é possível escolher, trabalha-se muito, até enquanto os já “bem sucedidos” dormem. Ainda na infância, me disseram que minhas únicas opções de “vencer” seriam me casando com um homem rico ou ganhando um grande prêmio em dinheiro em um desses jogos de azar. Eu precisaria ficar refém de um homem ou ter muita sorte. Não tive nenhum dos dois. Fui estudar, trabalhar e morar sozinha.

Trabalhei de muitas formas, na rua, no escritório, no telefone, vendendo, cobrando, organizando, atendendo ao público. Quanto menor o cargo, maior a humilhação, principalmente por parte dos homens. Na busca por me profissionalizar, me formei em Design de Interiores. Pude trabalhar na área, ganhar um pouco melhor, mesmo

ainda como vendedora. Comissionada, sofria por não atingir as metas. A competitividade estava sempre em voga entre os funcionários. Certo dia, demonstrei um pouco de meu descontentamento à minha patroa, que fez questão de dizer: “Se tu não quer [o emprego], tem quem queira!”

Troquei de patrão. Este me ofereceu a gerencia de uma de suas franquias quando noticiei que estava optando por voltar a estudar e repensar minha vida profissional. Ele me disse: “Me escuta! Esta é a melhor decisão para ti! Estudar não dá dinheiro, não leva ninguém a nada hoje em dia. Com uma loja, podes controlar teus próprios horários e ganhar muito mais (dinheiro)!” Está aí, nítida a ideologia neoliberal que cada vez mais busca criar empreendedores de si, sob a sensação de que podemos escolher e que a liberdade é possível. No entanto, é dessa forma que o sujeito empreendedor, “explora a si mesmo e quiçá por decisão pessoal” (Han, 2017, p. 21), como se fosse o melhor modo de viver na contemporaneidade.

Na sociedade do desempenho, o sujeito se constitui a partir da noção do verbo “poder” e não mais do verbo “dever”. Para o filósofo, as novas nuances do capitalismo globalizado incutem a necessidade de sucesso e o medo do fracasso. Para ser bem-sucedido, é preciso ter o máximo de desempenho. Se não atingimos bons resultados, somos nós mesmos os responsáveis por nossa desgraça (Han, 2017).

Agora, mais do que em qualquer outro momento, o sucesso se mede pelo dinheiro e por uma performatividade, um modo de ser, um *mindset* de empresário de sucesso. Somos incentivados a sermos nossos próprios patrões, eu mesma vivi isso. Nos é ofertada uma

falaciosa sensação de liberdade (Han, 2017), de ter controle total sobre o que fazemos, como investimos nosso tempo e dinheiro através do imperativo “seja livre”. Trata-se de uma autoc coerção “muito mais fatal do que a coerção alheia, pois não é possível haver nenhuma resistência contra ela” (Han, 2017, p. 24). É dentro dessa ordem social que “Eros desaparece” (Han, 2017, p. 52).

Muitas das normalizações e regulações que citei até aqui, acabam por produzir desigualdades e dificultam o aprender na escola ou na universidade (Paraíso, 2012). Há uma economização da vida que por vezes se pauta em uma experiência de conhecer baseada na eficiência e na produtividade exacerbada. Deste modo, a competitividade encontra caminho fértil em todos os níveis. Esses modos de ser, pensar e sentir limam as possibilidades de as pessoas dissidentes, que sofrem algum preconceito social, possam sentir a satisfação plena em seus processos de aprendizagem. Essas pessoas ficam à mercê da interpelação, sofrem com comparações com os outros que são o padrão desejável, completo, universal da sociedade. Mas, principalmente, pode introjetar a sensação de incapacidade constante, levando ao desgaste desses corpos, afastando-os das possibilidades do erótico nesses ambientes. Assim, o erótico é (cada vez mais) negado nos espaços institucionais da educação formal (hooks, 2013).

A reforma do ensino médio proposta em 2017, durante o governo de Michel Temer, aprofunda a mecanização capitalista da vida nas escolas públicas, pois coloca os adolescentes mais voltados a uma força braçal de mão de obra barata do que os coloca em em condições

de realizar reflexões e críticas em relação a suas próprias realidades e, o por vir de suas vidas adultas. A partir de 2022, ano de implementação do projeto, passamos a perceber na materialidade esses problemas. Essa perda se concretizou em 2024, com a aprovação da reforma pela classe política vigente no poder. Esta, é apenas mais uma das situações em que nosso bem-estar social foi enfraquecido.

Desde de as eleições presidenciais de 2014, uma série de acontecimentos políticos vem gerando instabilidade no Brasil. Como por exemplo o golpe de Estado violento e misógino contra a presidenta Dilma Rousseff em 2016. Depois com a presidência do Michel Temer, culminando na vitória de Jair Bolsonaro no dia 29 de outubro de 2017. Nesta data, esperávamos, eu e meu companheiro Ranieri, ao resultado da eleição para presidente do Brasil. Quando ouvimos o resultado, foi como se tivessem nos jogado de uma ribanceira. Já estávamos bem na bordinha, mas tínhamos esperança de conseguir sair daquela berlinda. Eu e o Rani choramos abraçados, desolados. Sabíamos que poucas coisas nos sustentariam de pé nos anos que estavam por vir.

A fala de Jair Bolsonaro (então eleito presidente), referente ao incêndio que ocorreu no Museu Nacional no Rio de Janeiro, funcionou um prenúncio dos tempos tristes e angustiantes que viveríamos nos quatro anos que se seguiram. Ainda em campanha eleitoral, o candidato afirmou:

“Já está feito, já pegou fogo, quer que faça o quê?”

E continuou: “O meu nome é Messias, mas eu não tenho como fazer milagre” (G1, 2018). Não que seu grupo já não fizesse ataques à arte, como nos episódios que antecederam as eleições em 2017, e que tiveram a intenção de causar pânico moral e caráter censurador, como: a exposição *queermuseu*; depois com a obra Pedofilia (2017) da artista Alessandra Ropre em exposição no MARCO - Museu de Arte Contemporânea do Mato Grosso do Sul; e com a polêmica performance “La Bête” inspirada em “Bichos” da Lygia Clark que aconteceu no MAM - Museu de Arte Moderna. Nesses casos, a arte foi usada como pretexto ideológico e eleitoreiro para atacar não só a própria arte contemporânea, conhecida por ser questionadora, mas dos corpos, dos gêneros e das sexualidades que questionam, enfrentam, desafiam o patriarcado, tão arraigado ao bolsonarismo.

A postura do “Messias” em relação à gestão da pasta da Educação, foi completamente vexatória. Seu governo evidenciou as escolas e o ensino cívico militar; vimos a perseguição contra as universidades públicas e seus servidores diante dos muitos cortes de verba; tentativas de retomar o projeto ‘Escola Sem Partido’ foram feitas; o *homeschooling* foi pautado; vimos ainda mudanças constantes de ministros da Educação, bem como uma série de escândalos de corrupção grotescos; entre tantos outros problemas.

Tivemos em meio a isso a maior crise sanitária do planeta. A pandemia do vírus covid-19 veio e nos tirou de toda “normalidade” que conhecíamos. Passar por algo dessa dimensão já é difícil e doloroso o suficiente. Ninguém sabia se sairia vivo depois de ser contaminado, principalmente quem chegava a ser hospitalizado.

Queríamos nos sentir seguros, protegidos de alguma maneira. E aí, veio o pior... A forma como Bolsonaro e seus ministros conduziram a questão da pandemia, foi tão catastrófica quanto o vírus. A descredibilização da ciência e das instituições de saúde, somadas a negação de que as vacinas em produção no Brasil e em outros países poderiam salvar as vidas de nossa população, fez com que o número esperado de mortes mais do que dobrasse²⁶. Foram mais de 700 mil vidas dizimadas²⁷.

Ideologia fúnebre, de “mortes políticas, e políticas de morte” (Netto, 2022, p. 11). Um dos maiores retratos disso, além da pandemia, foi o assassinato de Marielle Franco. Com três meses de desgoverno, perdemos um dos maiores nomes da política nacional: Marielle Franco. Uma mulher, negra, bissexual, que defendia os interesses da população periférica e favelada do Rio de Janeiro. Morta a tiros, as balas que atravessaram seu corpo, e de seu motorista Anderson, parecem ter atravessado simbolicamente os corpos de muitos brasileiros, assim como eu, acrescentando mais uma ferida ao nosso território corporal e geográfico.

O que fechou de certo modo, um ciclo para o bolsonarismo, se deu no ápice da violência contra a arte e o patrimônio, no fatídico dia 8 de janeiro de 2022, em que ocorreu uma clara tentativa de golpe de

²⁶ “400 mil mortes poderiam ter sido evitadas”, diz o epidemiologista, Prof. Dr. Pedro Hallal. Ver:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>

²⁷ Dados acompanhados no site oficial do Governo Federal: <https://covid.saude.gov.br/>

Estado. Os eleitores golpistas de Bolsonaro causaram estrago e prejuízo ao patrimônio arquitetônico e artístico de importância nacional e internacional. Foram obras clássicas do período colonial, como o relógio Balthazar Martinot, que foi completamente destruído, às obras modernistas, como a pintura ‘As mulatas’ (1962) de Di Cavalcanti, que foi esfaqueada e, a escultura ‘A Bailarina’ (1920) de Victor Brecheret, que foi furtada e posteriormente recuperada. O bolsonarismo buscou subverter o conceito de “coisa pública” como pertencente ao povo, para ser tratada como “sem dono”, podendo ser destruída ou apropriada. Bem como a criminalização da cultura, com o fim do ministério destinado ao tema e o desmonte de instituições e estruturas de fomentos (Schlee, 2023).

A figura de Bolsonaro pode ir perdendo força diante de escândalos de corrupção, mas a extrema-direita a qual ele representa, não. O pânico social cultivado por essa ideologia, em seus moldes atuais, não só no Brasil, mas em todo o mundo, vêm mostrando como a moral toma o lugar da razão quase que inteiramente. O mote conservador nos costumes e liberal na economia, conduz as subjetividades a mover sua moralidade, suas emoções e sentimentos a fim de sustentar a economia mundial.

As empreitadas desses grupos se direcionam à manutenção do sujeito universal (homem cis, branco, hétero e rico) como dominante. Nesse tipo de pensamento ideológico, não há espaço para a ciência, mas negacionismo, não há espaço para mulheres, elas são consideradas inferiores (Pinheiro-Machado, 2019). Apenas as que se

identificam como antifeministas são “aceitas”²⁸. Tão menos para a população LGBTQIA+, que sofre duros ataques, principalmente de homofobia e transfobia (Soares, 2020). Os comportamentos dos dissidentes de sexualidade e gênero incomodam muito, a ponto de investirem em proibições com relação ao aborto²⁹, a banheiros³⁰, a linguagem³¹ etc. É sugerido que os negros sejam pesados em arrobos³², delegando a utilidade desses corpos, à servidão. Ou, podem morrer de violência policial, inclusive incentivada pelos representantes de

²⁸ “[...] o antifeminismo é um movimento exclusivo da extrema direita, que pretende “resgatar padrões pré-estabelecidos do patriarcado, ou seja, mulheres exclusivamente na esfera privada e homens exclusivamente na esfera pública”. Ver: <https://medium.com/labjorfaap/feminismo-x-antifeminismo-por-que-h%C3%A1-mulheres-que-pensam-t%C3%A3o-diferente-2c1f7404d24e>

²⁹ Projeto de lei está sendo discutido no Senado para aprofundar as proibições sobre o direito ao aborto. https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=9539091&ts=1706719914344&rendition_principal=S&disp osition=inline

³⁰ Projeto de lei para proibir banheiros unissex. Ver: <https://www.camara.leg.br/noticias/847116-projeto-proibe-banheiros-e-vestiarios-publicos-unissex-em-todo-o-pais/#:~:text=Alexandre%20M%C3%A9dice%20de%20Freitas&text=Criam%20projeto%20de%20leis%20com,este%20tipo%20de%20de%20banheiro.>

³¹ Projetos de lei para proibição da linguagem neutra acontecem em diversas cidades do Brasil. Ver: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/02/13/linguagem-neutra-barrada-pelo-stf-lei-que-proibe-o-uso-de-linguagem-neutra-existe-em-3-estados-e-2-capitais.ghtml>

³² Bolsonaro volta a dizer que negros são pesados em arrobos. Ver: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/aos-risos-bolsonaro-diz-que-apoiador-negro-e-pesado-em-arrobos>

Bolsonaro³³. Os indígenas são destinados a morte seja pela violência direta³⁴, seja por contaminação³⁵ ou ainda, pela fome³⁶.

De algum modo, isso me fez lembrar de Alessandro e sua família. Uma típica família tradicional brasileira, cheias de bons costumes. Composta por pessoas com laços sanguíneos majoritariamente caucasianos que tinham o hábito de fazer, nas reuniões de família, falas orgulhosas sobre seus antepassados. Quem sempre era citado? Um alemão, imigrante fugido da 2ª guerra. O grande ancestral, era um homem abertamente nazista que tinha como ídolo Adolf Hitler. Um dos netos do alemão e tio de Alessandro, sempre diz com ar engraçado que seu avô depois de tentar homenagear os “heróis” do regime nazista, foi obrigado a trocar os nomes dos filhos pois, no Brasil pós 2ª G.M. não era permitido fazer essas alusões às figuras que vovô tanto apreciava. Se não fosse o governo brasileiro da época interditar tal feito, as crianças de ontem e pais e avós de hoje, carregariam os nomes dos mais fétidos nazistas.

³³ Tarcísio de Freitas, atual governador de São Paulo é acusado de incentivar violência policial. <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2024/03/08/tarcisio-e-acusado-na-onu-por-violencia-policial-entidades-pedem-inquerito.htm>

³⁴ Houve aumento na violência contra indígenas durante o governo Bolsonaro. <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2023/07/27/violencia-contra-povos-indigenas-no-brasil-aumenta-em-2022-aponta-o-conselho-entenda.ghtml>

³⁵ Indígenas envenenados por Mercurio. Ver: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/04/estudo-sabotado-por-bolsonaro-revela-contaminacao-por-mercurio-de-indigenas-yanomami>

³⁶ Caso Yanomami. Ver: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2023/01/24/bolsonaro-retomou-o-genocidio-indigena-de-onde-a-ditadura-militar-parou.htm>

Alessandro se indignava. Não é possível ser essa a única referência de antepassado que ele teria. Começou a perguntar sobre. De primeiro, só conseguiu descobrir a ascendência italiana e portuguesa, o que não o surpreendeu. Era óbvio que era descendente de europeus, tava-na-cara. Mas desconfiava que poderiam haver outros antepassados pois, suas avós, tanto por parte de mãe quanto de pai, eram pardas. Teve que fazer muito esforço para descobrir que uma de suas bisavós era indígena (ao qual se referiram como mameluca) e que um bisavô era preto (a pele bem escura, enfatizaram). Eles nunca haviam sido mencionados sem que Alessandro insistisse na investigação. Ainda gostaria de saber a qual povo ou território esses dois curiosos antepassados haviam pertencido. Nessas horas, parecia que ele era a única pessoa a se entender e se comportar como uma pessoa latina, brasileira e miscigenada. Muitos de seus parentes que vociferavam a branquitude narcísica, eram também miscigenados. Com a lógica supremacista assimilada, eram também racistas.

Essa estória fez com que eu me recordasse das tantas vezes que escutei, pessoas que se dizem/diziam boas cidadãs, proferirem piadas e injúrias contra pessoas negras. Parece que a questão racial só aparece quando elas têm a necessidade viril de se dizerem não racistas (ou até antirracistas!). Os antepassados negros dessas pessoas, só são lembrados como modo de se esquivarem de qualquer responsabilização.

Se o avô de Alessandro esteve vivo (que bom que não está), talvez tivesse mantido vivo o sonho nazista. Limpeza, pureza, “purgar a sociedade de tudo o que eles consideravam ser podridão, sujeira,

lixo: sífilíticos, homossexuais, judeus, sangues impuros, negros, loucos” (Foucault, 2009, p. 369). Quando se busca esse tipo de higienização étnica, racial ou em detrimento de gênero e sexualidade, busca-se uma padronização dos corpos. Corpos limpos, puros, ideais. É o que vemos tanto na ideologia, como nas políticas governamentais de direita e extrema-direita, ou ainda, nas guerras atuais, como ocorre neste exato momento com o genocídio palestino. No extermínio do outro, **Eros está completamente ausente** (Foucault, 2009).

2.2. Regime colonial-capitalístico.

Próximos do fim de nossa caminhada, quero contextualizar, as forças que promovem nossas dores e abusos, histórica e culturalmente. Trata-se de um processo que vêm constituindo nosso território e nossas subjetividades corporificadas há muitos séculos. Esta estruturação é composta pelo eixo modernidade/colonialidade anexadas ao capitalismo já capilarizado pelo planeta.

A colonização, processo basilar de exploração, impulsionando o sistema capitalista, deixou feridas abertas e pulsantes em vários países como o Brasil. Feridas, que ao invés de cicatrizar, se tornaram mais extensas e penetrantes em função da manutenção e aprofundamento das violências que dão continuidade aos modos coloniais de dominar (o que inclui os países imperialistas, como os Estados Unidos), bem como seu vis-à-vis com a modernidade na opressão dos povos e territórios periféricos (Grosfoguel, 2009). Logo, mesmo que o período de colonização tenha findado, ainda sofremos com a colonialidade, que não se trata de um período histórico, algo anterior ou que decorre da modernidade, mas de um modo de compreender os efeitos de uma construção histórica quanto às nuances de opressão e injustiça.

A modernidade capitalista opera por meio de uma rede de dispositivos de classificação, diferenciação, comparação e exclusão não se restringindo ao corpo humano individual, mas a toda população global. Isto se refere a uma incisão social e econômica compreendida como biopoder. Um poder político com uma “tecnologia de duas faces – anatômica e biológica [...], voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida” (Foucault, 2020a, p. 150). Os

poderes-saberes se engendram “pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (Foucault, 2020a, p. 150), e sua consequência é a constituição de uma sociedade normalizadora que tem seu funcionamento por meio de regras e normas incorporadas, assumidas pelos sujeitos como necessárias.

Porém, a partir do final do séc. XX, adiciona-se ao anatômico e ao biológico, a tecnologia. O controle é exercido não mais apenas sobre a vida, mas sobre um mundo tecnológico, vivo e conectado (Haraway, 1995). O conceito de biopolítica não é dá conta desse todo virtual, físico e tecnológico. Desse modo, Haraway conceitua como tecnobiopoder essas forças que incidem sobre as condutas de si sobre si e sobre as condutas dos outros, a fim de explorar as potencialidades de prazer e de vida de todo o corpo social e em todos os níveis. Fortes traços da “mentalidade” colonizadora e neoliberal são vistos na tecnobiopolítica (Haraway, 1995) e na sociedade do desempenho (Han, 2017), por isso, podem ser entendidas como parte do que configura o **regime colonial-capitalístico** (Rolnik, 2018). E, como “em qualquer outro regime, **é o modo de subjetivação que nele se produz que lhe confere sua consistência existencial**, sem a qual ele não se sustentaria; um não vai sem o outro” (Rolnik, 2018, p. 35).

Se o capitalismo global vem devastando há séculos os recursos naturais do planeta, agora se direciona à espoliação total de nossa subjetividade. Essa espoliação se refere ao que Suley Rolnik, inspirada pelas políticas do trabalho sexual, denomina de “cafetinagem” (Rolnik, 2018). Processo que se inicia sobre a exploração da força de trabalho e vai se tornando mais sofisticada, perturbando a vida em

geral. Quer dizer, esse regime é historicamente construído desde o final do século XV, aprofundado após a segunda guerra mundial, atingindo seu pleno poder nos anos 1970 e, que atualmente, tem sua versão “financeirizada, neoliberal e globalitária” (Rolnik, 2018, p. 29). Nesta última versão, o regime não se reduz a expropriação da força de trabalho, como no modelo fordista, já que a própria noção de trabalho vem mudando. Em nosso contexto, há “uma paulatina diluição da forma Estado democrático e de direito e das leis trabalhistas que dele dependiam, próprias do regime em sua versão anterior” (Rolnik, 2018, p. 32), como temos observado com mais ênfase, desde 2014 no Brasil.

Na tentativa de nos tornar “cafetizados”, nosso corpo e nossa subjetividade no regime colonial-capitalístico devem ser capturados a fim de nos transformar em uma espécie de máquina-hipersensível que funciona a favor do *status quo*. Assim dizendo, as emoções e sentimentos, os modos de ser, sentir e pensar que estão sendo conduzidos para que o gozo, seja continuamente estimulado e reiterado. É requerida a entrega de nossos prazeres ao abuso moderno, colonial e capitalista, a fim de construir e sistematizar o mundo mediante seu designado projeto (Rolnik, 2018). Neste caso, o prazer e o gozo não vêm de nossos saberes, sentimentos e emoções mais profundos, mas do julgo consumista, exibicionista, fetichista, que reduz tudo à coisa.

Há todo um extrativismo colonizante e neoliberalista que opera sobre nossas formas de vida e de nossos relacionamentos com a gente mesmo, com os outros e com o mundo. Ou seja, a cafetinagem acontece no âmbito micropolítico. “Micropolítica” foi o nome que

Félix Guattari (1930-1992) formulou nos anos 60, para se referir às dimensões relativas à “vida privada”, como por exemplo “a sexualidade, a família, os afetos, o cuidado, o corpo, o íntimo” (Preciado, 2018b, p 18). Se antes, para essas dimensões da vida eram pormenorizadas pela esquerda tradicional em detrimento da luta de classes, há anos ganha força em função das “questões feministas, da homossexualidade, da transexualidade, do uso de drogas, e também das relações racializadas de poder, ou dos conflitos pela soberania indígena” (Preciado, 2018b, p. 19). São as dimensões micropolíticas que estão em disputa, que são investidas pelo poder-saber, que fazem parte da constituição subjetiva dos sujeitos.

Como vimos, o abuso da vida se dá por meio da cafetinagem que usurpa as possibilidades de resistência, apropriando nossa subjetividade num sequestro *ad infinitum* de nossas potências de vida em favor da exploração e submissão das pessoas, bem como da acumulação de capital e da manutenção das hierarquizações do poder. Em outras palavras, “[...] o colonialismo, o capitalismo e outras fontes de poder são cascatas inesgotáveis de metáforas com habilidade para envenenar pouco a pouco, instaurando referências que induzem ao que deve ser considerado correto, saudável, admissível, produtivo e desejável” (Greiner, 2023, p. 15). O sujeito na busca por ser saudável, rico e atraente fisicamente, se volta ao imperativo de tudo expor em uma sociedade que, satura o sujeito de estímulos e sensações o tempo todo e, sempre evitando algum possível desconforto. É o gozo pelo gozo que leva à uma espécie de cegueira e ensurdecimento interno. Nossas reivindicações e vontades ficam vulnerabilizadas e não se guiam por nós para preservar, abrihntar e dignificar nossas próprias

vidas. O sentir e o pensar são guiados pela reprodução, pela repetição. Eros entra em estado de agonia e, com o erótico difamado, há poucas margens para resistir. O extrato desse processo é a deterioração da vida, que hoje atinge o limite, ameaçando a continuidade de nossas existências (Rolnik, 2018).

Para transformar as estruturas de governo dos corpos-vivos, é preciso modificar as tecnologias de operação micropolítica que produzem nossas subjetividades (Rolnik, 2018; Preciado, 2018b). O momento pede por respostas e ações outras. Na nova topografia existencial, “mudaram as formas como vemos, ouvimos, sentimos, fazemos e dizemos o mundo. Mudaram nossas perguntas e as coisas do mundo, mudaram os ‘outros’ e mudamos nós” (Paraíso, 2012, p. 26). É no embalo dessas mudanças, a fim de forçá-las a navegar um pouco mais longe, por outros caminhos, que me proponho a realizar a urgente e emergente ressignificação e ampliação do erótico.



Figura 6: Bruna Alcantara, **qual é a sua dor?** 2022. Lambe. Fonte: Site da artista.

“Você suportaria ficar mais um pouquinho?”³⁷

³⁷ Essa pergunta foi proferida a uma garotinha de 10 anos, estuprada e grávida, em uma audiência que tinha como objetivo liberar o aborto, com o intuito de fazer com que ela esperasse e parisse, colocando sua vida em risco. Ver: <https://www.intercept.com.br/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/>

3. RECLUIR.

Paragem necessária: suspender o corpo, as ideias e a lógica

Talvez tenha sido difícil caminhar comigo até aqui. Remexi as feridas, deixei elas falarem. E depois de me perder nos incômodos, refugio-me em mim, em meus devaneios. No casulo, assento as dificuldades, elaboro perguntas, junto os retalhos, deixo o corpo trabalhar para imaginar outras possibilidades.

Propondo um respiro para nós, corto relações com o mundo da lógica, das métricas. A fabulação efêmera me envolve como seda. Seus fios viram diálogos, visões que insurgem para abrir espaço para o novo, para o outro.



Sem nenhum caminho à vista, suspensa no ar, sinto uma presença. Audre Lorde, que assim como minha mãe, nunca deixa de me acompanhar.

– Lorde? Está aí? (Não queria me sentir sozinha, tinha medo)

– Sim, sim. (Ela avisa calmamente)

– Tenho uma pergunta... (Falo arrastado como quem pede licença pra entrar)

– Pois pergunte! (Ela responde animada, com quem espera minha interpelação)

– O que o medo faz com a gente, Lorde?

– Pode dominar a nossa existência e moldar nossos silêncios (Lorde, 2019).

Fico pensativa. É mesmo verdade? Com certa suspeita, e como de habitual, sem nenhum filtro, continuo... – Eu falo demais sabe, Lorde. Não é nem pelos cotovelos, é pelas orelhas, pelo umbigo e até pelos tornozelos. Falo até sozinha! (dou risada). Acho que você já percebeu. (fico sem graça).

– Vanessa, “Fomos educadas para temer o “sim” dentro de nós, nossos mais profundos desejos” (Lorde, 2019, p. 72). (respondeu séria e saiu lentamente me deixando com os meus pensamentos)

Pensei nas vezes que calei, suprimi toda faísca que sentia dentro de mim. O silêncio nem sempre se dá só no nosso aparelho sonoro, lá nas cordas vocais. Ele pode começar lá do dedão do pé ou do mamilo do peito, quem sabe até do tornozelo. Pra mim começou do

cucuruto, com os “crockes³⁸” que eu levava, passou pelos meus olhos ao sentir outros pesarem em desaprovação, até um dia se alojar na encruza, entre o tórax e os seios da face, o que não me impedia de falar - porque pra isso precisaria terem costurado minha “boca grande” - mas de sentir com toda minha carne, as faíscas virarem fogos de todas as cores.



³⁸ Murros em cima da cabeça.

Ainda em suspenso, abraçando o vazio, me ajeito confortavelmente. Faz sol depois de alguns dias típicos de frio e umidade. O sol aquece minha pele pálida e gélida. Sinto meu rosto intumescer levemente. Libélulas e borboletas voam numa dança em meio ao verde do entorno, cheio de gotas d'água remanescentes do sereno matinal. Tudo era calmo.

Passa por mim um senhor já grisalho. Ele é comprido e seus passos fazem melodia. Ele vai... e volta. Agora tem um livro em mãos. Para em minha frente, acena e pergunta, como quem já sabe a resposta:

– Você que é a Vanessa?

– Ahã. Eu mesma. (apreensiva)

Se apresentou. Rubem Alves, seu nome. Nunca ouvi falar, pensei. O livro que ele tinha em mãos era pra mim. Alguém pediu que ele me entregasse. Estendemos os braços. Ele me passa o livro. Jamais recusaria um livro. Nesse momento, parecia que cairia bem uma leitura. Sobre o que seria? Quem escreveu? Agradei, já com os olhos na capa.

– Quem pediu para que você entregasse esse livro pra mim?

Não escuto nada além da melodia, agora outra. A capa não era das melhores. O título: *Variações sobre o prazer* (2011), me parece interessante. Início a leitura...

Logo nas primeiras páginas de “*Variações*” ele pergunta: “Para que ler poesia?” (Alves, 2011, p. 8). Na primeira vez pensei: “É, Rubens, pra quê? Não sou das letras, não construí o hábito de leitura de poesias e romances. Não sou conhecedora de grandes obras

literárias”. Na página seguinte estava escrito que a poesia “nos convida a andar pelos caminhos da nossa própria verdade, os caminhos em que mora o essencial” (Alves, 2011, p. 9). Pensando alto, perguntei a mim mesma: “Qual a minha “verdade”? Eu tenho uma verdade? Tipo algo muito meu?” Avanzo algumas páginas, e leio em alto e bom som: **“Resta então a pergunta: O que é essencial?”** (Alves, 2011, p. 11, grifo meu).

As perguntas reverberaram, brinquei com a seda, senti sua textura contra o meu corpo. Fui criando uma espécie de invólucro no qual pude me resguardar, me organizar de alguma forma para atravessar uma mudança, no ver, escutar e viver. O que será quando sair daqui? Me tornarei irreconhecível? Não sei. Mas de qualquer maneira, serei outra.

4. IDEAR.

Nós e enlaces do erótico ampliado:
experimentalizar de outros modos

“Escrever? – Sim. É a maneira mais íntima de investigar, a mais potente, a mais econômica, o suplemento mais mágico, o mais democrático.

Papel, imaginação e decolar!”

Hélène Cixous

“Criar não é imaginação, é correr o risco de se ter realidade”.

Clarice Lispector

Se “Uma atmosfera sinistra envolve o planeta” hoje (Rolnik, 2018, p. 29), como operar o erótico na pequena gama de paisagens possíveis? “Que tipo de vida podemos extrair de nosso erótico, mergulhado em uma estrutura capitalista, heterocispatriarcal [e racista]?” (Ambra, 2022, p. 12).

Essas perguntas irrompem e, diante da pertinência, me movem a escrever este capítulo. Não abandono o desconforto pois, é preciso mais do que nunca, ficar com o problema (Haraway, 2023). Só deste modo podemos criar outros encontros e parcerias, outras possibilidades de ser, sentir, pensar e fazer nesse mundo rumo a liberdade.

A liberdade, é verdade, vem sendo muito prometida por teorias da libertação e pelo neoliberalismo atual (Han, 2017). Preciado diz que os poderosos são atualmente, representados pelo mercado financeiro. Eles “não cessam de prometer a liberdade, mas como poderiam dar aos subalternos algo que eles mesmos não conhecem?”³⁹ (Preciado,

³⁹ Essa pergunta foi direcionada às normas de gênero, mas entendo que ela pode ser pensada para outros modos de assujeitamento.

2022, p. 22). Essa liberdade é duplamente falsa. Explico: Estamos todos presos as mesmas correntes de normalização e subjetivação.

Na realidade, **“A liberdade é um túnel que se cava com as mãos. A liberdade é uma porta de saída”** (Preciado, 2022, p. 23, grifo meu), é uma fenda que devemos criar com nossas próprias mãos. Ela não é um resultado, um lugar, um ponto de chegada, um final no qual chegaremos e tudo estará solucionado.

Tão pouco é assim o erótico, ele “Não é algo que virá logo, depois que outros problemas forem resolvidos. Ele é uma fonte de questionamento, uma força subversiva,

um memorial de nossa capacidade de gozar”

(Canseco, 2022, p. 117, grifo meu). É o que nos lembra buscar satisfação, prazer, amor, sensualidade, para além das amarras que nos assujeitam. **Insistir no prazer!** Porém, a quais prazeres podemos nos entregar na certeza de que impulsionarão, e não sublimarão, as possibilidades de nossos corpos-vivos? De que modo é possível operacionalizar os prazeres? Em quais ações?

A partir daqui o erótico ampliado começa a ser cerzido. Aviso de antemão, que se trata de um movimento de composição teórica, de costurar com noções e ideias já assentadas. No que se segue, as imagens ganham espaço e a arte enlaça a vida. Com a coragem renovada, retomo o impulso engatilhado, e o que era uma caminhada, agora vira voo.

4.1. Te-ser o corpo erótico.

“É assaz patético querer aplacar algo que nos é intrínseco: o gozo, no sentido mais amplo da palavra”.
Abhiyana

“Nos piores momentos, lembre-se: quem é capaz de sofrer intensamente, também pode ser capaz de intensa alegria”.
Clarice Lispector

Conforme fui me aproximando do que, de algum modo, pode-se considerar o fim desta pesquisa, fui sendo tomada novamente por um mal-estar extraordinário. Se abateu no Rio Grande do Sul, uma das maiores consequências climáticas em função de todo extrativismo violento ao qual o planeta vem sendo submetido para gerar lucro a alguns poucos “seres humanos”. Me perdi.

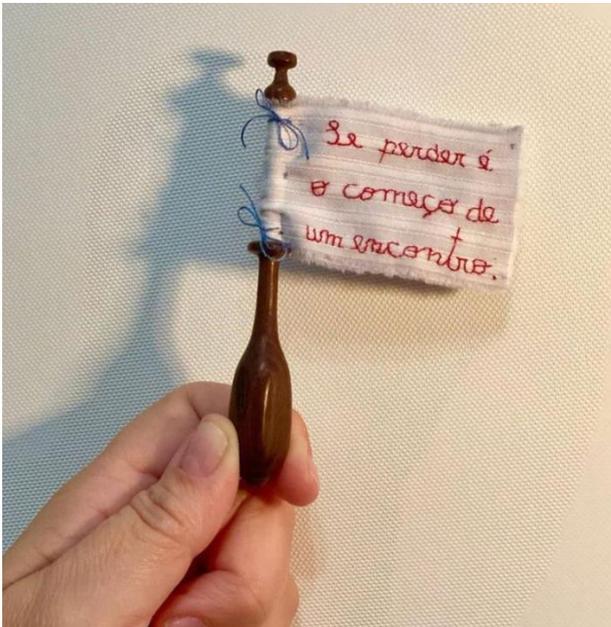


Figura 7: Adriana Eu, **pequenas imensas bandeiras**, 2019. Fotografia digital. Madeira e bordado. Fonte:

Me perdi mais do que gostaria de admitir. Não tive a casa alagada. Mas como muitos, tive que sair do meu lar, do meu espaço de aconchego, aonde toda a escrita aqui presente foi tecida. A pausa não foi só propositiva, foi vivenciada. E o que era pra ser um respiro (e de início foi), se tornou quase um afogamento. Prazos! O tic-tac do relógio correndo sem parar, me lembrando que tudo tem um fim e que alguns finais tem que ser mais apressados do que deveriam. No entanto, prometi logo início, não fazer movimentos forçados. Mas diante de tanto sufocamento, como não ser compelida a fazê-los?

Já de volta em casa, depois de um longo período sem conseguir tocar nos suportes da pesquisa⁴⁰ e na tentativa de voltar a escrever, traí minha própria proposta de pesquisa. Sem querer, voltei a exprimir minhas ideias do modo que considerava ser o único a permitir validação e legitimidade, o acadêmico. Racionalizei demais o erótico. Cedi ao afinilamento de minhas experiências sensíveis em detrimento de escolhas táticas de sobrevivência acadêmica.

Dentro de uma Universidade ocidentalizada, é mais fácil teorizar, ensaiar, dissertar ou narrar sobre a dor e sobre o abuso, do que sobre o prazer. No ambiente acadêmico é esperado que façamos escolhas prévias bem determinadas para que as possíveis respostas a um problema de pesquisa não fujam totalmente do horizonte. **Há espaço na Universidade, para sentir sem anteparos? Ou até para trocar afeto? É possível desfrutar de bons encontros e momentos? Dá pra sentir prazer?**

⁴⁰ Me refiro aos livros de apoio bibliográfico, meus cadernos, materiais artísticos e o notebook.

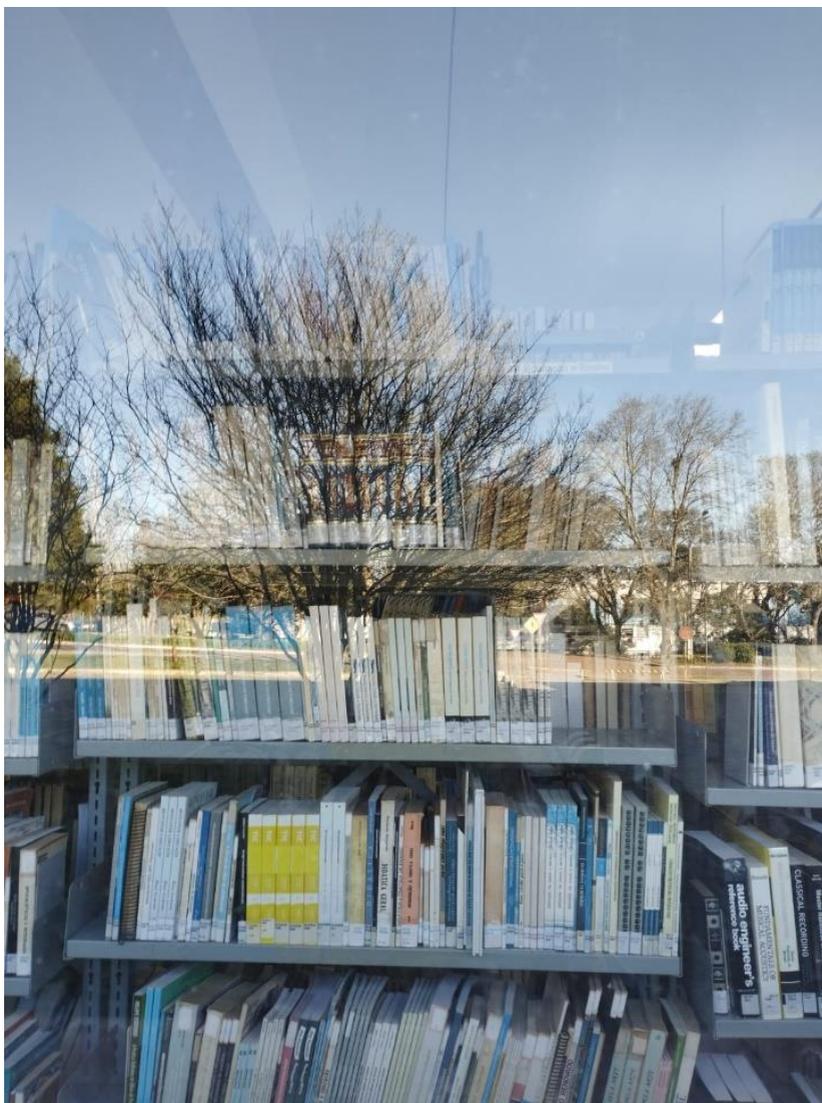


Figura 8: Vanessa Cristina Dias, **entrelugar**, 2024. Fotografia digital.
Fonte: Acervo da artista.

Qualquer pessoa que se dedique a pesquisa sabe que acontecem crises, desvios, pausas no percurso. Logo após a qualificação, me vi em uma dessas crises. Me lembro de minha querida orientadora Aline, proferir-me as palavras: “**Você não se contenta com pouco**”. Essa frase, grudada na memória, faz dois movimentos em meu corpo. Um de desnudar a exigência contínua que tenho comigo mesma e com o que me proponho a fazer, podendo me levar as minhas próprias ruínas. E outro, de evocação do meu erótico, do que sou capaz de fazer de forma prazerosa. Essa frase, em complemento com a seguinte frase: “**Não se cobre tanto**” dita também por ela, mas após as enchentes, quando eu tentava concluir esta pesquisa, me auxiliam a não sucumbir. Não se trata de fazer tudo, mas de abertura ao que pede passagem. Foi me posicionando em um entrelugar, entre a vida acadêmica e a vida ordinária, que pude continuar tecendo a mim e a pesquisa. Ar renovado.

A este ponto, já é possível afirmar que mesmo que a pesquisa tenha um ponto final, ela não terminará aqui. Em uma pesquisa experimental como é o caso desta, os fios que permitem operar o erótico, não respondem ao tempo da demanda externa. Para te-ser⁴¹ a si e a pesquisa, é preciso outro tempo. O do processo que o corpo-vivo-senti-pensante pode e consegue elaborar, digerir. Assim, aqueles contornos que estamos tão acostumados a encontrar no final de qualquer trabalho acadêmico, se tornem impossíveis. Dito isso, o que tento elaborar daqui em diante não será suficiente se a expectativa for

⁴¹ Faço um trocadilho com o verbo tecer para pensar a produção de si por meio de uma tessitura.

obter algo claro, preciso, objetivo ou bem delimitado. Decidi abraçar os vazios, as falhas e as fissuras, para que façam parte de um processo orgânico e fluído, como deve ser um processo de experimentação.

Recomeço puxando o fio pelo ensaio de Audre Lorde, “Usos do erótico: o erótico como poder” (2019), no qual, ela se refere ao erótico como poder logo em seu título. Poder, neste contexto, não é uma coisa, mas uma posição, um modo de agir no mundo. Sinônimo de empoderamento, de vitalidade, de força que o erótico pode nos proporcionar. Para ela, o erótico é antes de qualquer coisa, “um **recurso intrínseco** [...] e que tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados” (Lorde, 2019, p. 67, grifo meu). Enquanto um recurso “maltratado e desvalorizado na cultura ocidental” (Lorde, 2019, p. 67), fomos levadas a suspeitar dessa força. E, a partir do processo de cafetinagem, somos impedidas de reconhecê-la como nossa (Rolnik, 2018).

Temi por muito tempo o sim dentro de mim. Temi que meus desejos tomassem fôlego e que irradiassem através da minha carne tomando as devidas proporções. Desde que deixei o erótico pulsar, venho me corpo-subjetivando de outros modos. Não que eu possa controlar o que sinto. Não é possível controlar a dor, o mal-estar, o desconforto das e nas relações em um mundo que radicalmente impõe competição, hierarquias e através da lógica comercial neoliberal. Também não controlo a afetação, a alegria, o prazer diante dos e nos encontros e conexões que pude e venho fazendo “contrariando as

estatísticas”⁴². Todavia, eu e você, podemos controlar o modo que damos vazão as descargas que perpassam o nosso próprio corpo e, o modo como as interpretamos, porquê quando mal decifrado e elaborado, o incômodo se converte em ressentimento e ódio (Rolnik, 2018), e não em erótico.

O erótico de Lorde, encontra a *potentia gaudendi* de Paul B. Preciado que, a partir de Espinosa, fala sobre a potência “(presencial ou virtual) de **excitação (total) de um corpo**” (Preciado, 2018a, p. 44). Para ele, esta é uma força sem gênero ou órgão genital específico, que não tem “vida” em si, é incerta, inconclusiva e ambígua e, porque está sempre lá, é inerente e desordenada. Não se sabe onde pode começar no corpo, pois está em cada molécula. A *potentia gaudendi* só se dá no corpo-vivo, abrangendo bioquímica e psiquê, materialidade somática e mente, isto é, excita, ativa todo o corpo e suas dimensões míticas, psicológicas, orgânicas, tecnológicas e linguísticas (Preciado, 2018a).

No prefácio de ‘Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada’ (Rolnik, 2018), que Preciado escreveu, o mesmo afirma: “o que ela [Suely Rolnik], seguindo Freud, chama de “pulsão de vida” [é] o que eu denominei, em outros textos, seguindo Espinosa, “*potentia gaudendi*” (Preciado, 2018b, p. 18-19). Por mais que o filósofo indique que os conceitos se referem a mesma ideia, há diferenças nas elaborações.

⁴² Expressão usada propositalmente pois o regime colonial-capitalístico permite pouco espaço para resistir ao assujeitamento da vida. Além disso, a estatística é um dispositivo da biopolítica (Foucault, 2020a; 2008).

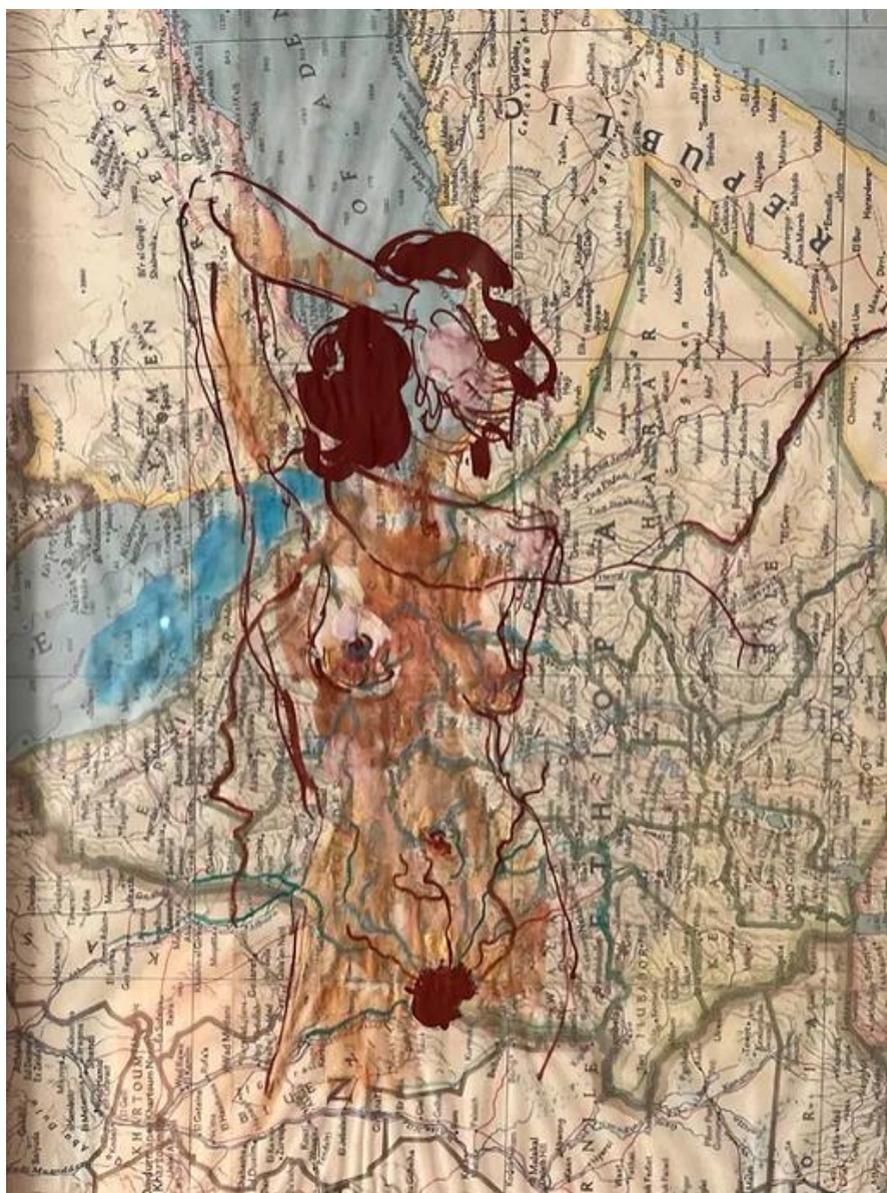


Figura 9: Raissa Christina, **quando ocorre o impulso elétrico**, 2023. Aquarela e guache sobre papel vegetal e mapa. Fonte: Site da artista.

Preciado está preocupado com a produção subjetiva e artificial das sexualidades e do gênero, com foco em sua própria experiência como corpo-vivo dissidente. Já Rolnik, não pensa na própria constituição. Ela abarca de forma geral, a subjetividade e, principalmente o inconsciente para problematizar tais produções em nosso tempo mediante aos aspectos micropolíticos (toca nas questões de sexualidade, raça, gênero, classe, entre outros marcadores sociais) e neoliberais.

Seguindo com Rolnik e sua noção de pulsão de vida, que tem forte influência da psicanálise freudiana, mas a qual, a filósofa e psicanalista realiza críticas a esta tradição de pensamento, principalmente sobre a problemática que, para ela, o uso da palavra morte têm para designar o destino da pulsão, como fez Freud. Subvertendo a psicanálise, Rolnik recorre ao filósofo Frederick Nietzsche (1844-1900) para afirmar que pulsão é sempre de vida, pois é a ela que se volta sem exceção. Na maior parte do tempo, Rolnik utiliza a “**pulsão de vida**”, mas em outros momentos, ela utiliza outras nomenclaturas, como “**pulsão vital**”, “**energia vital**” ou “**força vital**” (as duas últimas são também usadas por Lorde (2019) para se referir ao erótico). Para não me alargar demais nesta densa discussão⁴³, pode-se dizer, ao fim e ao cabo, que a pulsão de vida é “**vontade de potência**” (Rolnik, 2018, p. 106, grifo meu), que “nos humanos, incluem os recursos subjetivos para sua preservação” (Rolnik, 2018, p. 107).

⁴³ Ver: ‘Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada’ (2018) de Suely Rolnik, nas páginas 104, 105 e 106.

“O erótico é o que estimula e vela pelo nosso mais profundo conhecimento” (Lorde, 2019, p. 71, grifo meu). Ele é um recurso que permite reivindicarmos “o desejo, a imaginação, o afeto” (Preciado, 2018b, p. 19), bem como **“nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas”** (Lorde, 2019, p. 70, grifo meu). O sentido de Eros que deve ser recuperado, parte da compreensão do mito grego enquanto “personificação de amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, e personificado no poder criativo e harmonia” (Lorde, 2019, p. 69). O erótico ampliado diz respeito a várias atividades, das mais ordinárias, as mais elaboradas, reiterando a sexualidade e para além dela. Trata-se de uma **“força que intensifica nosso esforço global de autorrealização”** (hooks, 2018, p. 258, grifo meu), e que ressalta “a importância de ouvir aquele sentimento de satisfação interior que se alcança quando tais atividades prazerosas são realizadas” (Canseco, 2022, p. 115).

A partir de Lorde, “entende-se que o erótico tem a ver com a afirmação da nossa capacidade de prazer. Relaciona-se, assim, com um requerimento interior de excelência, em sentirmos prazer em cada dimensão de nossas vidas” (Bacellar, 2020, p. 291). Este erótico se encontra “entre as origens da nossa autoconsciência e o caos dos nossos sentimentos mais intensos” (Lorde, 2019, p. 68), que apesar de passar por um processo interno em cada sujeito, fala também de nossas ações, de nossos encontros com os outros e com o mundo. Um processo de elaboração e criação que aproxima a razão e nossos sentimentos, é a experimentação do mundo no pensamento e a partir das sensibilidades, tramando reflexão e sensação.

A medula do erótico ampliado é a resistência aos modos de subjetivação hegemônicos da racionalidade pura da modernidade e, da competição e espetacularização do neoliberalismo. Conforme mencionado, o erótico é uma força criadora e criativa que funde a razão às nossas emoções em profusão, a fim de produzir uma essencial fonte de saber que é estranha a civilidade e cientificidade ocidentais, porque abarca o corpo e suas sensibilidades sem um fim para o *status quo*.



Figura 10: Vanessa Cristina Dias, **ruínas da modernidade**, 2014. Fotografia de pixo. Fonte: Acervo da artista.

O erótico é capaz de se infiltrar “nas frestas de nossas formas de vida e demonstra[r] que o tesão está além e aquém do corpo cartesiano [...]” (Ambra, 2022, p. 11 e 12). Quer dizer, Eros entendido de modo ampliado, mostra que não há divisão entre a racionalidade e o sensível. O erótico é o que excita, faz reagir todo o corpo, é o que nos toca, nos impulsiona (metafísica e materialmente) para que sigamos vivendo. Encontramos nosso lugar no mundo por meio da satisfação, com estar bem com o que fazemos pois, dessa forma, atendemos a nossas necessidades para além das demandas de sobrevivência ditadas pelas tecnologias que nos subjetivam.

A satisfação pessoal não pode estar atrelada a lógica narcisista, muito menos quando suplantada pelo racismo. Grada Kilomba, artista e teórica multidisciplinar, formula uma proposta de confronto ao narcisismo branco que consiste em produzir por meio de exercício poético artístico visual e de escrita, uma estética sensível e ética de constituição de si (Kilomba, 2020). Podemos pensar em um processo em que **“é preciso cuidar primeiro de si próprio, da sua própria sensibilidade”** (Inocência, 2021, p. 176, grifo meu), neste caso, principalmente se o corpo é negro.

Se na contemporaneidade, Eros vêm sendo reivindicado por meio da hiper exposição visual de caráter espetacular e performático (Han, 2017), é o âmbito do visual que se torna relevante para pensarmos nos modos de ver, de dar a ver e de sermos vistos. É com o que convencionalmente chamamos de arte nas sociedades ocidentais e ocidentalizadas, que o erótico pode ser operacionalizado, reforçando **“sua função ética de dar corpo ao que a vida anuncia”** (Rolnik,

2018, p. 93, grifo meu). Por outro lado, a arte pode não ser a única fonte criativa para operacionalizar o erótico, mas é, sem dúvida, um dos modos mais profícuos de realizar o “desfazimento” das dores.

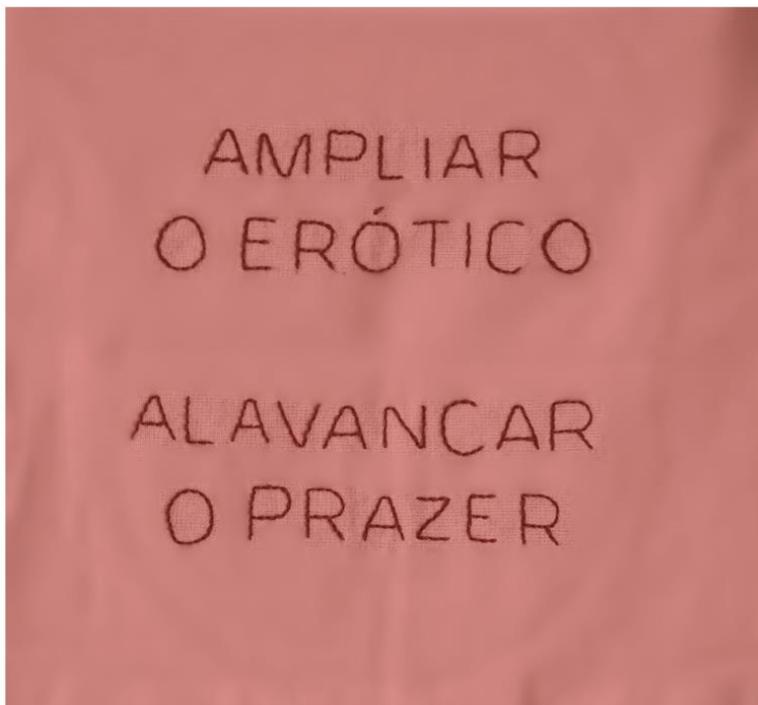


Figura 11: Vanessa Cristina Dias, **ampliar o erótico**, 2024. Bordado sobre tecido, fotografia digital. Fonte: Acervo da artista.

Enquanto potência de criação, o erótico não pode ser reduzido à mera criatividade como “uma das capacidades indispensáveis para o trabalho de criação” pois, “quando esta dissocia-se do saber-do-corpo torna-se estéril e não faz senão recompor o instituído” (Rolnik, 2018, p. 54). Então, na busca dar atenção a minha sensibilidade, encarnei

meu próprio corpo, dando atenção às descargas, aos incômodos, às minhas afetações conforme elas insurgem, transpondo-as em palavras e imagens, costurando com palavras e imagens que não são minhas, mas que confluem com o meu sentir-pensar, a fim de “trabalhar eroticamente, criando sensações prazerosas e poderosas que não têm utilidade alguma para a civilização, apenas para mim” (Luxor, 2022, p. 28).

Precisamos, como pesquisadoras e pesquisadores, conectar palavras, transformando-as em frases também conectadas. Escrever é, para mim, de fato, a forma mais prazerosa de operar com Eros. Esta ação, que é parte indissociável da atividade de pesquisar. Até escrever nos moldes acadêmicos me dá algum prazer, mas não faz com que eu me sinta plenamente satisfeita. Preciso trabalhar com meu corpo, viver, conviver e ressignificar quem estou sendo no mundo. Pensar e sentir passa por dentro e por fora, pois o processo de conhecer, é “sempre um movimento que parte do corpo” (Greiner, 2023, p. 11). E se normalmente temos que delimitar as molduras de uma pesquisa, aqui a pulsão de investigar experimentalmente, tomou conta.

Posso dizer, com toda a certeza, que a ampliação do erótico ainda não está completa. Para que a metamorfose erótica aconteça, preciso dos outros. As outras pessoas, principalmente as que encontro pelo caminho e aquilo que é produzido, materializado por elas. Preciso das descargas que elas me causam. Preciso afetar-me. Seja pela linha, pela agulha e o tecido, feitos por outrem e que em minhas mãos se tornam fonte de Eros. Ou, seja pelo abraço de quem eu amo, pelo que construo com outros corpos.

4.2. Paisagem imago-erótica.

“Eros nos devolveria a sabedoria em relação à nossa capacidade de desfrutar, e prestar atenção a essa satisfação é o que nos lembra que a plenitude é possível para nossos corpos, ainda que ameaçados pela violência do mundo”.

Beto Canseco

A ênfase aos outros é dada por Byung Chu-Han (2017). A discussão do autor permeia os modos atuais de vida e seus efeitos na psiquê humana como um todo. Seu foco está na problematização do enfraquecimento da alteridade, na hiperindividualização e na pobreza das relações sociais. Para ele, “eros aplica-se em sentido enfático ao outro que não pode ser abarcado pelo regime do eu” (Han, 2017, p. 8), isto é, a essência do erótico está na relação aberta com o outro e com o mundo, é ele o resultado dos encontros em que não há a primazia do “eu”, mas da própria relação.

Pensando a partir de Preciado, a vontade de potência, “não busca nenhuma resolução imediata, aspira apenas à própria extensão no espaço e no tempo, a tudo e a todos, em todo lugar e a todo momento. **É uma força de transformação do mundo em prazer - “prazer com”**” (Preciado, 2018a, p. 45, grifo meu). Lorde (2019), em diversos momentos reitera a importância de compartilhar os sentimentos, a satisfação de maneira ética. Ela nos indica que o erótico pode ser operado de várias formas, e que a primeira delas está justamente em “compartilhar intimamente alguma atividade com outra pessoa” (Lorde, 2019, p. 71), pois esse movimento de partilha cria “uma ponte entre as pessoas [...] que pode ser a base para a compreensão de grande parte daquilo que elas não tem em comum, e

ameniza a ameaça das suas diferenças” (Lorde, 2019, p. 71). Sem a combinação entre compartilhar e ética, mesmo entre mulheres, não há erótico, mas abuso.

Nesse mesmo caminho, o ensaio de Rolnik é inspirado pelas lutas coletivas, elaborado com elas em voga e, por isso, se insere em seus contextos⁴⁴. Ela enfatiza a todo momento a vida coletiva, a inteligência, a força e a sinergia que irrompe do contato não cafetinado com o outro, o que também demanda ética (Rolnik, 2018). Dito isso, pensar que o erótico parte das relações e dos encontros e que, ao mesmo tempo, nelas/delas se reverbera, é passo importante para ampliação do conceito. É a partir de nossos corpos-vivos dispostos aos encontros com o outro da alteridade que podemos entrar em contato com a energia criativa germinativa, isto é, com o erótico.

Em termos artísticos, é o que realiza a artista cubana Ana Mendieta (1948-1985) a partir do que a autora feminista e descolonial Karina Bidaseca formula a “*Poética erótica de la relación*” (2020)⁴⁵. Uma proposta que se baseia em um modo de recusar o mundo constituído pelo *logos* colonialista e capitalista a fim de amenizar as feridas, revelar as dores e abusos, mas fornecer um sopro de vida, nos renovando e vitalizando. Na poética erótica da relação, o compromisso ético também está assentado pois, deve prevalecer o bem-estar próprio

⁴⁴ Os movimentos citados são: o punk, o feminista e o negro, o LGBTQI, dos Caras-pintadas, do May Day, das Diretas já, do MST e o indígena. Ver nota de rodapé páginas: 30 e 31.

⁴⁵ Se baseou nos escritos de Audre Lorde, María Lugones e Édouard Glissant.

e dos outros. Há uma abertura a outras possibilidades de ser, ver e de se relacionar com as diferenças, com as multiplicidades.

Mendieta rompe com os binarismos, misturando as categorias que são tidas em oposição, hierarquia e exclusão, como natureza e cultura, não-humano/animal e humano, espiritual e político. Ela embaralha as zonas temporais do passado, do presente e do futuro evocando a memória da terra, do corpo, de sua ancestralidade e marcando os espaços, deixando pegadas, marcas que não se apagam da memória da terra ou que persistem ao tempo nas paredes dos museus e galerias. Mendieta enfrentou o sexismo e o racismo, bem como as “altas culturas”. Além disso, a base para seu trabalho artístico estava no entendimento de que uma energia universal, uma força espiritual está sempre emanando dos humanos, das plantas, de toda a galáxia (Mendieta, 1983 *apud* Ocampo, 2006, p. 148).

Em suma, a cubana realiza uma resposta às dores e abusos no âmbito micropolítico. Rolnik e Preciado se propuseram a problematizar o modo como o “regime colonial-capitalístico” e a sociedade na “era farmacopornográfica” vêm incidindo sobre a esfera micropolítica – e, por isso, abrange a “pulsão de vida”, a “*potentia gaudendi*” – a fim de perpetuar e aprofundar ainda mais o sistema vigente (capitalista, machista, racista, homofóbica, etc.). Han e Lorde apontam que essa tentativa de sublimar a força criativa e criadora para a reprodução do *status quo*, concerne a antítese de Eros, à sua ausência e sufocamento. Um processo no qual, há uma reprodução monotônica e anêmica da sobrevivência, de um modo miserável e infecundo de

existir. Neste sentido, é preciso ir na contramão e ativar o erótico ampliado, colocá-lo em funcionamento.

No entanto, a ação micropolítica em nosso tempo, não é fácil. É “difícil utilizar o corpo e os prazeres contra um poder cujo produto é precisamente esse corpo e esses prazeres” (Ortega, 2008, p. 29). Não se trata de um caminho único, universal e linear. Cada sujeito na relação de si consigo, com a alteridade e com o mundo fará seu percurso em palimpsestos. Os resultados das operacionalizações eróticas também não são iguais em todas as esferas da vida, a resposta está na maneira de usarmos nosso tempo, nosso ver e nossas dores em um caminho que traça o comprometimento com nossa satisfação plena em todas nossas ações, de forma qualitativa.

Das muitas conversas que tive com Rubem Alves, em uma das últimas, ele ousou me interpelar com mais uma de suas, sempre boas perguntas: **“O uso da inteligência pode ser erótico? Dá prazer? Dá alegria?”** (Alves, 2011, p. 97, grifo meu). A alguns anos atrás, eu desconfiaria das interrogações. Será que compreender, conhecer, aprender, podem ser prazerosos? Pensava que o processo de aprendizagem era restrito aos ambientes de educação formal, e que estariam ligados às disciplinas curriculares. Delegava tudo a racionalidade, como se aprender fosse amontoar o máximo de informações dentro da cabeça. Ledo engano! Ironicamente, eu só entendi o quão errada estava, quando retornei à Universidade, justamente o espaço que, além de ser o da educação formal, é o que em muitas ocasiões, nos adocece psiquicamente, nos faz seres mais frios e competitivos, menos cooperativos e alinhados ao coletivo.

OUTRAS PESSOAS SENTEM

Figura 12: Vanessa Cristina Dias, **outras pessoas sentem**, 2024. Fonte: Acervo da artista.

A Universidade é para mim, um território ambíguo, que me causa dor e prazer. Para que a ela me cause prazer, preciso da presença de outras pessoas dispostas a, não só pensar, mas acima de tudo, **sentir com**. Foi na Universidade que entendi que **outras pessoas pensam**⁴⁶, que são capazes de formular suas próprias ideias e articular tantas outras, mas que são capazes de ativar suas sensibilidades nesse

⁴⁶ Referência a obra de Alfredo Jaar, “Outras pessoas pensam” (2012).

processo. A lógica da Universidade é por vezes, a da colonialidade vinculada ao capitalismo em seu modelo atual. Porém, é preciso “conhecer a partir da singularidade dos corpos e de seus modos de existência” (Greiner, 2023, p. 22). É isso que mais me atrai, o potencial de operar o erótico ampliado em um lugar que, mais inibe, do que incentiva os afetos a fazerem morada.

Isto me remete a proposta de María Lugones (2014) de compor uma erótica social pelo viés feminista e de(s)colonial⁴⁷, operada pela lógica da diferença, da multiplicidade e da coalizão. Ela vislumbra olharmos para o que podemos aprender umas com as outras, transformando a teoria em prática a partir de metodologias que façam sentido em nossa realidade material. Sobre isso, Lugones elabora uma série de perguntas que considero relevantes: “Como aprendemos umas das outras? Como faremos isso sem nos causar dano, mas com a coragem de retomar a tessitura do cotidiano que pode revelar profundas traições? Como nos entrecruzarmos sem assumir o controle? Com quem fazemos esse trabalho? [...] Como praticamos umas com as outras, engajando-nos em diálogo na diferença colonial? Como saber que estamos fazendo isso?” (Lugones, 2014, p. 950).

Byung-Chu Han (2017) afirma que o mesmo não pode ser apreendido, possuído ou reconhecido. Já Preciado, coloca que não é possível possuir a *potentia gaudendi* pois, é uma energia que “existe unicamente como um evento, uma relação, uma prática ou um processo evolucionário” (Preciado, 2018a, p. 46). Ou seja, é uma força que a partir do momento que ativa todo o corpo, faz como que este

⁴⁷ Inspirada por Audre Lorde e Chela Sandoval.

corpo realize outras ações com prazer. Rolnik coloca a pulsão de vida, a força criativa que pode transformar outros modos coletivos de vida. E Han, diz que Eros se manifesta de modo transcendente “por uma forma de vida e sociedade totalmente distinta” (Han, 2017, p. 81).

O caminho é imbricar ética e erótica com a produção de si, em que o mote seja de “afirmação da vida ao invés do lucro, o comunalismo ao invés do individualismo, o “estar” ao invés do empreender, seres em relação em vez de seres em constantes divisões dicotômicas, em fragmentos ordenados hierárquica e violentamente” (Lugones, 2014, p. 949).

Não que na Universidade não encontremos problemas, mas quando coloco meu sentir aberto ao coletivo, é que me é possível sentir prazer em aprender, em conhecer, em compreender. Não sou um ser autossuficiente. Nos grupos de pesquisa Caixa de Pandora (UFPEL), Mariposas (UFPEL) e Humanitas (FURB), venho vivendo experiências incríveis, realizando projetos com outros corpos-vivos que pensam e sentem. Adentrar todas me demandaria mais tempo do que o tenho disponível neste momento, mas quero salientar o quanto esses grupos fornecem acolhimento a corpos desviantes, ainda em minoria na Universidade. Eles criam espaços em que a coletividade e o senso de comunidade são a bússola que guiam os encontros. Neles, trocamos saberes acadêmicos e artísticos, fazemos artesanias do sentir e do pensar, imbricando nossos corpos e vidas em nossas propostas.

Se muitas/os professoras/es universitários desencontraram o erótico ou jamais reconheceram esse recurso em suas práticas pedagógicas, elas/es “têm de encontrar de novo o lugar de Eros”

(hooks, 2013, p. 264). Sabemos que nem sempre o ensino e a aprendizagem “são muito apaixonados na educação superior. Mesmo quando os alunos anseiam desesperadamente pelo toque do conhecimento, os professores têm medo do desafio e deixam que sua preocupação com a possibilidade de perder o controle sobrepuje seu desejo de ensinar. Ao mesmo tempo, aqueles entre nós que ensinam as matérias de sempre do mesmo jeito de antigamente encontram-se, muitas vezes, interiormente entediados — incapazes de reacender a paixão que sentiam outrora” (hooks, 2013, p. 263).

Por outro lado, em minha jornada acadêmica encontrei muitas professoras que tem estreita relação com Eros, cada uma a seu modo, elas “ousam subverter a cisão entre mente e corpo e nos permite estar presentes por inteiro – e, conseqüentemente, com todo o coração – na sala de aula” (hooks, 2013, p. 256). As professoras que gostaria de destacar são: Ursula Rosa da Silva, Nádía da Cruz Senna, Maria Manuela Garcia, Aline Accorssi, Thays Tonin e Helene Sacco, pois, elas ensinam com o corpo, deixam ele falar na sala de aula. É possível sentir o prazer que elas sentem em expor e partilhar ideias, epistememes, conteúdos. Além disso, elas rompem as fronteiras entre academia e vida comum, entre o pensar e o sentir. O erótico ampliado está sempre presente em suas aulas e encontros.

O que pode um corpo em sala de aula?

Em minhas primeiras experiências como professora, adentrava a sala de aula sem saber o que fazer com o corpo. Certamente muitas/os professoras/es tentam apartar seus corpos desse ambiente. São poucos que ousam agir de outros modos na Universidade. Gosto de pensar que é possível profanar a instituição, seus ritos, suas hierarquias, sua geografia e ainda ser legitimada. Nem todas as pessoas que fazem parte da instituição vão legitimar, é verdade, mas as professoras como as que citei, me inspiram a pensar e fazer diferente, desde Eros. O erótico quando está presente na sala de aula, “pode proporcionar um fundamento epistemológico para entendermos como sabemos o que sabemos” (hooks, 2013, p. 258).

Lembro de em meu primeiro estágio, ser chamada de “a professoras dos porquês”. Segundo minhas/meus alunas/os, eu questionava demais o porquê das coisas. Fazia elas/es pensarem, estimulava a fazerem conexões entre o que era visto na sala de aula e suas experiências e ideias. No começo, eles estranharam, pois sua professora não fazia perguntas que não tivessem respostas objetivas, mas conforme as aulas seguiam, eles mesmos buscavam expor seus pensamentos, seus sentires. Em uma das aulas, levei tinta, pincéis e painéis de papel pardo. Muitas/os disseram nunca ter pintado com tinta. Seus rostos se abriram. Começamos mexendo as mesas e cadeiras que nunca saíam de uma mesma posição. Cada um tinha seu lugar. Agora, nossos corpos se encontravam. Nos misturávamos em pé. Misturávamos também as tintas, descobrindo novas cores. Todas e todos se engajaram com prazer na atividade. Com nossas mãos, fizemos murais de arte rupestre. Ao final da aula, recebi muitos abraços e agradecimentos pela experiência. Elas e eles me

perguntaram incessantemente se retornaria para levar mais propostas práticas com arte. Fui inebriada pelo prazer. Neste dia fizemos laços afetivos que nos acompanharam por todas as aulas. Me coloquei inteira, experienciei as atividades junto com elas e eles. E, em todas as aulas, saía com a sensação de satisfação plena, mesmo que não estivéssemos em nosso dia mais animado.

**Dar aula me dá prazer.
Dar aula é erótico.**



Figura 13: Atividade realizada no estágio, 2019. Guache em papel pardo. Fonte: Acervo da professora.

As ideias apresentadas auxiliam a repensar o erótico para além da atividade sexual, centrando seu entendimento na força vital e na energia criativa empoderada, ambas pensadas na forma de prazer intelectual e físico se contrapondo à insistência de reforçar a divisão binária entre mente *versus* corpo (Lorde, 2019; hooks, 2013). Uma vez que, logramos a satisfação exclusivamente ao sexo, subtraímos todo o potencial erótico nas demais esferas da vida.

Nessa esteira epistêmica, em oposição ao senso comum das “normatividades positivas codificadas: “roupas eróticas”, “cenas eróticas”, músicas eróticas” (Ambra, 2022, p. 10), e das já mencionadas e problematizadas, literatura e arte erótica, corrobora-se um erótico de várias dimensões que se refere “de forma mais geral à sensualidade, espontaneidade, paixão, alegria e estimulação prazerosa” (Gaard, 2011, p. 200), mas que não deixa de se referir a sexualidade. Esta não deve ser inibida ou esquecida porque o sexo sempre fez parte do erótico. O sexo deve ser encarado como uma das dimensões possíveis para experienciar e operar com Eros. Afinal, mesmo quando restrita ao íntimo do quarto, nem sempre é ele realmente reconhecido como erótico (Lorde, 2019).

Para mim, a sexualidade está no mais fundante do meu ser. Aqui, opto por não operar com a explicitude de meus momentos sexuais com outros corpos. Mas de explorar meus desejos sem culpa e de forma ampla.



Figura 14: Thereza Nardelli, **matar a culpa salvar o desejo**. Bandeira. Fonte: Site da artista.

A escrita é a ação que vêm criando um lugar no qual eu consigo acessar o êxtase. Nela, nem sempre coerência e coesão se encontram. Perco os pontos finais. Não coloco os pingos nos “is”. Indisciplinada e malcriada, só porque me entendia escrever com uma única linha. Prefiro evitar o que é reto, oblíquo demais e o que range pelos cantos. As palavras são meu combustível, meu corpo-inteiro é o motor. Minha língua encontra outras por meio da leitura. Encontro-erótico. Escritoras, autoras e teóricas me fodem os sentidos. Lambuzo-me da saliva delas. Aline Bei, Hilda Hilst, Rosa Monteiro, Maya Angelou, Clarisse Lispector, entre tantas outras penetram minhas entranhas.

Engulo seus fluídos e secreções. Das fissuras cavadas em meu corpo, saem poesia. Gozo, longe de toda asfixia fétida.

No entanto, o processo de escrita acadêmica, é por vezes, *framen-ta-do*. Nem sempre a escrita flui. E quando não sei o que fazer, masturbo-me. Quando intempestivamente as palavras correm meu corpo, masturbo-me. Quando nenhuma palavra consegue se assentar em mim, masturbo-me. Quando o clitóris pulsa na mesma velocidade que as ideias, masturbo-me. Para não sufocar, masturbo-me. Para não sufocar, **escrevo**. Clitóris. Palavra. Descarga. Língua. As teclas e meu sangue entram em uníssono, em vórtice. As letras se costuram, o texto se forma sob a pele. Quero bordar, letra por letra. Me mover no vai-e-vem da linha que penetra e transforma o tecido.

Para além das escritoras de romance e poesia, autoras e autores de teoria filosófica, artística, social etc., também se inscrevem no meu corpo e me fazem companhia. Gosto de conversar com elas e eles, como se fôssemos amigas e amigos⁴⁸. As ideias expurgadas de seus corpos, traduzidas em formato de livros, vão em direção a outros corpos e livros, permitindo que um movimento *ad infinitum* possa se instaurar. A partir de seus escritos, dou mais do que língua aos conceitos, dou língua aos meus afetos. E no processo de escrita, os afetos que pedem passagem são traduzidos.

⁴⁸ Me refiro a definição de amigo que Deleuze e Guattari fazem na introdução de “O que é filosofia” (1992).



Figura 15: Lenora de Barros, **poema**, 1979. Impressão sobre papel algodão. 139,7×29,8cm. Fonte: Acervo Anita Schwartz Galeria de Arte.

Em posse de meu corpo-encarnado, evoco lembranças, dou vazão às partículas de erótico que me perpassam no suspirar desta dissertação-ensaio. Me pego abrindo mais alguns baús, encontro a caixa onde guardo fotos antigas. Começo a sentir uma embriaguez. Meus outros eus me invadem. Não somos idênticos, mas somos o mesmo ser. Cada uma de minhas formas “expressa a mesma vida segundo a mesma potência” (Coccia, 2020, p. 18).

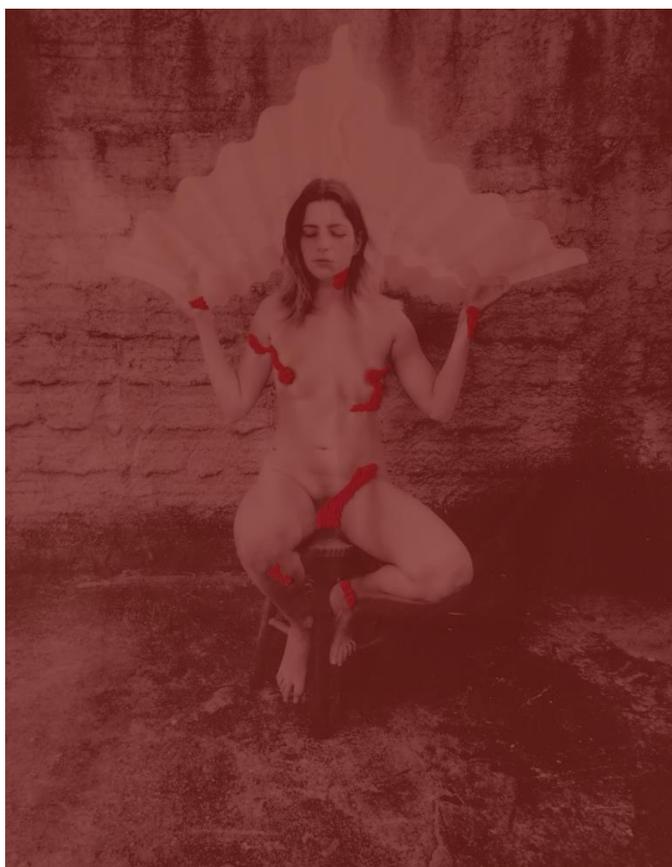


Figura 16: Vanessa Cristina Dias. **encarnada**, 2018-2024.
Fotografia digital e bordado. Fonte: acervo da artista.

Quando criança, sonhamos. Sonhei muito. Testei as possibilidades. Fui professora, modelo, atriz, arquiteta, artista, cantora. Câmera, microfone, caderno, pincel, lousa, lápis, texto. Fui livre. Corpo-impulso de ser-experimentar. ~~Potência perdida.~~ **Potência recuperada!**

Cresci. Não me tornei modelo, nem atriz, cantora ou arquiteta. Estou me tornando professora, pesquisadora, artista e quem sabe, escritora. **Ainda posso sonhar...**



Figura 17: Trabalho escolar, 1999. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Se estou discente de mestrado neste momento, ao menos até que os ritos se cumpram, **sou – e esta é a única coisa inegociável – aprendiz, estudante, aluna.** Mesmo que eu venha a ser (insira uma profissão), jamais abandonarei esse modo de compreender, pois essa é a postura que me permite, continuamente, me tornar outra. Posso deixar a docência ou nunca mais fazer qualquer objeto artístico, posso parar de escrever, mas em nenhuma circunstância, deixarei minha borbulhante curiosidade, minha vontade de compreender para além de qualquer metanarrativa. Há sempre o que ser aprendido.

Aprender dá prazer.

Ano passado participei da oficina de bordado conduzida pela artista Juliana Gonzales no Centro de Artes da UFPel. Na ocasião, ela propôs que bordássemos algo que remetesse a uma memória afetiva da infância. Estávamos em uma mesa circular, composta apenas por mulheres. Uma a uma, dividimos nossas memórias. **Qual memória foi ativada?** Ouvi atenta, deixando uma irromper em meu peito. Fechei os olhos por um momento. Prontamente lembrei de meus cabelos voando levemente, meus pés afundados na areia, molhados pela água do mar, com uma das mãos tocava de minha mãe. Depois, fazíamos castelos de areia, nadávamos, comíamos milho e algodão-doce. Retornei da lembrança e fui pegando as linhas e a agulha. Continuei o trabalho em casa. Meu primeiro bordado. Depois quis pintar o céu e fazê-lo mais doce com nuvens de algodão. A paisagem eternizada em meu corpo ganhou outras formas, texturas, contornos.



Figura 18: Vanessa Cristina Dias, **algodão-doce**, 2024. Bordado, aquarela e algodão sobre tecido de algodão, 12cm.

Fonte: Acervo da artista.

Meu lugar preferido no mundo sempre foi a praia. Vez ou outra, depois de voltarmos da praia, minha mãe lia algo pra mim. Daí que vem meu gosto por livros. A presença deles me trazem a presença dela. Nas estórias, tudo é possível. Delas, sempre irrompem outros mundos. Antes, os livros me faziam escapar das coisas que crianças jamais teriam que lidar. Hoje, me libertam de mim mesma.



Figura 19: Fotografia analógica, 1996. Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 20:
Trabalho
escolar, 1999.
Fonte: Acervo
da pesquisadora.

Guardo tantas memórias significativas com minha mãe. Há uma outra, que me é muito especial. Dessa vez, a situação não aconteceu na praia, mas em uma das idas ao hospital, para a retirada

de resultados de seus exames. O ônibus que pegávamos nos deixava longe do hospital, fazendo com que tivéssemos que caminhar por um trajeto longo e, a princípio, entediante. Neste dia em particular, fizemos uma caminhada mais lenta e contemplativa. Sintonizadas, conversamos pouco, apenas o suficiente.

O sol estava presente, mas sem fazer arder os olhos ou a pele, ele apenas nos iluminava e aquecia de forma aconchegante. As árvores pareciam reluzir mais do que em qualquer outro dia que ali passamos. Uma em específico ganhou atenção especial de minha mãe. Uma árvore de **“mata-fome”**⁴⁹! Com um sorriso largo, contou que sempre comia aquela frutinha marrom de formato estranho, com seu falecido pai e, que não encontrava uma árvore daquelas há anos. Paramos embaixo da árvore, comemos e saboreamos o fruto doce. Ficamos em silêncio por algum tempo, dando tempo para o corpo assimilar o prazer. Compartilhamos, um momento de completo gozo, mesmo em meio a tantas preocupações financeiras e de saúde.

Ao relatar a memória, voltei a fatídica pergunta: “[...] O que é essencial?” (Alves, 2011, p. 11), feita por Rubem Alves outrora, quando ainda me encontrava em suspenso⁵⁰. Sinto que agora, me é possível respondê-la. Caro amigo,

o essencial é ter fome.

⁴⁹ Na verdade, este é o nome popular da uva japonesa.

⁵⁰ Capítulo 3. Recluir, pág. 95.



Figura 21: Pam Fogaça. **bulbo, ou o que brota nas ruas**, 2021. Exercício performático e colagem digital. Fonte: cedido pelo artista.

Insistir em buscar prazer em meio às dores, marcas, traumas e cicatrizes porque tenho fome. **Muita fome.** De prazer, de saber, de fazer, de poetizar. Fome de escrever, saborear, criar, pintar. Fome de Eros requer meu corpo por inteiro e evoca todos os meus sentidos. Contra todas as forças que “não sabem gerir ou comer a vida” (Inocência, 2021, p. 178). Comer significa fusionar, fundir duas vidas em uma só” (Coccia, 2020, p. 109)

“Por fome não me refiro apenas à nossa imperiosa necessidade de alimentar os corpos, mas também à ausência de sentido – como um buraco na barriga da razão. Me refiro à necessidade de romper com a ciranda onde estamos enclausurados e de manejar ferramentas das quais estamos aparentemente (ou conscientemente) desprovidos para realizar rupturas que permitissem um pouco de ar em nossas rotinas acachapadas pelo peso da miséria e da subsunção capitalista que homogeniza tudo e mata o que somos, ainda que nos deixe vivos” (Silvestre, 2021, p. 12).



Figura 22: Coletivo Cuidado Louças. **Cozinhar-te.** 1980. Instalação.

A fome não vem só da falta. Não vem só de quem está com o estômago ou o coração vazio. Mas de quem já comeu, já obteve a satisfação e que precisa da fome para lembrar de continuar satisfeita. A memória física e cognitiva do corpo, é

que permite a operação do erótico ampliado, em um processo de avaliar “[...] se o outro em questão [humano ou não humano, coisa ou signo, força ou forma] produz um efeito de intensificação ou de enfraquecimento das forças vitais específicas que nos compõem” (Rolnik, 2021, p. 28).

Assim, penso que minha mãe não apenas me ensinou a ter fome, mas é ela própria ebó⁵¹, é ela própria é alimento para o meu corpo-memória que devolve o acordar de minha existência, permite retomar o animal sensível que sou (Inocêncio, 2021), em sua essência germinativa. E, não só ela. São muitos frutos “mata-fome” em minha vida. À exemplo de minha vó Zaira, que era pintora, me ensinou a apreciar as cores, as formas. Minha tia Cláudia, que me mostrou como o artesanato é terapêutico. Minha vó Ofélia, que tecia, costurava com cores e texturas, me mostrando como se faz um lar. Mariana, minha prima, que cultivou em mim o brincar e a leitura. E Sônia, minha tia que me ensinou a apreciar os astros e os oráculos.

O amor delas e de outras pessoas, como meu companheiro Ranieri, é um dos elementos que fazem em mim, um transbordamento da vida. Este, é um modo de vida oposto ao narcisista empresarial atual (Han, 2017). Operando com os transbordamentos, podemos buscar pelo bem viver e não apenas um “mero viver” (Han, 2017). Isto é, podemos viver bem, viver melhor coletivamente.

⁵¹ Ebó ou ebô se refere a rituais de oferenda das religiões Umbanda e Candomblé. Oferece-se comida e bebida aos orixás em troca de purificação e equilíbrio. Aqui, uso simbolicamente como alimento que prevê troca.



Figura 23: Julia Pema, **nós**. 2021. Frames da vídeo-performance. Fonte: Cedida pela artista.

Com quantos corpos se faz um corpo? Quantos enlaces são necessários pra fazer um corpo? Quantos nós me tecem?

Se ousarem me perguntar, direi:

Vanessa, Jacqueline, Luana, Fernanda, Eloá, Mari, Alessandro, Joana, Carolina, Eliza, Marielle, Cristina, Zaira, Cláudia, Ofélia, Mariana, Sônia. Aline, Ursula, Manu, Thays, Nádia, Carol. Sou Júlia, Pam, Katiane, Isabel, Marília, Gabriel, Ana, Mariela, Taís, Alessandra, Ariane, Carina, Virgínia, Andy. Audre, Suely, Paul, Beatriz, María, Camila, Yuderkis, Glória, hooks. Sou Pandora, Xangô, Eva, Medusa, Lilith, Iemanjá, Búfala. Sou nós.

Para nos configurarmos em uma paisagem-imago, precisamos aprender a não fazer nenhuma etimologia. Não há espaço para lepidopterologistas. Não quero que outros nos classifiquem, nomeiem, queremos falar, fazer, ser de nós por nós mesmas. Compomos uma multiplicidade de subjetividades e corpos mariposas. Há trânsitos de saberes, culturas e rituais. Nos situamos nos erros, nas falhas, nas lacunas que permitem a construção coletiva e singular de nós, de nossas moradas, nossas escolas, nossas vidas. Nossos encontros são sempre na encruzilhada, e dela reverberamos pelo mundo com nosso bater de asas.

Aqui, a vida coletiva é tomada na composição de uma paisagem erótica metamorfa. “Atravessar uma metamorfose significa poder dizer “eu” no corpo do outro” (Coccia, 2020, p. 52). Sou composta pela alteridade, e o outro permanece em mim, por meio das descargas que provocou em meu corpo.

No garimpar-me, o que fica são imagens, corpos, memórias que vão e vem. O gozo, não é imperativo, mas consequência do que essas imagens, esses corpos e essas memórias me causam. Me torno uma máquina-cósmica de criar, de imaginar, de construir lembranças. Meu passado existe é escrito por mim, pelo corpo-vivo. Meu futuro eu desenho em meio as fissuras. E, para sair lambuzada, para que a vida não pare de pulsar, faço uma ode a Eros.



Figura 24: Adrianna Eu, **um garimpo de si**. 2022. Instalação. Fonte: Catálogo 12^a Bienal do Mercosul.

5. DEVIR.

**Outras metamorfoses: viver
eroticamente**

“Trata-se de libertar a vida, lá onde ela é
prisioneira”.

Gilles Deleuze & Félix Guattari

Independente da tradição de pensamento ou das referências associadas por Preciado, Han, Lorde e Rolnik, eles e elas articulam com seus vocabulários, a força movente da vida como abstrata e incapaz de se materializar em si mesma. São as energias germinativas que se contrapõe radicalmente aos processos de cafetinagem (Rolnik, 2018), em que se desconfia do erótico (Lorde, 2019), na qual somos envolvidos pela farmacopornografia (Preciado, 2018a) e, que performance e desempenho vêm imperando (Han, 2017) em todos os âmbitos da vida. Daí a emergência do resgate e ampliação de Eros, principalmente em relação aos corpos e subjetividades dissidentes, colonizadas etc. pois, é dele que a energia necessária a mudança nos é fornecida abrindo caminhos para fissurar as opressões e violências (Lorde, 2019).

Como seres culturais e de linguagem, na troca com o outro, assimilamos o que já sabemos, com as novas informações que nos chegam, num processo de racionalização que fala de uma decifração que é sempre parcial, porque há efeitos no corpo, que geram desconforto e mal estar, nem sempre explicáveis, decodificáveis. Entre a decodificação e as sensações, é que está o erótico. Entre o que explicamos e materializamos e o que não conseguimos explicar, racionalizar, mas que depois de causar efeito sobre nós, nos faz agir. A ponto de que de alguma forma, consigamos materializar e dar sentido as nossas experiências agradáveis e dolorosas. É como uma gangorra,

um vai-e-vem contínuo que nos transforma de algum modo. Então, esse misto de sensações e racionalizações do dito e do não dito, do visto e do não visto geram efeitos irreversíveis. A partir deles, não é possível não atuar, operar, fazendo com que tragamos para a realidade tudo aquilo que pode ser palpável em alguma medida.

Os resultados das nossas intervenções podem atingir outras pessoas, principalmente as que estão na mesma tentativa de elaboração e que conscientemente ou não, entendem que é preciso se agarrar os fios que tecem nossas vidas. Todo esse processo se torna inevitável a partir do momento que somos inebriantemente afetados e que depois, não conseguimos mais ser os mesmos, sentir, pensar e viver da mesma maneira. Nem sempre a mudança é radical, podem ser pequenas mudanças, que entram em devir desde que nos entrelaçamos aos fios. É como dançar em uma fita de *moebius*. O erótico é o recurso interno que guia a dança, é tanto o que permite mudarmos de direção, transformarmos nossos caminhos. O erótico ampliado nos lembra de porque é preciso seguir dançando, caminhando, voando...

**O erótico é a afirmação
da vida sobre a vida.**

A experiência erótica ampliada é perpassada por descargas sensíveis e cognitivas e, por isso, é sempre uma experiência estética inefável. No entanto, essas experiências podem ser traduzidas ou elaboradas por meio da linguagem (neste caso, da escrita e das imagens), de modo que esta operação, possa ser ela mesma uma fonte de prazer.

Como mencionei, cada pessoa encontra sua própria maneira de operar o erótico contra as forças de assujeitamento atuais. Algumas possibilidades são: reativar uma memória. Lembrar de um momento em que fomos capazes de desfrutar, de gozar, nos permite sentir a descargada de prazer novamente, mesmo que jamais na mesma intensidade; lançar o próprio corpo em ações – que sempre envolvem outros seres, coisas e elementos – com base nos saberes já engendrados e memorizados por ele. Neste sentido, há um saber do corpo, um conhecimento profundo que reconhece que o prazer é possível. Essas novas experiências eróticas, passam a compor o bloco de memórias satisfatórias, a fazer parte deste saber íntimo; ou ainda, em dar vazão as dores e abusos, transformando-as em força motriz.

Pode parecer contraditório dizer que operei o erótico por meio das histórias e estórias que relatei nos atos de devoração. Afinal, toda cafetinagem a qual o meu, e outros corpos foram submetidos, me dá muita raiva, faz arder a revolta dentro de mim. Mas, não quero que minha existência seja definida pela raiva porque, ao longo do tempo, a raiva me devorou por dentro. Quanto mais machucada eu ficava, mais raiva eu sentia, mais ainda machucava as pessoas a minha volta, e se estabelecia um *looping* de dor e violência. Sempre sábia, bell

hooks diz que é possível “Transformar a raiva interiorizada em uma energia construtiva e autoafirmava que possamos usar de modo eficaz para resistir à dominação” (hooks, 2013. p. 147). Foi o que fiz em Larvar. Expurguei a dor e a raiva por meio da costura entre escrita poética e teórica e, algumas poucas imagens. Esse capítulo funcionou como uma espécie de catarse.

Depois, me lancei em pequenos devaneios poéticos, a fim de respirar, tomar fôlego para continuar experimentando eroticamente. Com dificuldade, pois a água subiu demais por aqui, tentei recomeçar. Ampliei o erótico e, mesmo que timidamente, experimentei esteticamente com imagens e me lancei em pequenos exercícios poéticos para fazer algumas imagens. Não me afastei da escrita poética e teórica, porque a essa altura, me é impossível não escrever com o corpo todo, é como se enviasse “uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra” (Lispector, 1998, p. 12). São experiências de gozo e êxtase que me inebriaram na feitura de Idear. Idear que é verbo para imaginar, criar, projetar, foi tecido de nós e enlaces entre o meu corpo, as minhas memórias e outras pessoas, materialidades e virtualidades.

A metamorfose aconteceu. Saí do sorvedouro, mas as cicatrizes seguem em meu corpo. Isso significa que, paradoxalmente, saí outra, porém continuo a mesma. “A metamorfose existe porque todo ser vivo depara-se com ter de passar, em uma mesma linha de vida, pelas experiências e mundos mais diversos: ela é um corredor que permite ao ser vivo não ser obrigado a viver várias vidas simultaneamente, e,

aos dois, coabitarem sem se fundirem inteiramente” (Coccia, 2020, p. 76). Fundir a vida em um eterno romper de casulos.

Georges Didi-Huberman (1953) teorizou sobre as imagens da arte a partir da vida e da morte das borboletas. Assim como ele, entendo que “Não é por acaso que a metamorfose da lagarta e da ninfa em borboleta é chamada de imago [...] ela bate — ela bate as asas” (Didi-Huberman, 2010, p. 2). Para ele essa transformação é o que materializa uma imagem ou um conjunto de imagens. “É uma questão de aparição visual e de experiência corporal ao mesmo tempo” (Didi-Huberman, 2009, p. 2). Aqui, a metamorfose é o efeito fatal das descargas do mundo sobre mim. Dei corpo a minha transmutação erótica. Mergulhei no caos para “bater as asas”, para operacionalizar os afetos que pediram passagem.

Busquei dissolver, mesmo que momentaneamente, alguns saberes-poderes que produziram violência em mim. Pois, deste modo, preservo e, até, intensifico minhas potências. Não pude abranger todas as esferas do erótico ampliado em plenitude, já que o tempo dos **afectos** e dos **perceptos** (Deleuze, Guattari, 2016) é outro que não o linear. E, mesmo que nesta pesquisa, eu tivesse dado conta de traduzir e elaborar outros sentires micropoliticamente, eu jamais atingiria uma descolonização feminista definitiva pois, estou sendo permeada de novas tensões, forças que oscilam ao meu redor, as quais não tenho controle.

Não defini o que é bom em relação ao lucro, mas às minhas próprias necessidades humanas, considerando meus sentimentos e emoções, para que eu não tenha o valor de meu trabalho roubado.

Trabalhei mantendo o encanto pela realização do que me proponho e pela minha própria vida. Não reduzi minhas empreitadas no campo profissional como mero “arremedo de necessidades” (Lorde, 2019, p. 69), apenas busquei ter em mente quem eu sou e as pessoas com as quais divido meus afetos.

Com a satisfação atrelada a ética – direcionada a mim mesma e ao coletivo – apresentei minha colcha de retalhos, meu *quilt* feminista experimental. Ativei cartografias, poetizei pela escrita e pelas imagens, com meu suor, meu sangue, minhas vísceras, meu sonhar, minha memória, meu corpo todo. Experimentei contra os meus hábitos, histórias e estórias que de algum modo já estavam escritas em mim, permitindo que eu reivindicasse minhas potências de vida e que eu alterasse minha paisagem existencial. Nem sempre estaremos gozando. A satisfação brota, por vezes, em meio às dores. Dor e erótico coexistem.

O erótico é passado-presente-futuro sem futurismo⁵². É um caminho contínuo e não progressivo. Com o erótico, não se vai chegar em um lugar outro, como quem encontra o pote de ouro no fim do arco íris, mas é uma construção que se dá nos dias, em suas possibilidades. Não há um erótico melhor, mas a construção de um corpo-sujeito que ao se manter em relação, cria ondas de afetivas que podem melhorar o todo, abraçado nas alteridades, singulares e coletivas. Como recurso, é algo que precisa fixar, emaranhar nossos corpos, para que nunca percamos a vontade de viver melhor, de viver bem, de viver

⁵² Trocadilho com o movimento artístico e modernista do futurismo que tinha como prerrogativa o progresso a qualquer custo.

eroticamente. Mesmo porquê, se é nos períodos de convulsão social e política, que fica sempre mais difícil de viver, “é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram” (Rolnik, 2018, p. 25).

Assim, sigo costurando, tecendo a seda que ajuda a cicatrizar as feridas que serão para sempre marcas inesquecíveis no corpo (e para além dele). Para mim, minha força está na arte, na educação, no próprio ato de pesquisar, em fazer amor (sexo ou foder mesmo), em ler e escrever, em cozinhar, em saborear o fruto. Matar a fome. Com a ampliação do erótico, vejo fendas e fissuras em todos os lugares e, nelas, me lanço, sempre que possível.



Figura 25: Vanessa Cristina Dias, **aqui pulsa vida**, 2024. Fotografia digital de pixo. Fonte: Acervo da artista.

Referências.

ABHIYANA. O cu é o erotismo do ânus. In: AMBRA, Pedro (org.). **As subversões do erótico**. Coleção Ecos. São Paulo: Editora Bregantini, 2022. p. 33-42.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. Editora Planeta do Brasil, 2011.

AMBRA, Pedro. Introdução. In: AMBRA, Pedro (org.). **As subversões do erótico**. Coleção Ecos. São Paulo: Editora Bregantini, 2022. p. 7-14.

ARFUCH, Leonor. Las subjetividades en la era de la imagen: de la responsabilidad de la mirada In: DUSSEL, Inés; GUTIERREZ, Daniela (org.). **Educación la mirada: políticas y pedagogías de la imagen**. 1 ed. Buenos Aires: Manantial: OSDE, 2006.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, 2000. p. 229-236.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza**. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.

ANZALDÚA, Gloria. **Luz en lo oscuro: interrumpir el paradigma**. Ensayo. 2021b. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/> Acesso em: 31 jul. 2023.

ANZALDÚA, Gloria. **A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021b.

BACELLAR, Camila Bastos. À beira do corpo erótico descolonial, entre palimpsestos e encruzilhadas. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**. Sexualidades do sul global. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 284-296.

BIDASECA, Karina Andrea. A G U A ANA/MENDIETA/ Q I X I trasposiciones/ transtemporalidades. In: BIDASECA, Karina Andrea (org). **Poética erótica de la relación**: estéticas descoloniales desde el Sur: arte, memorias y cuerpos, n. 2. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021. p. 11-21.

CANSECO, Beto. Sobre Eros e sua força subversiva: carta a quem quiser mudar o mundo. In: AMBRA, Pedro (org.). **As subversões do erótico**. Coleção Ecos. São Paulo: Editora Bregantini, 2022. p. 109-119.

CASTRO, Susana de. Condescendência: estratégia pater-colonial de poder. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**. Perspectivas Descoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 164-178.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. 2 ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Editora 34, 2016.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: N-1, 2016.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3 Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Imaginer, disloquer, reconstruire. **Histoire de l'art et anthropologie**. Paris: INHA, Musée du quai Branly; 2009. Disponível em: <<http://actesbranly.revues.org/193>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. 234f.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 20, p. 83-94. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200007>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: RABINOW, Paul. DREYFUS, Hubert (org.), **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica (p. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

FOUCAULT, Michel. Sade, Sargento do Sexo (1975). *In*: MOTTA, Manoel Barros (org.) **Ditos e Escritos III**. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitana, 2009. p. 366-370.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**: O uso dos prazeres. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020b.

G1. ‘Já está feito, já pegou fogo, quer que faça o quê’, diz Bolsonaro sobre o incêndio no Museu Nacional. **Portal G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/04>>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo *queer*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 197, jan. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100015>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

GREINER, Christine. **O Corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Ed. Annablume, 2005.

GREINER, Christine. **Corpos crip**. Instaurar estranhezas para existir. N-1 edições, 2023.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Rio de Janeiro: **Revista Periferia**, v. 1, n. 2, p. 41-91, jul/dez., 2009. Disponível em: <

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3428/2354>>. Acesso em 24 mai. 2023.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

HAN, Byung-Chu. **Agonia do Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 02 ago. 2022.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza**. Universitat de València, 1995.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HOOKS, bell. Eros, erotismo e processo pedagógico. *In*: HOOKS, bell (org.). **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 253-264.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

INOCÊNCIO, Raísa. Saber-Comer, Comer o Saber. **Das Questões**, v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/37255/29182>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo, RS. Ed. UNISINOS, 1999.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

KIRCHOF, Edgar Roberto. **A Estética Antes Da Estética**: de Platão, Aristóteles, Agostinho, Aquino e Locke a Baumgarten. Editora da ULBRA, 2003.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPONTE, Luciana Grupelli. **Docência artista**: arte, estética de si e subjetividades femininas. 207f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. In: LORDE, Audre (org.) **Irmã outsider**. Ensaios e Conferências. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>>. Acesso em: 08 ago. 2023.

LUXOR, Dommenique. A gargalhada da dominatrix. In: AMBRA, Pedro (Org.). **As subversões do erótico**. Coleção Ecos. São Paulo: Editora Bregantini, 2022. p. 15-32.

MACIEL, Jane Cleide de Sousa. Atlas Mnemosyne e Saber Visual: atualidade de Aby Warburg diante das imagens, mídias e redes. **Revista Ícone**, Recife, v. 16, n. 2, 191–209, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.34176/icone.v16i2.238041>>. Acesso em: 18 out. 2022.

MCLAREN, Margaret A. **Foucault, Feminismo e Subjetividade**. São Paulo: Intermeios. 2016.

MEDEIROS, Afonso. Artes, Pornoerotismos e Identidades LGBTQIA+ em trânsitos estéticos. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 6, n. 3, 2021. DOI: 10.5965/24471267632020022. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19056>. Acesso em: 31 ago. 2023.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). **Educação do Olhar no Ensino das Artes**. 3ª ed. Porto Alegre, RS. Editora Meditação, 2003.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**. Perspectivas Descoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 111-137.

MUHOLI, Zanelle. Curta-metragem **Human Rights Watch**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9aiufq04dp0&t=667s>>. Acesso em: 24 jun. 2024

NERÉT, Gilles. **O erotismo na arte do século XX**. Benedikt Taschen, 1994.

NETTO, Livian Lino. **Tese-crônica: uma prática de imaginação e escrita feminista latino-americana**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023. 103p.

OCAMPO, Estela. A la manera de los primitivos. Trascender lo real. *In*: FIZ, Simón M. (Org.). **Real/Virtual en la estética y la teoría de las artes**. Barcelona: Paidós; Fundación Carolina, 2006, p. 127-149.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAIVA, Alessandra Simões. **A virada decolonial na arte brasileira**. Bauru, SP: Mireveja, 2022.

PARAÍSO, Marlucy. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e

estratégias. In: MEYER, Dagmar e PARAISO, Marlucy (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 2012.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). **Educação do Olhar no Ensino das Artes**. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Editora Meditação, 2003.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Pensador da extrema direita, Jack Donovan radicaliza o machismo. **The Intercept Brasil**, RJ, 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PLATÃO. Diálogos: O banquete; Fédon; Sofista; Político. In: PESSANHA, José Américo Motta (org.). **Os pensadores**. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PRECIADO, Paul B. Prefácio. In: ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. n-1 edições, 2018b.

PRECIADO, P. B. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. n-1 edições. 2018a.

PRECIADO, Paul B. **Transfeminismo**. A coragem de ser você mesmo (2014). (Série Pandemia). São Paulo: N-1 Edições, 2018c.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**. Zahar. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **Partilha do sensível**. Editora 34. 2009.

ROELOFS, Monique. Estética, endereçamento e ‘sutilezas’ raciais. In: DAMIÃO, Carla M.; ALMEIDA, Fábio F. (org.). **Estética em**

preto e branco. Goiânia: Ricochete, 2018. Disponível em: <https://cegraf.ufg.br/up/688/o/Estetica_em_Preto_e_Branco_-_ebook_final.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo (2^a. ed.). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia zumbi.** São Paulo: n-1 edições, 2021.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. n-1 edições, 2018.

SANTORO, Fernando. Sobre a estética de Aristóteles. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. 1, n. 2, maio 2007, p. 1-13. Disponível em: <<https://revistaviso.com.br/article/36>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SCHLEE, Andrey R. Sem Democracia não há Patrimônio. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 8, n. 1, p. 08-13, jan. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/31336>>. Acesso em: 5 abr. 2024

SIÑANI, Marília Cláudia F. **Imagens e memórias: tecendo caminhos para uma educação estética libertadora e decolonial.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023. 182p.

SILVESTRE. Helena. **Notas sobre a fome.** São Paulo, Expressão Popular, 2021.

SOARES, Luís Eduardo. **Dentro da noite feroz: o fascismo no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

STUBS, Roberta. **A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismo e produção de subjetividade**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. 276p.

TONIN, Thays. **Paulo Gaiard: Arquivos Visuais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Linha de Teoria e História das Artes Visuais. 2022. 165p.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisa e educação: questões ética, estéticas e metodológicas. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (org.) **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Editora UFSM, 2012. p. 231-252.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VELOSO, Juliana de Lima. **Fendas: pensar corpo, gênero e sexualidade com arte e educação**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2019. 191p.

Anexo.



Figura 26: Vanessa Cristina Dias, **patuá erótico**, 2024. Saquinho de algodão 5x5cm com bordado. Fonte: Acervo da artista.

Patuá é um objeto de origem africana que funciona como um amuleto para trabalhar energias específicas. Para muitas religiões de matriz africana, o patuá é usado para canalizar boas energias e afastar as más. É um símbolo sagrado. Instrumento espiritual que auxilia na manutenção dos saberes ancestrais. Ele pode ser feito de diversas formas. A partir de cestos, sacolas ou bolsas. Pode ter pingentes, fitas coloridas, correntes e outros símbolos. Em alguns casos, é utilizado o bordado para gravar o nome do orixá que se pretende canalizar. Dentro, poder conter ervas, sementes, minerais, imagens e entre outros.

Nesta ocasião, levando em conta que somos seres inacabados em um mundo de impermanências e, por isso, devemos nos reinventar perpetuamente para que não deixemos que nossos desejos e prazeres sejam limados e capturados, teço um patuá erótico e, dou de presente para a banca. Se nosso desafio está em não nos submeter a dominação, sinto e penso que devemos nos agarrarmos ao erótico ampliado como quem carrega um patuá, que nos lembra desse trabalho complexo, sutil e infinito que é não render nossa satisfação ao regime colonial-capitalístico.

Por fora bordei a palavra erótico e os nós e fios que nos sustentam. Por dentro, coloquei 3 imagens que compõe a dissertação (Figuras X, X e X) em papel adesivo. Além disso, coloquei as frases a seguir, que também aparecem ao longo da dissertação e, que funcionam como gérmens para que cada professora confeccione seu patuá e operacionalize o erótico ampliado a sua maneira.

O que pode um corpo?

O que me satisfaz?

**“O erótico é o que estimula e
vela pelo nosso mais profundo
conhecimento”**

Audre Lorde

**“uma força de transformação
do mundo em prazer -
“prazer com”**

Paul Preciado

**“força que intensifica nosso
esforço global de
autorrealização”**

bell hooks

**O erótico é a afirmação da
vida sobre a vida.**



Figura 27: Entrega dos patuás eróticos, 2024. Fotografias da banca. Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 28: Entrega dos patuás eróticos, 2024. Fotografias da banca.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

